

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
ARQUITETURA E URBANISMO

# ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: ESTUDO DE CASO DO BAIRRO DE OURO PRETO, OLINDA

BEATRIZ EUGÊNIA MAUZO DE SOUZA CRUZ - 2025

OURO PRETO



**Universidade Federal de Pernambuco**  
**Centro de Artes e Comunicação**  
**Arquitetura e Urbanismo**

**BEATRIZ EUGÊNIA MAUZO DE SOUZA CRUZ**

**ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: ESTUDO DE CASO DO BAIRRO DE OURO  
PRETO, OLINDA**

**Recife, 2025**

**BEATRIZ EUGÊNIA MAUZO DE SOUZA CRUZ**  
**PROF<sup>a</sup> ORIENTADORA: DAYSE LUCKWÜ MARTINS**

**ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: ESTUDO DE CASO DO BAIRRO DE OURO  
PRETO, OLINDA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dayse Luckwü Martins

**Recife, 2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cruz, Beatriz Eugênia Mauzo de Souza .

Espaços livres públicos: estudo de caso do bairro de Ouro Preto, Olinda /  
Beatriz Eugênia Mauzo de Souza Cruz. - Recife, 2025.

124p. : il.

Orientador(a): Dayse Luckwü Martins

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -  
Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Planejamento Urbano. 2. Espaços Livres Públicos. 3. Ouro Preto - Olinda.  
4. Conforto Ambiental Urbano. I. Martins, Dayse Luckwü. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus avós, Cecília e Manoel, que sempre me acolheram e me fizeram chegar até aqui com toda luta, carinho e cuidado de uma vida. À minha mãe, Danielle, e ao meu pai, Helano, por acreditarem no meu potencial e por me ensinarem a ter coragem para correr atrás dos meus sonhos, sabendo que eu sempre tenho com quem contar. À minha tia Suzane, por sempre apoiar os meus objetivos e por todo suporte e encorajamento ao longo dos anos. A Eduardo, meu companheiro de vida e de visitas de campo, que sonha os meus sonhos junto a mim e não me deixa desistir nos momentos de dúvidas.

Às minhas amigas, Ary, Carol, Elis e Flora, com quem cresci lado a lado, por sempre torcerem e se fazerem presente, dando todo apoio e incentivo independente da distância. Aos amigos que o curso de Arquitetura e Urbanismo me deu e sempre levarei comigo, Ali, Dani e Lucas, por todo amparo e apoio, por todas as noites viradas e projetos entregues. Agradeço à minha orientadora, Professora Dayse, por ter me confiado e encorajado o desenvolvimento desse projeto, por toda dedicação e acompanhamento ao longo desse período de construção.

Essa conquista não é só minha, ela também pertence a todos eles que caminham ao meu lado, fazendo do meu trajeto uma jornada menos árdua.

## Lista de Figuras:

Figura 1: Vista de Leicester Square Londres, 1753.....	20
Figura 2: Vista de Londres com ferrovia (Gustave Doré, 1872).....	21
Figura 3: Cidade Jardim elaborada por Ebenezer Howard.....	21
Figura 4: Cidade Jardim Welwyn elaborada por Louis de Soissons.....	22
Figura 5: Sistema dos espaços livres em vermelho, Los Angeles - EUA.....	23
Figura 6: Cálculo do Espaço Público Total Por Habitante.....	30
Figura 7: Cálculo do Espaço Público Efetivo Por Habitante.....	30
Figura 8: Cálculo do Espaço Público Verde Por Habitante.....	31
Figura 9: Cidade do Recife no século XVII, período nassoviano.....	35
Figura 10: Imagem da Praça da República no início do século XX.....	35
Figura 11: Cidade de Recife em 1906.....	37
Figura 12: Cidade de Olinda em 1915.....	37
Figura 13: Expansão Urbana de Olinda no séc. XX.....	38
Figura 14: Localização da cidade de Olinda e do bairro de Ouro Preto, respectivamente.....	38
Figura 15: Bairro de Ouro Preto, antiga Vila Felipe Herreira.....	39
Figura 16: Torre TV Manchete.....	39
Figura 17: Ruínas do convento Santo Amaro da Água Fria.....	40
Figura 18: Identificação do bairro de Ouro Preto, Olinda.....	40
Figura 19: Trecho do Plano Diretor da cidade de Olinda, 2019.....	40
Figura 20: Espaço Público Total por Habitante.....	42
Figura 21: Espaço Efetivo por Habitante (praças e campos de futebol).....	44
Figura 22: Espaço Público Verde por Habitante.....	45
Figura 23: Bairro de Ouro Preto.....	46
Figura 24: Bairro de Ouro Preto.....	46
Figura 25: Quadro comparativo para análise.....	47
Figura 26: Identificação dos espaços públicos analisados.....	48
Figura 27: Mapa de figuras.....	49
Figuras 28 e 29: Espaço 01.....	49
Figura 30: Espaço 01.....	49
Figura 31: Espaço 01 - Área de convivência e equipamentos para exercícios (Rua Ema).....	50
Figuras 32: Espaço 01 - Quadra de basquete (Rua Ema).....	50
Figura 33 e 34: Espaço 01 - Parquinho infantil (Rua Ema).....	50
Figura 35: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	50
Figura 36: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	50
Figura 37: Espaço 01 - Desnível da praça.....	51
Figura 38: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	51
Figura 39: Espaço 01 - Área de convivência e equipamentos para exercícios.....	52
Figura 40: Espaço 01 - Parquinho infantil.....	52
Figura 41: Mapa de figuras.....	52
Figura 42: Espaço 02.....	53
Figura 43: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	53
Figura 44: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	53
Figura 45: Espaço 02.....	54
Figura 46: Espaço 02.....	54
Figura 47: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	54
Figura 48: Espaço 02 - Iluminação à noite.....	55
Figura 49: Espaço 02 - Calçada.....	55
Figura 50: Mapa de figuras.....	55
Figura 51: Espaço 03 - Parquinho para crianças durante o dia.....	56

Figura 52: Espaço 03- Parquinho para crianças à noite.....	56
Figura 53: Espaço 03- Área de convivência ao lado do terminal.....	56
Figura 54: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	56
Figura 55: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	56
Figura 56: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	57
Figura 57: Espaço 03- Quadra de futebol .....	57
Figura 58: Espaço 03- Parquinho para crianças.....	57
Figura 59: Espaço 03 - Terminal de ônibus.....	57
Figura 60: Mapa de figuras.....	58
Figuras 61 e 62: Espaço 04 - Campo de futebol.....	58
Figura 63: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	59
Figura 64: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00) .....	59
Figura 65: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	59
Figuras 66 e 67: Espaço 04- Campo de futebol.....	60
Figura 68: Mapa de figuras.....	61
Figura 69: Espaço 05 - Atualmente.....	61
Figuras 70 e 71: Espaço 05 - Praça antes da reforma.....	61
Figura 72: Mapa de figuras.....	62
Figura 73: Espaço 06.....	63
Figura 74: Espaço 06 - Equipamentos de exercício físico.....	63
Figura 75: Espaço 06 - Área de convivência e parquinho.....	63
Figuras 76 e 77 - Espaço 07.....	63
Figuras 78 e 79: Espaço 08.....	63
Figura 80: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	64
Figura 81: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	64
Figura 82: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	65
Figura 83: Espaço 06 à noite.....	65
Figura 84: Espaço 07 à noite.....	66
Figura 85: Espaço 08 à noite.....	66
Figura 86: Mapa de figuras.....	67
Figura 87: Espaço 09.....	67
Figura 88: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	68
Figura 89: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	68
Figura 90: Espaço 09 à noite.....	68
Figura 91: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	69
Figura 92: Calçada no entorno do espaço 09.....	69
Figura 93: Mapa de figuras.....	70
Figura 94: Espaço 10 - Parquinho na parte inferior durante o dia.....	70
Figura 95: Espaço 10 - Parquinho na parte superior durante o dia.....	70
Figura 96: Espaço 10 - Quadra de basquete.....	70
Figura 97: Espaço 10 durante o dia.....	71
Figura 98: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	71
Figura 99: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	71
Figura 100: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	72
Figura 101: Espaço 10 - Parquinho na parte inferior à noite.....	72
Figura 102: Espaço 10 - Parquinho na parte superior à noite.....	72

Figura 103: Mapa de figuras.....	73
Figuras 104 e 105: Espaço 11.....	73
Figura 106: Espaço 11 - Campo de futebol.....	73
Figura 107: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	74
Figura 108: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	74
Figura 109: Espaço 11 - Campo de futebol.....	74
Figura 110: Espaço 11 - Área de convivência.....	74
Figura 111: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	75
Figura 112: Mapa de figuras.....	76
Figura 113: Espaço 12.....	76
Figura 114: Espaço 12.....	76
Figura 115: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	77
Figura 116: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	77
Figura 117: Espaço 12 - Iluminação à noite.....	77
Figura 118: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	78
Figura 119: Mapa de figuras.....	79
Figura 120: Espaço 13 - Núcleo de fisioterapia de Ouro Preto.....	79
Figuras 121 e 122: Espaço 13.....	79
Figura 123: Espaço 13 - Balanço infantil.....	80
Figura 124: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	80
Figura 125: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	80
Figura 126: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	81
Figura 127: Espaço 13 - Ponto de ônibus à noite.....	81
Figura 128: Mapa de figuras.....	82
Figuras 129 e 130: Espaço 14 - Parquinho infantil.....	82
Figura 131: Espaço 14 - Área de convivência.....	82
Figura 132: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	83
Figura 133: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	83
Figura 134: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	83
Figura 135: Espaço 14 - Parquinho infantil.....	84
Figura 136: Espaço 14 - Área de convivência.....	84
Figuras 137 e 138: Espaço 14 - Rampas.....	84
Figura 139: Mapa de figuras.....	85
Figura 140: Espaço 15.....	85
Figura 141: Espaço 15 - Área de convivência.....	85
Figura 142: Espaço 15 - Ponto de ônibus durante o dia.....	85
Figura 143: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	86
Figura 144: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	86
Figura 145: Espaço 15- Ponto de ônibus à noite.....	86
Figura 146: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	86
Figura 147: Espaço 15 - Corrimão e rampa.....	87
Figura 148: Mapa de figuras.....	87
Figura 149: Espaço 16.....	88
Figura 150: Espaço 16 - Parquinho.....	88
Figura 151: Espaço 16 - Visão geral do espaço.....	88
Figura 152: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	88

Figura 153: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	88
Figura 154: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	89
Figuras 155 e 156: Espaço 16 - Iluminação à noite.....	89
Figuras 157, 158 e 159: Espaço 16 - Rebaixamento de guias.....	90
Figura 160: Mapa de figuras.....	90
Figuras 161 e 162: Espaço 17 - Quadra de futebol.....	90
Figura 163: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	91
Figura 164: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	91
Figura 165: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	91
Figura 166: Espaço 17 - Iluminação da quadra de futebol durante a noite.....	92
Figura 167: Espaço 17 - Descarte de lixo de maneira incorreta.....	92
Figura 168: Mapa de figuras.....	92
Figura 169: Espaço 18 - Parquinho.....	93
Figuras 170 e 171: Espaço 18 - Áreas de convivência.....	93
Figura 172: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	94
Figura 173: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	94
Figura 174: Espaço 18 - Iluminação da praça à noite.....	94
Figura 175: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	95
Figura 176: Espaço 18 - Escadaria.....	95
Figura 177: Espaço 18 - Rampa.....	96
Figura 178: Espaço 18 - Rebaixamento de guia.....	96
Figura 179: Mapa de figuras.....	96
Figura 180: Espaço 19 - Quadra de futebol.....	97
Figura 181: Espaço 19 - Mobiliário para exercícios físicos.....	97
Figura 182: Espaço 19 - Área de convivência.....	97
Figura 183: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	98
Figura 184: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	98
Figura 185: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	98
Figuras 186 e 187: Espaço 19 - Iluminação da praça à noite.....	98
Figura 188: Espaço 19 - Bancos.....	99
Figura 189: Espaço 19 - Rebaixamento de guia.....	99
Figura 190: Mapa de figuras.....	99
Figuras 191 e 192: Espaço 20 - Área de convivência.....	100
Figura 193: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	100
Figura 194: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	100
Figura 195: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	101
Figura 196: Espaço 20 - Iluminação à noite.....	101
Figura 197: Mapa de figuras.....	102
Figura 198: Espaço 21.....	102
Figura 199: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	103
Figura 200: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	103
Figura 201: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	103
Figura 202: Espaço 21 - Iluminação à noite.....	104
Figura 203: Mapa de figuras.....	104
Figura 204: Espaço 22.....	105
Figura 205: Espaço 22 - Área de convivência.....	105

Figuras 206 e 207: Espaço 22 - Parquinho infantil .....	105
Figura 208: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00).....	106
Figura 209: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00).....	106
Figura 210: Espaço 22 - Iluminação à noite.....	106
Figura 211: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00).....	107
Figura 212: Espaço 22 - Lixo descartado de maneira imprópria.....	107
Figura 213: Espaço 22 - Calçada na PE-15.....	108
Figura 214: Mapa de circulação do transporte público.....	109
Figura 215: Zona de Proteção Ambiental 6.....	113
Figura 216: Zona de Proteção Ambiental 9.....	113
Figura 217: Mapa de Diretrizes.....	116
Figura 218: Perfis Viários.....	117
Figura 219: Perfis Viários.....	118

## RESUMO

É inegável a importância que os espaços livres públicos desempenham na complexidade que configura a malha urbana, além de funcionar como uma forma de respiro dentro da rotina caótica da urbe, funciona como um espaço de convívio que alimenta as relações dentro da comunidade. Portanto, há a necessidade de um olhar crítico para a situação desses espaços nas cidades urbanas, principalmente em bairros do subúrbio, que por muitas vezes são ignorados pela administração pública. Diante disso, o trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise quantitativa e qualitativa dos espaços livres públicos do bairro de Ouro Preto, localizado na cidade de Olinda. Dentre os objetivos específicos temos: 1. Classificar e analisar os diferentes tipos de espaços públicos localizados no bairro de Ouro Preto, trazendo dados e análises quantitativas a respeito da área; 2. Estabelecer um recorte para analisar os dados qualitativos, que dizem respeito às sensações do ponto de vista térmico e lumínico, bem como a acessibilidade dessas áreas. 3. Trazer diretrizes e recomendações que visam a contribuição para a melhoria desses espaços destinados ao uso livre pela população. O trabalho foi dividido em três partes, a primeira compreende a abordagem histórica e o aporte teórico, focando nas classificações e conceitos sobre os espaços livres públicos. A segunda traz a análise quantitativa a partir da metodologia aplicada no capítulo intitulado “Indicadores urbanísticos para espaços públicos livres: estudo de caso com aplicação no bairro do Castelo Branco, João Pessoa, PB” elaborado por Dayse Luckwü Martins e Patrícia Alonso de Andrade (2023); Bem como a análise qualitativa realizada através de visitas ao local para a elaboração de mapas. A última parte foi destinada para as diretrizes traçadas a partir da identificação das defasagens, que possam contribuir para modificar esse cenário atual e fortalecer o espaço público democrático de qualidade.

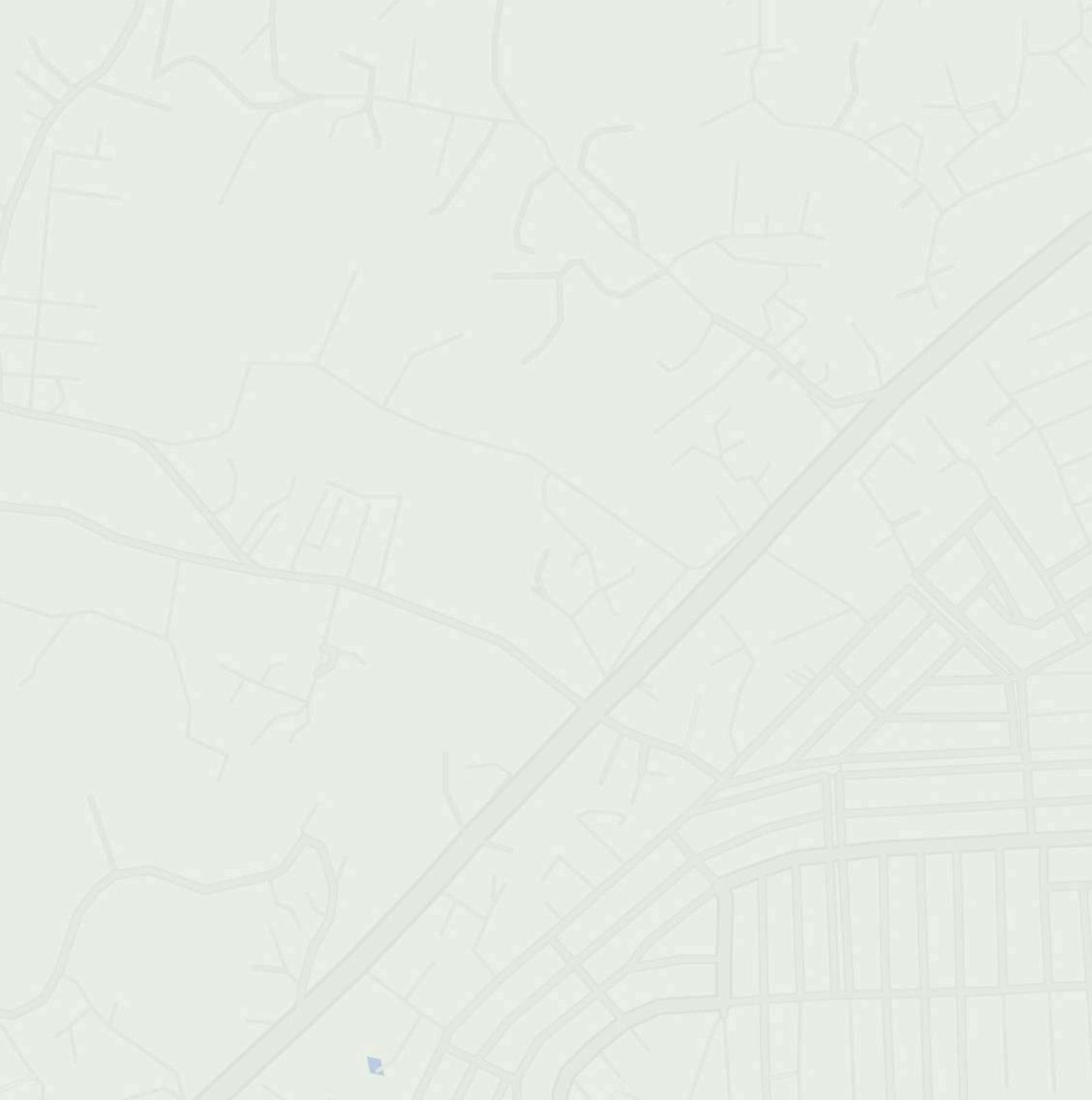
**Palavras-chave:** Planejamento Urbano. Espaços Livres Públicos. Ouro Preto - Olinda. Conforto Ambiental Urbano.

## ABSTRACT

The importance of public open spaces in the complexity that shapes the urban fabric is undeniable. Not only do these spaces provide a breath of fresh air amid the chaotic routine of city life, but they also serve as areas for social interaction, strengthening community bonds. Therefore, it is necessary to adopt a critical perspective on the condition of these spaces, especially in suburban neighborhoods, which are often overlooked by public administration. This study aims to conduct a quantitative and qualitative analysis of the public open spaces in the Ouro Preto neighborhood, located in the city of Olinda. The specific objectives are: (1) to classify and analyze the different types of public spaces in the neighborhood of Ouro Preto, providing data and quantitative analysis of the area; (2) to define a framework for qualitative analysis, focusing on thermal and lighting comfort, as well as the accessibility of these areas; (3) to propose guidelines and recommendations to contribute to the improvement of these areas for public use. The research is divided into three parts: the first presents the historical and theoretical framework, focusing on the classification and concepts of public open spaces; the second includes the quantitative analysis based on the methodology of the study “Urban Indicators for Public Open Spaces: Case Study Applied in the Castelo Branco Neighborhood, João Pessoa, PB” by Dayse Luckwü Martins and Patrícia Alonso de Andrade (2023), as well as qualitative analysis based on site visits and mapping; and the third presents the guidelines drawn from the identified deficiencies, with the aim of transforming the current scenario and strengthening democratic, high-quality public spaces. **Keywords:** Urban Planning. Public Open Spaces. Ouro Preto – Olinda. Urban Environmental Comfort.

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 - ORIGEM E CONCEITUAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS</b>	<b>19</b>
2.1 Breve apanhado histórico sobre os espaços livres públicos	19
2.2 Conceitos atrelados aos espaços livres públicos	23
<b>3 - METODOLOGIA</b>	<b>29</b>
<b>4 - ANÁLISE DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO BAIRRO DE OURO PRETO, OLINDA</b>	<b>34</b>
4.1 Histórico dos espaços públicos em Olinda e Recife	34
4.2 Contextualização da área de estudo	38
4.3 Análise quantitativa sobre a área de estudo	41
4.4 Análise qualitativa sobre a área de estudo	47
<b>5 - Diretrizes</b>	<b>112</b>
<b>6 - Considerações Finais</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>122</b>



# 1. INTRODUÇÃO

## 1 - INTRODUÇÃO

O aumento exponencial da população nos centros urbanos no decorrer dos últimos séculos motivado principalmente pela Revolução Industrial, que ocasionou o êxodo rural em consequência do surgimento desses novos polos econômicos que geraram um grande atrativo com suas oportunidades de trabalho, acabou causando grandes impactos nessas cidades devido ao “inchaço populacional”. Esse processo foi desencadeado em diversas partes do mundo e trouxe à tona questões acerca da necessidade de moradia e de espaços livres públicos, tanto em quantidade quanto em qualidade. Esse acabou se tornando um dos maiores desafios do Planejamento Urbano dentro do Urbanismo como ciência, sendo o efeito causado por essas novas problemáticas e demandas trazidas por fenômenos de dimensões que não eram conhecidas anteriormente (Bardet, 1990).

De acordo com ONU Habitat (2022), apesar da diminuição do ritmo da urbanização durante a pandemia, as projeções indicam que em 2050 a população mundial será 68% urbana, o que torna cada vez mais importante a discussão sobre construir cidades eficientes e para as pessoas. As cidades caminháveis se tornam cada vez mais uma proposta eficaz, com meios de transporte públicos eficientes que visam diminuir a quantidade de carros nas vias, já que esse problema se configura como um dos principais enfrentados nos centros urbanos atualmente. Essa falta de espaço para comportar a quantidade de automóveis também afeta diretamente na qualidade de vida da população, causando desde estresses até graves acidentes no trânsito.

É inegável a importância que os espaços livres públicos desempenham na complexidade que configura a malha urbana. Além de funcionar como uma forma de respiro dentro da rotina caótica da urbe, e como um espaço de convívio propício à formação e estreitamento de relações entre a população, cumprindo com a sua função social, eles também desempenham funções de bem-estar econômico e ambiental. Atuam na redução da poluição do ar e na mitigação do efeito de “ilha de calor”, fenômeno em que áreas urbanas se tornam mais quentes devido à alta concentração de áreas construídas (Maioli *et al.*, 2023).

Cavalheiro e Del Picchia (1992) fazem um paralelo entre a Holanda e o Brasil na questão da proporcionalidade do parcelamento do solo. No primeiro não há normas ou leis que atribuem um quantitativo exato que deve ser seguido para cada setor, diante disso, pode ser identificado que em torno de 40-50% do solo é composto de construções, 10-20% é destinado ao setor viário, e os espaços livres, que não possuem construções e que também estão impossibilitados de serem impermeabilizados após a determinação do zoneamento urbano, se enquadram na porcentagem restante que gira em torno de 40-50%.

Já no Brasil temos a Lei Nº 6766 de 19/12/1979 que determina uma proporcionalidade no parcelamento do solo em seu artigo 4º, onde exige-se que o parcelador do solo reserve, no mínimo, 35% da área a ser subdividida em lotes para a criação de espaços destinados ao sistema de circulação, à instalação de equipamentos urbanos e comunitários, além de áreas livres de uso público. Os parâmetros mínimos estabelecidos por lei devem ser respeitados e cada município pode ter sua autonomia para estabelecer uma porcentagem maior para esses espaços livres. Porém, podemos observar que a legislação define parâmetros menores do que os adotados de forma espontânea pela Holanda.

Com um potencial imenso para o fortalecimento da identidade local e para o acolhimento e celebração da diversidade cultural, os espaços livres públicos também

possibilitam manifestações culturais e eventos destinados à comunidade, criando um ambiente democrático e inclusivo para essa troca de vivências.

Diante do seu caráter imprescindível na estruturação da vida urbana, a importância dos espaços livres públicos vêm ganhando mais evidência com o passar dos anos, trazendo discussões mais frequentes e com participação da população para a tomada de decisões. Essa notoriedade foi vista com mais ênfase durante e após a pandemia do COVID-19, onde os espaços públicos ganharam uma nova perspectiva como descrito por Rodrigo José de Campos a seguir.

Com a Pandemia os espaços públicos começaram a ser vistos de uma nova maneira, devido a necessidade do isolamento social e das medidas de distanciamento que foram impostas para o combate da Pandemia da Covid-19, que impossibilitou a utilização desses espaços. Essa situação ampliou a atenção e deu mais visibilidade para os problemas que esses espaços tinham, que eram deixados de lado, e agora, com a Pandemia, novos desafios são colocados de maneira inédita (ao menos para a atual geração) para pensar e incentivar o uso desses lugares de forma segura e apropriada. (Campos, 2022)

Nas metrópoles também podemos enxergar uma grande aglomeração nos espaços livres públicos, como praças e parques, principalmente nos finais de semana, onde a maior parte da população busca o lazer pela cidade. Nesses centros, que possuem uma melhor infraestrutura se comparado com cidades menores e/ou periféricas, identificamos que há cada vez mais uma necessidade de implantar áreas livres públicas devido a essa aglomeração.

Quando partimos para um cenário de cidades e bairros periféricos a situação torna-se ainda pior, principalmente pela escassez desses espaços, que muitas vezes são confinados a poucas praças de pequenas dimensões e espaços residuais, fazendo com que a população seja obrigada a fazer grandes deslocamentos para buscar esse momento de recreação e relaxamento em outros locais. Essa falta de áreas e equipamentos para suprir as necessidades de quem vive nas periferias causam uma aglomeração ainda maior nas áreas centrais, que já não suprem com totalidade a sua própria população.

Diante deste contexto, a importância desse trabalho se justifica pela necessidade de um olhar crítico para a situação dos espaços públicos nas cidades, principalmente em bairros do subúrbio, que por muitas vezes são ignorados pela administração pública. Portanto, é visado a contribuição para identificação dessas defasagens e delimitar diretrizes para modificar esse cenário atual, fomentando o pensar que impulsiona a ação de projetar para pessoas.

O trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise quantitativa e qualitativa dos espaços livres públicos do bairro de Ouro Preto, localizado na cidade de Olinda.

Além de compreender como se deu o início da formação dos espaços públicos e a sua evolução através do tempo, bem como a conceituação de tal aspecto da morfologia espacial urbana, o presente trabalho tem como objetivos específicos: 1. Classificar e analisar os diferentes tipos de espaços públicos localizados no bairro de Ouro Preto, Olinda, trazendo dados e análises quantitativas a respeito da área; 2. Estabelecer um recorte para analisar os dados qualitativos, que dizem respeito às sensações do ponto de vista térmico e lumínico, bem como a acessibilidade dessas áreas; 3. Trazer diretrizes e recomendações que visam a

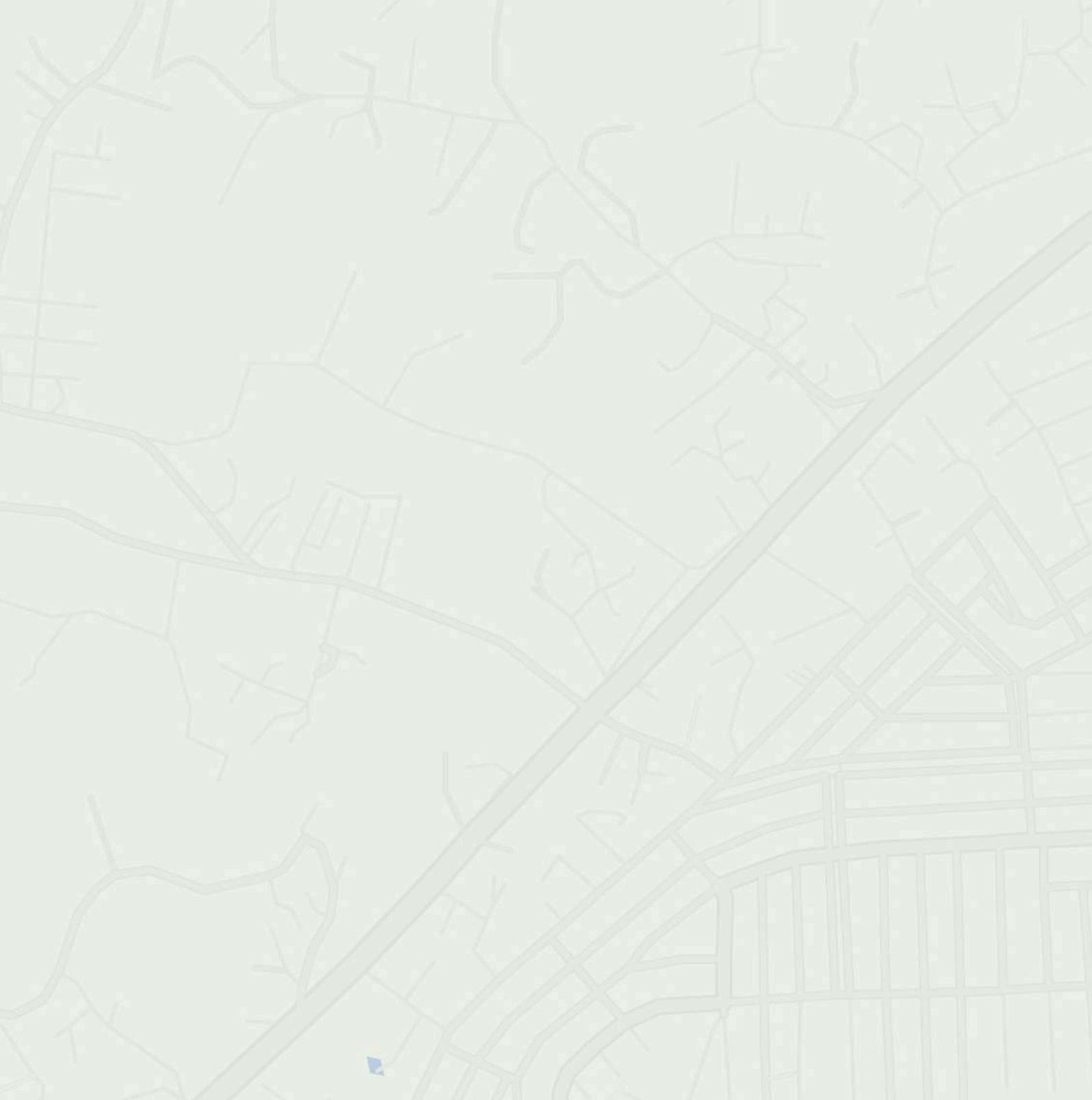
contribuição para a melhoria desses espaços destinados ao uso livre pela população.

Portanto a estrutura do o trabalho segue com a seguinte divisão: O segundo capítulo compreende a abordagem histórica, se debruçando sobre o desenvolvimento dos espaços livres públicos ao decorrer dos séculos e suas características, bem como o aporte teórico, focando nas classificações e conceitos sobre o que são esses espaços livres públicos.

No terceiro capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados que se dividem em duas partes: A primeira compreende os dados quantitativos a respeito dos espaços livres públicos na área de estudo, utilizando como base a metodologia aplicada no capítulo intitulado “Indicadores urbanísticos para espaços públicos livres: estudo de caso com aplicação no bairro do Castelo Branco, João Pessoa, PB” elaborado por Dayse Luckwü Martins e Patrícia Alonso de Andrade, presente no livro “Lugares e suas interfaces intraurbanas: qualidade de sistemas urbanos e edificados” (2023). Já a segunda parte abrange uma captação de dados qualitativos, por meio de visitas ao local, elaborando mapas para análises de sensações de conforto térmico e lumínico, e acessibilidade em um recorte estabelecido dentro do bairro.

O quarto capítulo compreende o histórico dos espaços públicos focado nas cidades de Olinda e Recife para entendermos o contexto em que o objeto de estudo está inserido, bem como é apresentada a caracterização da área, trazendo o surgimento do bairro e dados sobre sua configuração, como por exemplo o Plano Diretor que incide na área. A última parte do quarto capítulo se trata das análises propriamente ditas, a realização dos cálculos e dos mapas, bem como as discussões a respeito dos resultados.

No quinto, é apresentado o mapa de diretrizes, destrinchando as propostas pensadas para os problemas identificados na área. O último e sexto capítulo foi destinado para as considerações finais.



## 2. ORIGEM E CONCEITUAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

## 2 - ORIGEM E CONCEITUAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Para compreendermos os espaços livres públicos precisamos ter em mente que eles não funcionam apenas como locais de respiro e contemplação na malha urbana, na verdade são fragmentos de extrema relevância em várias esferas do meio social.

Na primeira parte deste capítulo vamos compreender melhor como esses espaços se desenvolveram, e como ocorreu a sua evolução através dos séculos. É importante ressaltar que o foco da evolução dos espaços livres públicos foi destinado às praças, aos parques e aos jardins, devido as características serem compreendidas como mais propícias para o apropriação pela população e para a edificação das interações interpessoais. Na segunda parte foram abordados os múltiplos conceitos que abarcam esse campo de estudo complexo e interdisciplinar.

### 2.1 - Breve apanhado histórico sobre os espaços livres públicos

Os espaços públicos estão sempre em constante mutação desde seu início, recebendo influências de diversas civilizações e sempre se adaptando para o cenário em que estão inseridos. A partir do século XVII podemos observar diversos acontecimentos e mudanças nesses espaços, temos o incêndio de 1666, ocorrido em Londres, que foi um marco para expansão urbana da cidade que veio em seguida, e no decorrer desse mesmo século uma nova configuração começou a ser implantada na cidade, o padrão *square*, “um pedaço de terra no qual há um jardim enclausurado, circundado por uma via pública dando acesso às casas em volta.” (Giedon, 1941, p. 444 *apud* Segawa, 1996). Esses espaços estavam presentes nas grandes propriedades da burguesia inglesa, e tinha como uma das suas principais características ser residencial.

As *squares* (figura 1) tinham como principal objetivo a reafirmação de poder e status social, além de funcionarem como espaços destinados à contemplação das construções ao seu redor. Esses ambientes refletiam a influência das concepções românticas vigentes à época renascentista. No entanto, não se tratavam de espaços de acesso livre à população, uma vez que a rígida divisão entre as classes sociais impedia a convivência entre esses diferentes estratos sociais. Em razão disso, a entrada nesses locais frequentemente implicava em custos, funcionando como uma barreira seletiva. Ao adentrar tais espaços, o indivíduo era exposto a uma nova perspectiva visual do seu entorno, proporcionando uma experiência estética única, (Silva, 2023 *apud* Segawa, 1996).



Figura 1: Vista de Leicester Square Londres, 1753

Fonte:

<https://www.meisterdrucke.es/impresion-art%C3%ADstica/John-Bowles/391337/Vista-de-Leicester-Square-Londres.-1753.html>. Acesso em: 13 mar. 2025

Na segunda metade do século XVII ocorreu a criação do *Vauxhall Gardens*, com a nomenclatura de *New Spring Garden*, um jardim de amenidades que disponibilizava entrada mediante pagamento. Esse espaço verde localizado às margens do rio Tâmesa recebeu durante o século XVIII diversas melhorias, que ocasionaram na sua colocação como um dos locais mais populares para o encontro e socialização da elite inglesa. Incorporando diversas áreas para orquestra, dança, locais de descanso e relaxamento, entre outros (Segawa 1996).

O século XVIII trouxe consigo mudanças extremas na configuração socioespacial das cidades. A ascensão da Revolução Industrial trouxe o crescimento acelerado e desordenado das grandes cidades inglesas e europeias. A chegada de uma massa populacional advinda das zonas rurais para os centros urbanos provocou o início de um assentamento intensificado nas áreas periféricas destinadas às zonas industriais, os chamados bairros operários (figura 2).

Nessas áreas não era destinada a atenção para o planejamento urbano, as condições de vida eram precárias, sem saneamento básico e com as edificações disputando cada mínimo espaço existente. As áreas verdes como os parques e as já mencionadas squares eram luxos destinados aos ricos que possuíam o bem mais importante na sociedade capitalista em formação: o tempo. As classes mais baixas viviam em função do trabalho, produzindo durante as jornadas exaustivas e sem o direito de usufruir da cidade, que reafirmava o seu não pertencimento aos espaços públicos.

Charles Dickens (1812-1870) retrata essa realidade no seu livro intitulado “*Oliver Twist*” onde o leitor acompanha as terríveis situações que uma criança nascida na pobreza enfrentava na capital inglesa. O autor descreve os bairros destinados aos desafortunados com suas condições insalubres, desde as ruas sujas com a presença de animais até as casas úmidas sem qualquer infraestrutura necessária. Em contraponto traz os bairros mais nobres da cidade, onde as ruas limpas e arborizadas com suas grandes residências ajardinadas trazem uma outra realidade de uma mesma cidade. As casas de campo também são cada vez mais valorizadas pela classe burguesa, como um escape dos conturbados e caóticos

centros urbanos, uma volta à natureza e ao bucólico como uma reafirmação de poder e soberania.

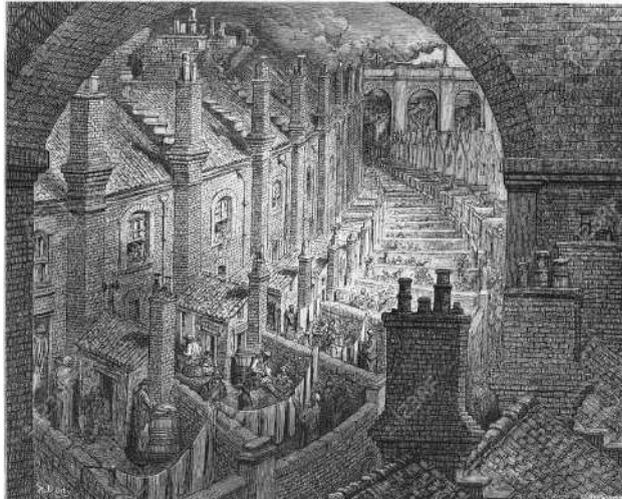


Figura 2: Vista de Londres com ferrovia (Gustave Doré, 1872)

Fonte: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.189/6701>. Acesso em: 13 mar. 2025

O século XIX chegou com vários desafios a serem enfrentados. As condições precárias se agravavam, incluindo as crises sanitárias com as epidemias de doenças contagiosas, e a busca por soluções para os crescentes problemas se tornaram incessantes. As implantações de políticas higienistas nas cidades foi uma solução pensada para trazer mais salubridade para essas áreas afetadas e a implantação de áreas livres como parques e praças foi uma alternativa.

Outra solução que surgiu no final do século XIX foram as cidades-jardim. Ebenezer Howard (figura 3) propôs sua visão utópica na tentativa de resolver as questões latentes de pobreza e poluição nos centros urbanos por meio de desenhos de cidades que tivessem conexão com o meio rural. Na sua idealização a cidade-campo era uma maneira de unir a vida urbana e movimentada com a calma e a beleza bucólica do campo.

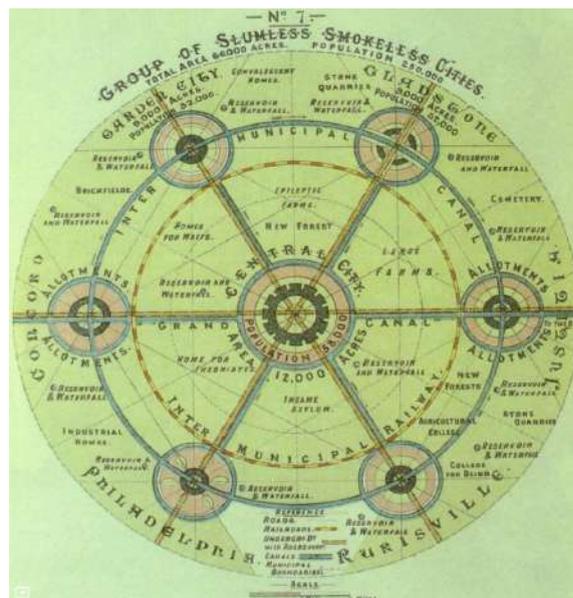


Figura 3: Cidade Jardim elaborada por Ebenezer Howard

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/961040/o-que-sao-cidades-jardim>. Acesso: 12 mar. 2025.

A ideia da cidade-jardim de Howard era prover aos cidadãos mais liberdade e uma nova vida em comunidade. Além da existência de melhores condições de trabalho, essa nova configuração de cidade, com conjuntos habitacionais implantados no campo e próximos às indústrias, trariam um efeito de uma vida mais saudável para os trabalhadores, o que se tornaria também um ganho para as fábricas. A interação social era um dos pontos principais, com isso a criação de espaços que proporcionam essa experiência e o senso de pertencimento dos seus moradores era imprescindível.

De acordo com Andrade (2003), os arquitetos Unwin e Parker seguiram os ideais de Camillo Sitte na construção do desenho da cidade proposta, sugerindo um traçado mais orgânico, que pensasse na escala humana e remetesse às cidades medievais que eram construídas mais próximas ao campo, se distanciando dos traçados renascentistas. Os blocos habitacionais eram destinados às mais variadas classes sociais e isolados entre si, possuindo um recuo dos limites do terreno para a formação de jardins frontais. As ruas tinham o acesso secundário com “*cul de sac*” e passeios ajardinados para dar continuidade ao traçado, trazendo o verde das áreas públicas para as áreas residenciais. A autora também traz a segunda cidade-jardim elaborada por Louis de Soissons em 1920, Welwyn (figura 4), que se preocupou em preservar as condições ambientais, criando espaços verdes vastos destinados à recreação, especialmente na periferia da cidade central.



Figura 4: Cidade Jardim Welwyn elaborada por Louis de Soissons

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/961040/o-que-sao-cidades-jardim>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Andrade (2003) ainda coloca que entre as décadas de 1930-1960 do século XX, as cidades norte americanas sofreram muitas mudanças no âmbito dos espaços públicos. A natureza e os parques de vizinhança foram desaparecendo de forma gradual para dar espaço às áreas de recreação e “playground”. Esses novos espaços eram replicados e cobertos com asfalto para facilitar a manutenção e baratear os custos. A função desses novos parques não era mais o relaxamento e a contemplação da natureza, com o crescimento da vida urbana e a necessidade cada vez maior de estímulos, o novo foco eram espaços projetados para atividades físicas, visto a grande quantidade de quadras esportivas e aparelhos de ginástica construídos a partir desse período.

A partir da segunda metade da década de 1960 a importância desses parques diminuíram e um novo conceito ganhou força, o dos espaços livres e verdes que funcionam como um sistema único e contínuo, abrangendo as ruas, praças e lotes vazios. Todo espaço identificado como não construído era considerado um potencial para a área. Boston foi uma cidade pioneira na construção desse novo sistema ao conectar várias áreas distintas com suas avenidas e bulevares, servindo de modelo para outras cidades dos Estados Unidos (figura 5). Esse “Sistema de

Espaços Livres”, como foi denominado, tinha a função de olhar para a cidade de uma forma diferente e fazer com que o natural e o urbano se conectassem cada vez mais.



Figura 5: Sistema dos espaços livres em vermelho, Los Angeles - EUA  
Fonte: Albuquerque ( 2006, p. 98)

Diante desse apanhado histórico podemos ver como se deu a evolução dos espaços públicos urbanos e como sempre se apresentaram como uma necessidade, seja por questões culturais, políticas ou sanitárias, a urgência de locais onde o encontro pode acontecer é fundamental ao ser social.

## 2.2 Conceitos atrelados aos espaços livres públicos

Quando buscamos em nosso consciente o que seriam os espaços livres públicos é comum que praças e parques urbanos sejam as primeiras imagens que surgem em nossa mente, áreas que são envoltas por vegetação ou próximo a algum elemento natural, como rios e lagos. Contudo, esse tema perpassa diversas áreas do conhecimento como sociologia, antropologia, filosofia, urbanismo, o que o faz ser carregado de polissemia teórica, trazendo diversos conceitos sobre o que se caracteriza como espaços livres públicos.

Noguera (2003) coloca como ponto primordial dos espaços públicos a composição de uma rede contínua, se desdobrando por toda a área urbana e que esses espaços assumem diversas funções:

1. Proporciona conexões espaciais entre a área urbana e o seu entorno territorial.
2. Atua como suporte funcional básico para os deslocamentos internos do espaço urbano.
3. Possibilita a percepção e a expressão interna da fisionomia da cidade;
4. Funciona como referência do parcelamento do solo para implantação de edificações e para os usos primários, também atua como acesso e fachada independente de cada fragmento;
5. É um facilitador para a garantir as redes de serviços urbanos (eletricidade, água, gás, entre outros);
6. Provê espaços que possibilitam a identificação e representação social, bem como destinados para o ócio da população.

Saindo do conceito geral de espaços públicos e entrando nos que dizem respeito aos espaços livres públicos, foco principal deste trabalho, temos contribuições de diversos autores. De acordo com Cavalheiro e Del Pichia (1992), do ponto de vista estrutural, as cidades são constituídas de espaços de interação

urbana (rede rodo-ferroviária), espaços construídos (habitações, indústrias, comércio, hospitais, escolas, etc.) e de espaços livres (praças, parques, águas superficiais, etc.). Quando discorrem sobre as questões relativas a áreas verdes urbanas, não incluem o contexto da grande paisagem livre de construções (zona rural dos municípios) ou as Unidades de Conservação (senso estrito).

Cavalheiro e Del Picchia (1992) também dão enfoque a uma problematização do termo espaço aberto, afirmando ser um anglicismo e que foi traduzida de forma errônea ao pé da letra, já que a palavra inglesa é “open space” ao invés de “free space”. Os autores continuam com o argumento de que para haver a existência do espaço aberto em urbanismo na língua portuguesa deveria ser adotado o termo área aberta (sendo de caráter bidimensional), para então poder dar a tridimensionalidade que seria o espaço aberto. Outros autores também adotam a expressão “espaços livres” no lugar de “espaços abertos”, como Carneiro e Mesquita (2000), se embasando no uso já reconhecido pela Universidade de São Paulo.

Carneiro e Mesquita (2000) *apud* Albuquerque (2006) observam o aspecto físico do espaço urbano como um agrupamento de espaços livres e espaços edificados, sendo ambos os casos as consequências das ações humanas que podem ser institucionalizadas ou não. Ainda propõem definições a respeito dos espaços edificados como sendo áreas com ocupações consideravelmente densas por construções que desempenham atividades do meio urbano. Já os espaços livres são compreendidos como áreas com nenhuma construção ou moderadamente edificadas, podendo também ter vegetação nula ou de forma parcial, como as avenidas, ruas, vielas, pátios, passeios, entre outros. Esses espaços livres também agrupam áreas que apresentam maciços arbóreos cultivados, retratados pelos quintais residenciais, bem como pelas áreas de condomínios fechados; áreas restantes de ecossistemas originais (matas, restingas, manguezais, praias marítimas e fluviais). As autoras ainda categorizam os espaços livres em de domínio privado (pessoa física ou jurídica) e de domínio público (a nível nacional, estadual e municipal), com base no regime jurídico da cidade do Recife. Os espaços que são compreendidos pela esfera pública são abertos para todos os cidadãos sob condições previamente estabelecidas pelo poder público, como por exemplo parques e praças, já no caso dos espaços livres privados, podem se enquadrar no uso familiar ou de uma determinada coletividade como condomínios residenciais, clubes sociais, pátios de escola, quintais residenciais. Ademais existem os espaços de domínio público e/ou privado como as unidades de conservação, cemitérios, campus universitários.

Di Fidio (1990) *apud* Loboda e De Angelis (2005) estabelece uma divisão dos espaços verdes urbanos e suburbanos:

1. Espaços urbanos verdes podendo ser privados ou semi-públicos: Jardins residenciais; Hortos Urbanos; Verde semi-público;
2. Espaços verdes urbanos estritamente públicos: Praças; Verde balneário e esportivo; Parques Urbanos; Jardim botânico; Jardim zoológico; Cemitério; Faixa de ligação entre áreas verdes; Arborização urbana; Entre outros;
3. Espaços verdes suburbanos: Cinturões verdes.

Já a classificação desses espaços por Pereira Lima (Org). (1994) *apud* Loboda e De Angelis (2005) é mais subdividida trazendo as seguintes categorias:

1. Espaço livre: É um conceito mais amplo, que visa integrar os demais e se contrapõe aos espaços com construções nas áreas urbanas;
2. Área verde: Onde pode ser identificada a predominância de vegetação arbórea, abrangendo as praças, parques urbanos e jardins públicos. Os canteiros centrais

existentes em avenidas e os trevos e rotatórias correspondentes às vias públicas, os quais exercem apenas funções estéticas e ecológicas, devem ser conceituadas como área verde. Porém, as árvores que seguem o leito das vias públicas não devem ser classificadas dessa forma, pois as calçadas não são elementos permeáveis.

3. Parque urbano: é considerada uma área verde que compreende as funções ecológica, estética e destinadas ao lazer, porém com uma dimensão maior do que as encontradas nas praças ou nos jardins públicos.

4. Praça: Classificado como um espaço livre público que possui o lazer como a sua principal função. Pode não ser enquadrado como uma área verde quando não possui vegetação e se apresenta com o piso impermeabilizado.

5. Arborização urbana: Engloba as vegetações de porte arbóreo dentro da malha urbana. Nesse contexto, as árvores plantadas nos passeios são consideradas parte da arborização urbana, mas não integram o sistema de áreas verdes, como visto anteriormente.

Através dessas variadas definições, é possível notar uma relação estreita entre os espaços livres públicos e as áreas verdes, como por exemplo as praças, que em alguns momentos se enquadram como ambos dependendo dos elementos naturais que as compõem. Llardent (1982) classifica que um sistema de espaços livres de edificações pode ser compreendido como um agrupamento de espaços urbanos ao ar livre, destinados às atividades de recreação, caminhadas, exercícios físicos, lazer, entretenimento, como também para momentos de relaxamento e repouso.

Tonetti *et al.* (2012) traz em seu texto que Nucci e Valaski (2009), com base nas contribuições de Cavalheiro e Del Picchia (1992), Cavalheiro *et al.* (1999), Nucci (2001) e Cavalheiro *et al.* (2003), sugeriram uma classificação para os espaços urbanos, subdividindo-os em:

1. Sistemas de Espaços não Edificados: Espaços ao ar livre que não possuem construção (estruturas como paredes ou telhados), garagens na superfície da terra ou sob ela, ou infra-estrutura para obras de construção; esses espaços podem ter superfície impermeável e presença de superfícies com água como lagos, rios, piscinas, entre outros;

2. Sistema de Espaços Edificados: Compreende todos os espaços urbanos que possuem componentes como parede e teto sob ou sobre o nível do solo;

3. Sistema de Espaços de Integração Viária: Engloba todas as vias de transporte terrestre, bem como os estacionamentos e calçadas que não possuem separação entre pedestres e veículos motorizados.

Amorim (2015) afirma que os espaços livres públicos se transformam de acordo com o local em que está inserido, varia de acordo com as características territoriais, paisagísticas, com os diferentes processos de urbanização e as transformações que incidem na paisagem. O autor também traz a importância da localização da inserção na malha urbana, quanto mais conexões são estabelecidas com outros espaços, maior é sua relevância e seu nível de centralidade como espaços públicos de áreas centrais. Diferentemente dos espaços públicos de áreas periféricas, que possuem menos conexões dentro desse sistema. Corroborando com essa ideia de hierarquia dos espaços públicos relacionados com o seu local de implantação e planejamento, também temos a contribuição de Queiroga e Benfatti (2007):

Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus

múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental, etc. O sistema de espaços livres de cada cidade apresenta um maior ou menor grau de planejamento e projeto prévio, um maior ou menor interesse da gestão pública em um ou em outro subsistema a ele relacionado (Benfatti; Queiroga, 2007, p. 5).

Santos e Sá Carneiro (2018) trazem que o sistema de espaços livres públicos tem componentes estruturais que, de acordo com as suas funções desempenhadas e as suas formas, podem ser categorizados em dois grupos distintos: entende-se por elementos conectivos que possuem caráter linear: becos, ruas, vielas, espaços de borda, pontes, margens de rios. Já os elementos caracterizados como de permanência e com caráter de mancha (bolsões) temos: reservas, pátios, os jardins e parques, lagos, campos de pelada, campus universitário.

Como dito anteriormente, esse assunto é carregado de polissemia teórica, apresentando definições diferentes e métodos distintos que são utilizados no estudo desses espaços, o que dificulta a identificação, a classificação e a quantificação, tornando a escolha de índices uma tarefa complicada (Tonetti *et al.*, 2012). Cavalheiro *et al.* (1999), na intenção de ajudar e contribuir com essa questão, propuseram outras definições, apresentadas a seguir, que são complementares para dois termos de extrema importância: “espaços livres de construção” e “áreas verdes”

1. Espaços livres de construção: constituem-se de espaços urbanos ao ar livre, destinados a todo tipo de utilização que se relacione com caminhadas, descanso, passeios, práticas de esportes e, em geral, a recreação e entretenimento em horas de ócio; os locais de passeios devem oferecer segurança e comodidade com separação total da calçada em relação aos veículos; os caminhos devem ser agradáveis, variados e pitorescos; os locais onde as pessoas se locomovem por meios motorizados não devem ser considerados como espaços livres. Os espaços livres podem ser privados, potencialmente coletivos ou públicos e podem desempenhar, principalmente, funções estética, de lazer e ecológico-ambiental, entre outras.

2. Áreas verdes são um tipo especial de espaços livres onde o elemento fundamental de composição é a vegetação. Elas devem satisfazer três objetivos principais: ecológico-ambiental, estético e de lazer. Vegetação e solo permeável (sem laje) devem ocupar, pelo menos, 70% da área; devem servir a população, propiciando um uso e condições para recreação. Canteiros, pequenos jardins de ornamentação, rotatórias e arborização não podem ser considerados áreas verdes, mas sim “verde de acompanhamento viário”, que com as calçadas (sem separação total em relação aos veículos) pertencem à categoria de espaços construídos ou espaços de integração urbana (CAVALHEIRO *et al.*, 1999, p. 7.)

Queiroga (2011) *apud* Silva (2023) traz as definições determinadas pelo código civil brasileiro correspondentes à propriedade. Nesta classificação temos os espaços livres públicos como:

1. Bens que são de uso comum da população: espaços para apropriação pública por excelência, sendo esses as ruas, praças, parques urbanos, praias, entre outros;
2. Bens de uso especial: atribuídos a certas atividades como os espaços livres de escolas públicas ou de penitenciárias;
3. Bens dominicais: designados a uma entidade pública e que estão sujeitos a serem

retirados de tal uso específico e regressar para o controle geral do governo, podendo ser utilizados para outros fins de acordo com a necessidade.

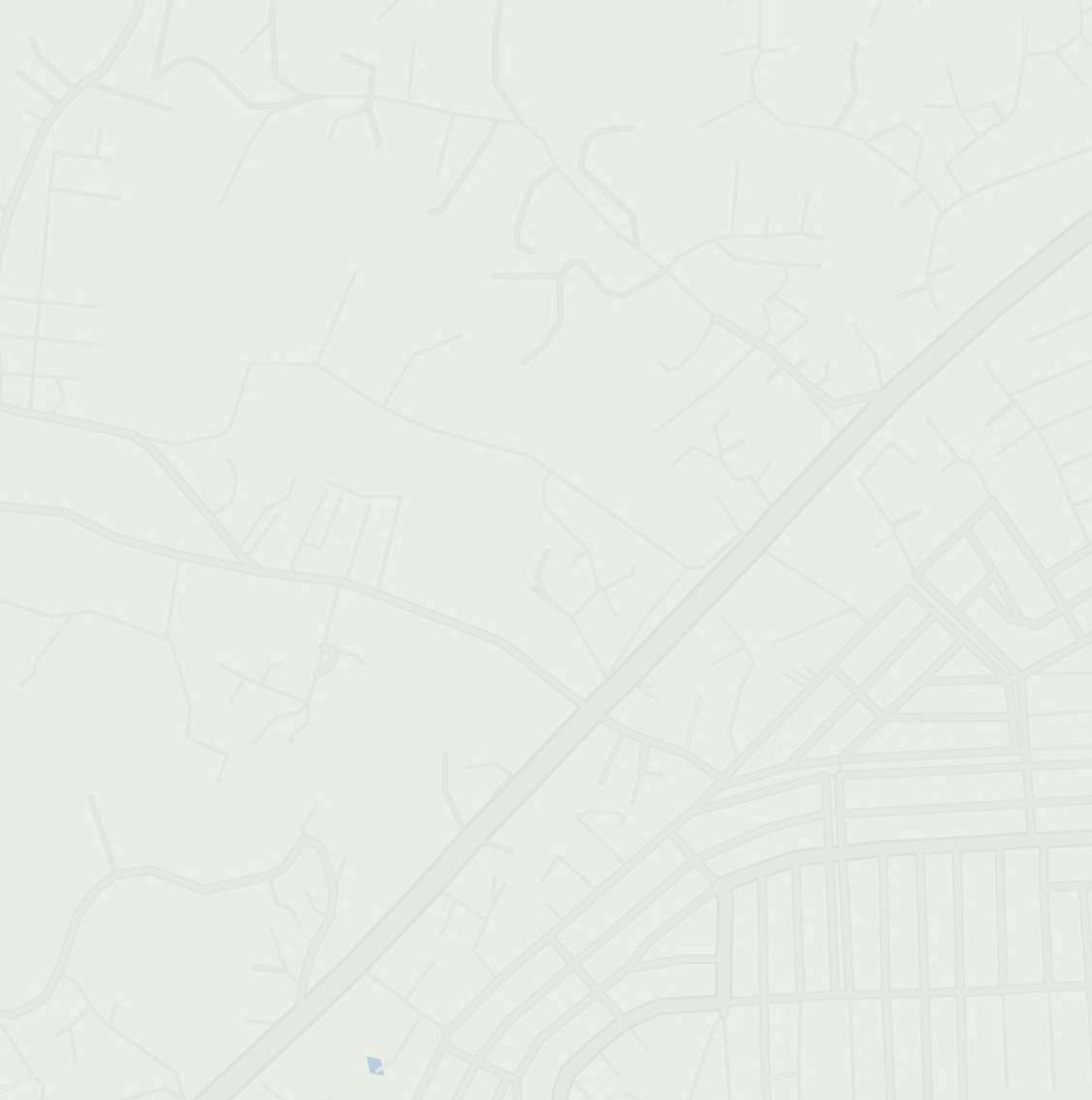
Queiroga (2011) ainda traz uma classificação para os espaços livres privados:

Os espaços livres privados estão inseridos dentro das áreas particulares, ou são os terrenos privados desocupados. Tais espaços também se constituem num subsistema do Sistema de Espaço Livre urbano. Nos espaços livres privados ocorrem inúmeras atividades do cotidiano da habitação e do trabalho, como descanso, recreação infantil, jogos, atividades do trabalho doméstico, estacionamento de veículos etc. Jardins, quintais, estacionamentos, pátios de carga e descarga etc. Fazem parte deste sistema que, ao contrário do sistema de espaços públicos, só raramente apresenta conexão física, seus elementos encontram-se fragmentados e dispersos no tecido urbano das metrópoles brasileiras. Seu papel ambiental varia para cada forma do tecido urbano, evidentemente os espaços permeáveis, vegetados e arborizados prestam maiores serviços ambientais ao meio urbano (Queiroga, 2011, p. 29).

O *Departamento Administrativo de La Defensoria del Espacio Público* (DADEP) da prefeitura de Bogotá, Colômbia (Bogotá, 2013) *apud* Martins e Andrade (2023) traz a seguinte classificação dos espaços públicos:

1. Espaço Público Efetivo: Os espaços livres públicos destinados ao lazer, como por exemplo as praças e parques urbanos.
2. O Espaço Público Não Efetivo: Os espaços livres públicos com outros propósitos sociais, como por exemplo as vias (ciclofaixas, leitos carroçáveis, passeios e canteiros) alamedas, ruas pedestrianizadas e ciclovias, como também as zonas verdes de proteção ambiental, que podem ou não ser acessíveis pela população.
3. O Espaço Público Verde: Compreende as praças, parques urbanos e zonas verdes de proteção ambiental.

Por mais que as definições para esses espaços sejam variadas, o seu papel desempenhado na malha urbana é incontestável. Muitas das definições apresentadas se igualam e/ou se complementam em pensamento, bem como a importância que as áreas públicas livres têm para as diversas esferas do cotidiano da vida em sociedade, é sempre colocada como ponto principal a ser levado em conta no planejamento e na execução desses espaços. Diante disso, neste trabalho levaremos como norteadoras as definições elaboradas pelo *Departamento Administrativo de La Defensoria del Espacio Público* (DADEP) da prefeitura de Bogotá, Colômbia (2013), trazidas por Martins e Andrade (2023), que serão melhor elaboradas na parte metodológica deste trabalho.



## 3. METODOLOGIA

### 3 - METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das duas análises deste trabalho foram utilizados métodos distintos. A primeira trata-se de uma análise quantitativa dos espaços livres públicos do bairro de Ouro Preto, e a segunda uma análise qualitativa desses espaços, ambas detalhadas a seguir.

Para a análise quantitativa serão utilizados os três indicadores urbanísticos elaborados pelo *Departamento Administrativo de La Defensoria del Espacio Público* (DADEP) da prefeitura de Bogotá, Colômbia (Bogotá, 2013), para calcular a quantidade de espaço livre público do bairro em relação a quantidade de habitantes, resultando nesse quantitativo em m<sup>2</sup>/hab. A metodologia será a mesma que é apresentada no capítulo intitulado “Indicadores urbanísticos para espaços públicos livres: estudo de caso com aplicação no bairro do Castelo Branco, João Pessoa, PB” elaborado por Dayse Luckwü Martins e Patrícia Alonso de Andrade, presente no livro “Lugares e suas interfaces intraurbanas: qualidade se sistemas urbanos e edificados” (2023).

Com o principal objetivo de redefinir o modelo de desenvolvimento urbano, a prefeitura de Bogotá trouxe três principais ações: diminuir a segregação social, proteger a esfera pública e enfrentar os problemas trazidos pelas mudanças climáticas. Para isso os três indicadores desenvolvidos foram classificados em: 1- Espaço Público Total por Habitante; 2- Espaço Público Efetivo por Habitante; e 3- Espaço Verde por Habitante. Ainda de acordo com Martins e Andrade (2023), a aplicação do estudo realizado na cidade de Bogotá se deu em três escalas de forma decrescente em relação à demarcação da área de medição, sendo elas o perímetro da cidade (zona urbana e zona de expansão urbana), as 19 localidades ou regiões da cidade e as unidades de *planeación zonal* (UPZ), se caracterizando como as menores unidades geográficas usadas na medição dos índices enumerados acima. Contudo, assim como a pesquisa realizada em João Pessoa, esta irá compreender a escala do bairro e considerar as alterações realizadas pelas autoras nos indicadores, pois estamos tratando de uma realidade diferente da presente na cidade colombiana que necessita de adaptações.

O primeiro indicador, Espaço Público Total por Habitante (EPT / hab.), tem seu cálculo estabelecido pela razão entre a área de Espaço Público Total (em metros quadrados) e o número habitantes da área delimitada (figura 6). O espaço Público Total, por sua vez, compreende o denominado Espaço Público Efetivo: O espaço livre público destinado a áreas de lazer, que permitem a permanência e o encontro entre pessoas ao ar livre, ou seja, as praças e parques urbanos. É válido ressaltar a modificação realizada nessa etapa, pois na metodologia aplicada em Bogotá essa classificação inclui as denominadas “zonas verdes”, contudo na pesquisa realizada por Martins e Andrade esse termo foi retirado, assim como no presente trabalho. Essa decisão foi baseada no fato de que a morfologia e terminologia urbanística brasileira considera as praças e os parques como zonas verdes, o que ocasionaria uma redundância, em contraponto com as “plazas mayores” espanholas, vistas no capítulo anterior, que possuem pavimentação e ausência de áreas com vegetação. Bem como, a adoção do termo poderia implicar numa ambiguidade, pois as áreas sob proteção ambiental e os canteiros ajardinados (categorizados como Espaço Público Não Efetivo na metodologia colombiana) também são denominadas como zonas ou áreas verdes no Brasil, fazendo com que esse termo pudesse significar um Espaço Público Efetivo (como por exemplo uma

praça) e um Espaço Público Não Efetivo (como por exemplo uma área de proteção ambiental) ao mesmo tempo.

Já o Espaço Público Não Efetivo compreende os espaços livres públicos com demais propósitos sociais, como por exemplo as vias (ciclofaixas, leitos carroçáveis, passeios e canteiros) alamedas, ruas pedestrianizadas e ciclovias, sendo todas associadas à circulação, bem como as zonas verdes de proteção ambiental, que por sua vez podem não ser acessíveis pela população. Na metodologia realizada por Martins e Andrade as zonas verdes de proteção ambiental são a adaptação das Zonas de Ronda Hidráulica (áreas de matas ciliares protegidas legalmente como zonas de manejo e preservação ambiental) de Bogotá e do Sistema de Áreas Protegidas (áreas que possuem valor ambiental, cultural ou paisagístico sob proteção legal), sendo as duas abrangidas pela classificação do Espaço Público Não Efetivo. Portanto, o indicador de Espaço Público Total Por Habitante proporciona um apanhado da quantidade de espaço livre público por habitante na área de estudo em metros quadrados (Martins e Andrade, 2023).

$$EPT / \text{hab.} = \sum \frac{\text{Espaço Público Total (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}} = \frac{\text{Espaço Público Efetivo + Espaço Público Não Efetivo (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}}$$

Figura 6: Cálculo do Espaço Público Total Por Habitante  
Fonte: Martins e Andrade, 2023

O segundo indicador utilizado é o Espaço Público Efetivo por Habitante (EPE / hab.) que é obtido pela razão entre o Espaço Público Efetivo (parques e praças) pelo número de habitantes da área delimitada (figura 7). Com esse indicador podemos entender a relação entre a área de espaço livre público que de fato é direcionada ao convívio da população, ao lazer e à permanência dentro da área delimitada (Martins e Andrade, 2023).

$$EPE / \text{hab.} = \sum \frac{\text{Espaço Público Efetivo (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}} = \frac{\text{parques urbanos + praças (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}}$$

Figura 7: Cálculo do Espaço Público Efetivo Por Habitante  
Fonte: Martins e Andrade, 2023

O terceiro indicador é denominado Espaço Público Verde por Habitante (EPV / hab.) e obtemos seu quantitativo através da divisão entre a soma das praças, parques urbanos e zonas verdes de proteção ambiental, pelo número de habitantes dentro da área de estudo (figura 8). Assim temos o quantitativo de espaço público livre verde por habitante, ou seja, espaços que possuem solo permeável e uma cobertura vegetal arbustiva ou arbórea significativa. Esse indicador possui uma importância pelas funções ambientais e ecológicas que desempenha dentro da área urbana, como a atenuação da poluição do ar e sonora, diminuição da temperatura, abrigo à fauna, além de absorver águas pluviais (característica de extrema importância dentro da Região Metropolitana do Recife que sofre constantemente com alagamentos durante os períodos de chuva), entre outros, podendo apresentar espaços com acesso livre pela população ou não, já que o EPV compreende as zonas de proteção ambiental. Também é válido ressaltar que diferentemente da

metodologia adotada em Bogotá, as praças foram consideradas no cálculo das zonas verdes neste trabalho, assim como no trabalho desenvolvido por Martins e Andrade, por razões explicadas no primeiro indicador (Martins e Andrade, 2023). Ademais, para este indicador foi adicionado na soma das praças, parques urbanos e zonas verdes de proteção ambiental, as áreas relativas aos canais (estruturas hídricas que cortam o bairro em diversos pontos), bem como a Zona Especial de Proteção Cultural, por apresentar uma massa vegetal de extrema relevância para a área.

$$EPV / \text{hab.} = \sum \frac{\text{Espaço Público Verde (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}} = \frac{\text{zonas verdes de proteção ambiental + parques + praças (m}^2\text{)}}{\text{número de habitantes}}$$

Figura 8: Cálculo do Espaço Público Verde Por Habitante  
 Fonte: Martins e Andrade, 2023

O quantitativo de áreas utilizadas no desenvolvimento dos cálculos foram tiradas a partir da unibase em DWG da cidade de Olinda (utilizando o software AutoCAD). Bem como, com o auxílio do Google Maps para a atualização de algumas informações que não constavam na unibase, como por exemplo ausência ou presença de calçadas ao longo do bairro que se apresentaram incorretas no arquivo DWG, e para isso foi realizada a medição de todas as calçadas presentes na unibase através do AutoCAD e calculada uma média dos resultados obtidos, chegando num valor adotado como padrão para as calçadas do bairro. Também houve a identificação de algumas ruas localizadas na parte das ocupações informais, presentes na ZPAR 6 e ZPAR 9, que não constavam no arquivo DWG e foram inseridas através da captação de medidas no Google Earth, bem como utilizando como parâmetro as outras ruas com a mesma configuração e existentes na mesma área. Vale ressaltar que para obter a área de passeio de cada quadra dentro do bairro, configuradas como espaço público não efetivo, foi subtraída a área dos lotes existentes da área total da quadra. Bem como, no cálculo das zonas verdes foram subtraídas as áreas de edificações informais e dos loteamentos com ou sem edificação. Para a elaboração dos mapas, foi utilizada a base do Google Maps em conjunto com o programa Procreate para fazer as marcações dos espaços públicos.

Os resultados obtidos nas análises deste trabalho serão comparados com os valores obtidos através da aplicação desses indicadores na cidade de Bogotá, bem como os parâmetros determinados pelo governo nacional da Colômbia. Esses parâmetros são o valor mínimo estabelecido para a quantidade de m<sup>2</sup> de cada indicador, para que a área de estudo esteja suprindo as necessidades de seus habitantes: 10 m<sup>2</sup>/hab de Espaço Público Total; 15 m<sup>2</sup>/hab de Espaço Público Efetivo. Pela falta do parâmetro de Espaço Público Verde por Habitante na metodologia adotada, foi utilizado o parâmetro estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de m<sup>2</sup> de área verde por pessoa em áreas urbanas, que é de 12m<sup>2</sup>/hab (Maróstica *et al.*, 2021).

Ainda vale ressaltar que os resultados obtidos no estudo de caso no bairro do Castelo Branco não serão incluídos na análise comparativa, o motivo por trás dessa decisão está embasado na grande diferença entre as configurações existentes nos dois bairros. O bairro localizado em João Pessoa se encontra em uma posição privilegiada nos termos ambientais por estar envolto em um cinturão verde, que se

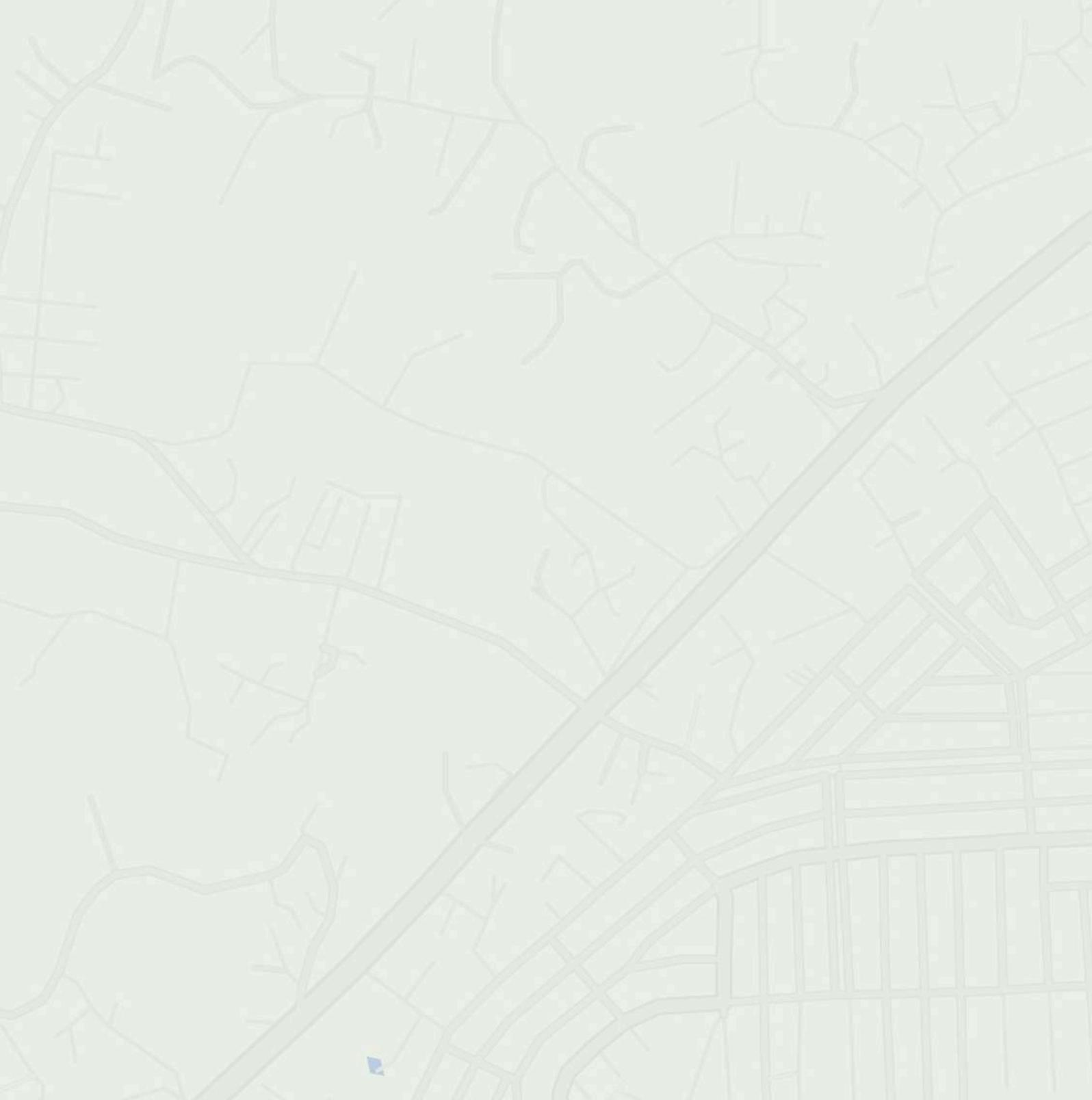
encontra sob proteção ambiental, além de possuir em sua área o Campus I da Universidade Federal da Paraíba, que também funciona como um grande parque urbano. Os resultados obtidos através da aplicação dos indicadores em Castelo Branco são altíssimos por conta desses atributos que estão muito longe do cenário existente no bairro de Ouro Preto, tornando a comparação entre essas duas realidades injusta.

Para a análise qualitativa será primeiramente delimitado um recorte dentro dos limites da área de estudo para dar seguimento. Diante da dimensão do bairro e da dificuldade de acesso a algumas partes, o que inviabiliza um estudo aprofundado em toda a sua extensão, foi estabelecida uma análise que compreende o Espaço Público Efetivo, ou seja, as praças e as demais áreas de lazer (como por exemplo os campos de futebol), pois são espaços que desempenham uma função social imprescindível para a vivência em grupo, possibilitando o encontro entre os moradores, assim como a formação de laços e de um senso de comunidade.

Portanto, será realizada uma investigação acerca dos seus componentes, identificando as necessidades advindas da falta de um planejamento adequado. Essa análise será dividida em três tópicos: 1. Mapa de Sensações Térmicas; 2. Mapa de Sensações Lumínicas; 3. Acessibilidade. Os mapas foram elaborados utilizando a base do Google Earth e o programa Procreate para fazer as marcações das sensações de conforto.

Os dois primeiros serão desenvolvidos através de visitas nos três turnos do dia (manhã, tarde e noite) e nos respectivos horários (10:00, 15:00 e 19:00), para compreender melhor suas características em cada momento, com a elaboração de mapas que identificam as áreas de conforto e desconforto relacionadas a cada uma das classificações anteriores. Não serão realizadas medições de conforto ambiental, pois a elaboração dos mapas terá como base as sensações do indivíduo em relação ao espaço a sua volta.

A análise da acessibilidade nesses locais será realizada através da identificação da situação das calçadas, conferindo se apresentam alguma das implantações obrigatórias apresentadas na norma ABNT NBR 9050 referentes a: rebaixamento de guias, largura, sinalização tátil, rampas e proteção contra quedas (corrimão ou guarda corpo). Bem como, também contará com a identificação do estado de conservação dos mobiliários presentes dentro das áreas, além da identificação dos meios de transporte público que circulam dentro do bairro e possibilita o acesso a esses locais.



## 4. ANÁLISE DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO BAIRRO DE OURO PRETO, OLINDA

## **4 - ANÁLISE DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO BAIRRO DE OURO PRETO, OLINDA**

O foco principal deste capítulo é analisar os espaços livres públicos do bairro de Ouro Preto, localizado na cidade de Olinda, através da identificação das características da sua situação atual. Essa parte do presente trabalho será dividida em quatro tópicos: O primeiro compreende uma abordagem histórica sobre os espaços públicos de Olinda e Recife, para entendermos o processo de formação dessas áreas; A segunda irá abordar a contextualização da área de estudo, compreendendo o processo de ocupação do bairro e o seu desenvolvimento; Já na terceira parte será apresentada a metodologia adotada para a realização das análises quantitativas e qualitativas acerca dos espaços livres públicos inseridos na área de estudo, ambas abordadas no decorrer da quarta parte.

### **4.1 Histórico dos espaços públicos em Olinda e Recife**

Primeiramente se faz necessário entender a evolução dos espaços públicos na cidade do Recife, em conjunto com os da cidade de Olinda. Mesmo com diferenças latentes na expansão urbana das duas cidades a partir do século XX, sendo a da primeira de forma mais acelerada do que a da segunda, precisamos compreender esse processo de forma conjunta, já que temos uma reverberação no que acontece em uma cidade para a outra. Não existe uma divisão drástica entre os dois territórios, são caracterizadas como cidades vizinhas que foram o berço da implantação urbana no estado de Pernambuco, tudo acontece de forma paralela e o desenvolvimento das cidades andam lado a lado, mesmo que em ritmos diferentes, portanto é imprescindível entender esses processos de ocupação de maneira complementar.

Os primeiros traçados da cidade de Olinda surgiram ainda no século XVI, após o início da colonização portuguesa no território. Com isso temos a formação dos pátios na frente das construções religiosas que aconteceram durante esse século, característica típica do traçado europeu que foi trazida para as novas terras ocupadas, como a Catedral da Sé, ou Catedral São Salvador do Mundo, datada de 1540, considerada a segunda igreja mais antiga do território brasileiro, precedida apenas pela Igreja dos Santos Cosme e Damião de Igarassu; A Igreja do Carmo, com o início das construções por volta de 1580; A Basílica e Mosteiro de São Bento, construído inicialmente durante 1597 e 1599. De acordo com Albuquerque (2006), em Recife temos diversas semelhanças nessa ocupação inicial. O Pátio da Ermida de Santo Aleixo se configura como o primeiro registro de espaço público, datado do século XVI no atual Bairro do Recife (antigo istmo e atual ilha), ponto de partida para a abertura dos caminhos em direção ao continente. Durante o século XVII os espaços públicos se expandiram juntamente com o traçado urbano da cidade devido a ocupação holandesa no território. Sob a administração do Conde João Maurício de Nassau (1637-1664) foi proposto o primeiro plano urbanístico, elaborado pelo arquiteto Pieter Post, para ordenar o crescimento da cidade que se expandia para a ilha de Antônio Vaz (figura 9).



Figura 9: Cidade do Recife no século XVII, período nassoviano.

Fonte: Arquivo Iconográfico do Museu da Cidade do Recife, 2005 apud Albuquerque, 2006

Segundo Almeida (2001) essa expansão trouxe a criação de ruas, pontes, palácios, casas, jardins, bem como os espaços públicos que permanecem até hoje mesmo com as modificações incidentes. O Parque de Friburgo (atualmente sendo a Praça da República, figura 10), o Terreiro dos Coqueiros (atual Praça D'armas) e a Praça do Comércio (conhecida como Praça Rio Braco nos dias atuais).



Figura 10: Imagem da Praça da República no início do século XX

Fonte: Acervo digital do Museu da Cidade do Recife Vol. 9 (2023)

Para além das praças e jardins, os mercados públicos também desempenharam um grande papel na configuração dos espaços públicos da cidade. O mercado dos escravos na Rua dos Judeus (atualmente Rua do Bom Jesus), o mercado de peixe (atualmente no local se encontra o Mercado de São José), o Mercado velho no Pátio do Corpo Santo, entre outros, são exemplos na cidade do Recife (ALMEIDA, 2001). Já em Olinda, recebendo menos investimentos do que a cidade do Recife para sua expansão e desenvolvimento urbano, temos a criação do Mercado da Ribeira no final do século XVII destinado para o comércio de carnes, peixe, farinhas e que nos dias atuais funciona como um centro de artesanato.

Com a expulsão dos holandeses e a retomada do poder pelos lusitanos, o cenário dos espaços públicos na cidade começou a ser alterado. O traçado deixado permaneceu, mas os jardins e praças foram eliminados ou alterados, dando espaço para a construção de igrejas com os seus pátios secos (sem qualquer vegetação). Essa característica de espaços públicos voltados para o cunho religioso que se iniciou no século XVIII perdurou ainda pelo século XIX até a chegada do governo de Francisco do Rego Barros. O novo governo trouxe as tendências europeias para a cidade, deixando de lado a construção de áreas de convívio ao redor das igrejas e se voltou mais para o pensamento do período nassoviano (ALBUQUERQUE, 2006). A autora ainda discorre sobre a ênfase da criação de espaços livres públicos, bem como do tratamento paisagístico, a partir da metade do século XIX. Com as

influências estrangeiras houve uma valorização das praças durante a administração de Rego Barros (Conde da Boa Vista), a criação da repartição de Obras Públicas visou melhorias e deu início a uma fase próspera da cidade. “A influência estrangeira foi um condicionante importante nas transformações ocorridas nesta época. Os comerciantes ingleses introduziram o hábito de passeio pelas ruas e o uso de roupas leves.” (ALMEIDA, 2001, p.68)

Na segunda metade do século XIX, após o governo do Conde da Boa Vista, continuou a construção de diversas edificações estabelecendo relação com os espaços livres públicos existentes. O Palácio do Governo e a nova Academia de Direito são exemplos disso, além do surgimento da proposta da criação do Jardim 13 de Maio (atualmente o Parque 13 de Maio). A cidade foi se expandindo e a preocupação com o seu todo se fazia presente, contudo esses espaços passaram a ser mais valorizados nas áreas iniciais da ocupação, compreendendo até o bairro da Boa Vista.

Albuquerque ainda traz a repercussão do cenário europeu do final do século XIX, com a modernização acelerada e a preocupação com a higienização e embelezamento das cidades. Recife também sofreu com as intervenções urbanísticas, principalmente nas áreas centrais, que se estendeu durante o século XX com o engenheiro Saturnino de Brito. As modificações na paisagem eram propostas através da retirada dos cemitérios das igrejas, a destruição de mocambos existentes no centro e com implantações que valorizavam a estética da cidade, como por exemplo os canais com arborização em suas margens, criação de parques, o tratamento de esgoto visando a preservação dos mananciais e matas existentes, entre outros.

No final do século XX, mais precisamente a partir da década de 1970, foram realizadas diversas propostas direcionadas para a criação de espaços públicos, porém nenhuma foi de fato implementada. O Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), evidenciou a escassez de espaços públicos direcionados ao esporte e lazer, mas foi dada a prioridade para as questões habitacionais no lugar da criação desses espaços. Na década de 1980 dois projetos tentaram alavancar a criação de espaços livres públicos na cidade do Recife. O Projeto Recife foi elaborado por volta de 1981, onde foram identificados onze terrenos para propor um conjunto de parques no entorno do rio Capibaribe, a iniciativa foi batizada de Projeto Parque Capibaribe, porém apenas as questões voltadas para infraestrutura e habitação foram implantadas. Em 1987 a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (FIDEM) propôs um sistema de doze parques na região metropolitana do Recife, esses espaços eram destinados ao lazer e deveriam ser articulados, assim como o anterior, pelo eixo do rio Capibaribe e também nunca foi efetivado (Albuquerque, 2006).

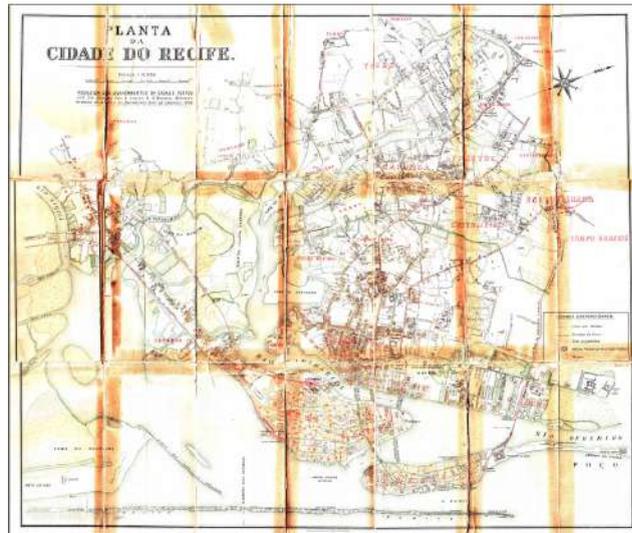


Figura 11: Cidade de Recife em 1906

Fonte: <https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>

Por outro lado, na cidade de Olinda temos uma expansão urbana mais desacelerada do que na cidade do Recife. Podemos observar o desenvolvimento da segunda na figura 11, representado num mapa datado de 1906, em comparação com a figura 12, onde é retratada a ocupação na Cidade de Olinda em 1915, sendo compreendida pelo Sítio Histórico e pela ocupação de uma faixa contínua no eixo da orla da cidade. Essa ocupação ainda é realizada de forma muito tímida, enquanto Recife já possui planos viários e projetos paisagísticos para seus espaços públicos. A expansão da cidade de Olinda começou a aparecer de forma significativa a partir da década de 1950, como pode ser observada na figura 13, representando o crescimento da mancha urbana no território e o desaparecimento da vegetação local, se restringindo a uma pequena área rural no final da década de 1990.



Figura 12: Cidade de Olinda em 1915

Fonte: Novaes, 1990, p.38 apud

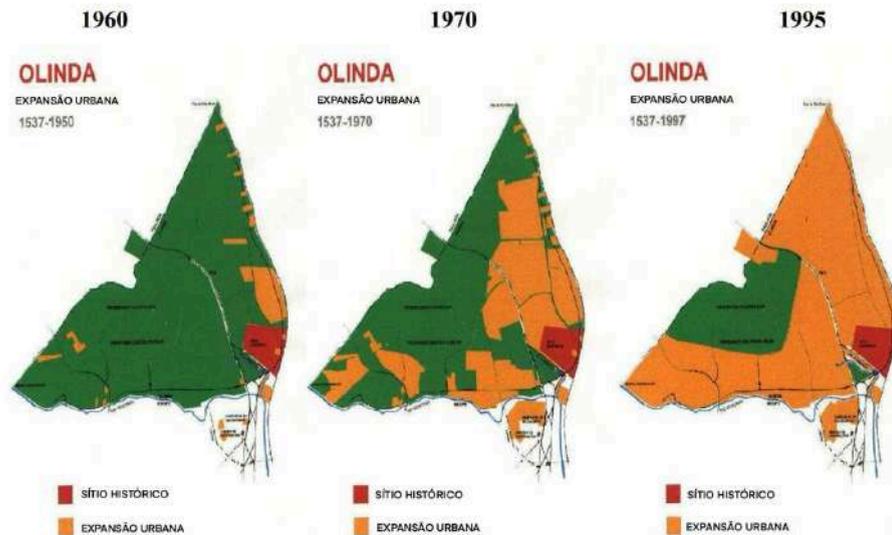


Figura 13: Expansão Urbana de Olinda no séc. XX  
 Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda/SEPLAMA/DIM, 2006

Em Recife temos a presença de diversos parques como parte do tecido urbano, além das praças de variadas dimensões distribuídas pelos seus bairros, como por exemplo o Parque da Jaqueira, Parque de Santana, Parque Arraial do Bom Jesus, Parque Dona Lindu, Parque das Graças (que entrou em funcionamento em 2021), entre outros. Já na cidade de Olinda a situação é bem diferente, a maioria dos espaços livres públicos se encontram distribuídos pelos bairros em configuração de pequenas praças com pouca infraestrutur, esses espaços em maiores dimensões são identificados apenas no conjunto composto pela Praça do Carmo, Parque do Carmo e Praça da Abolição, localizados no sítio histórico da cidade, bem como o Memorial Arcoverde, localizado na “entrada” da cidade.

Outro ponto que também deve ser levado em consideração é a privatização de quatro parques do Recife, sendo eles o Parque da Jaqueira, Parque de Apipucos, Parque de Santana e Parque Dona Lindu, uma iniciativa que acaba gerando mais segregação dentro desses espaços, pois mesmo que a entrada seja livre a dinâmica interna é completamente alterada. Diante disso, o lazer para a população de bairros suburbanos e periféricos é uma questão de extrema importância a ser considerada no planejamento urbano. A escassez desses espaços nos bairros mais afastados da Região Metropolitana no Recife gera a necessidade de um deslocamento muitas vezes longo para ter acesso aos grandes parques das áreas centrais, que por sua vez ficam localizados, em sua maioria, nos bairros das classes altas.

#### 4.2 Contextualização da área de estudo



Figura 14: Localização da Cidade de Olinda e do bairro de Ouro Preto, respectivamente.  
 Fonte: Própria, 2025

O bairro de Ouro Preto, situado na cidade de Olinda, teve o início da sua formação após a expropriação da fazenda Ouro Preto, que se encontrava improdutiva, em 1966. O Serviço Social Contra o Mocambo, atual Serviço Social Agamenon Magalhães, previa a construção de 4.000 casas financiadas pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) dando origem à Vila Felipe Herreira, nome dado a essa configuração inicial do bairro (figura 15).



Figura 15: Bairro de Ouro Preto, antiga Vila Felipe Herreira

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/04/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

Com o passar das décadas sua área urbana foi se expandindo gradativamente, principalmente após a chegada da sede da TV Globo Nordeste e da TV Manchete (com sua torre desenhada por Oscar Niemeyer, figura 16, atualmente classificada como Zona Especial de Proteção Cultural ou ZEPC 7) na década de 1970, chegando aos dias atuais com cerca de 30.644 habitantes, de acordo com o último censo disponibilizado pelo IBGE em 2012<sup>1</sup>, e com uma área de aproximadamente 3km<sup>2</sup>. O bairro conta com outra Zona Especial de Proteção Cultural (ZEPC 4), que engloba a área do atual Santuário Mãe Rainha, construído ao lado das ruínas do Convento Santo Amaro da Água Fria (1662), figura 17. A delimitação do bairro de Ouro Preto foi retirada do Plano Municipal de Saúde de Olinda 2018-2021(p.19) por falta de dados disponíveis no site da Prefeitura da cidade.



Figura 16: Torre TV Manchete

Fonte: <https://maerainhaolindaarecife.com.br/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

---

<sup>1</sup> O dado referente a quantidade de habitantes do bairro foi retirado do último censo do IBGE disponibilizado sobre a área, correspondente ao ano de 2012, já que os dados do censo do ano de 2022 referentes ao bairro de Ouro Preto não foram divulgados. Vale ressaltar que esse número pode ter sofrido alteração na última década, mas foi necessário utilizar o dado que foi publicado mais recentemente para a elaboração do trabalho, correspondente ao ano de 2012.



Figura 17: Ruínas do convento Santo Amaro da Água Fria  
Fonte: <https://maerainhaolindaarecife.com.br/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

O Plano Diretor da cidade de Olinda (figura 19) define um zoneamento para as distintas áreas do bairro sendo elas ZCO 1 (Zona de Consolidação de Ocupação), ZVE 4 (Zona de Verticalização Elevada), ZEPC 4 e ZEPC 7 (Zona Especial de Proteção Cultural), ZPAR 2, ZPAR 6 e ZPAR 9 (Zona de Proteção Ambiental Recreativa), ZIE 7 e ZIE 6 (Zona de Interesse Estratégico), ZEIS (Zona Especial de Interesse Social).

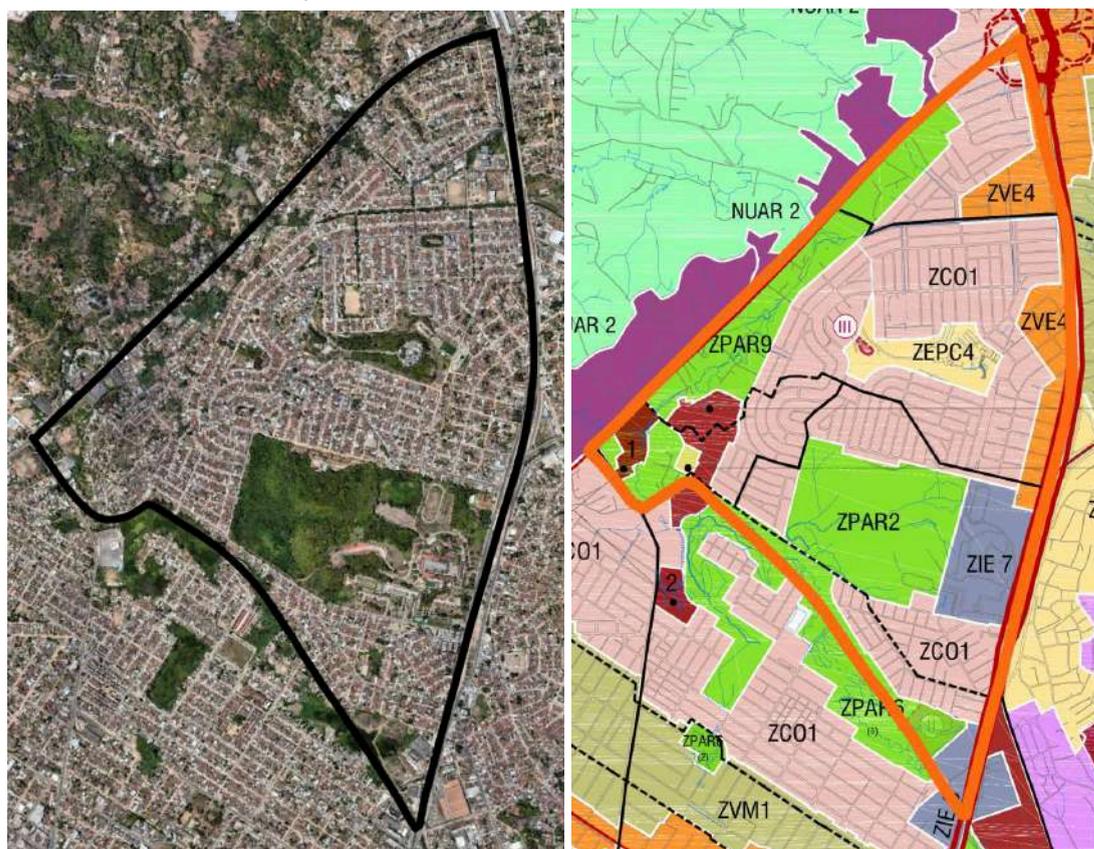


Figura 18: Identificação do bairro de Ouro Preto, Olinda / Fonte: Própria, 2025  
Figura 19: Trecho do Plano Diretor da cidade de Olinda, 2019 / Fonte: Plano Diretor de Olinda (2019)

Quando nos voltamos para a questão dos espaços livres públicos, precisamos ter em mente que se trata de um bairro suburbano, predominantemente residencial e que a negligência sofrida por parte do poder público ecoa de diversas formas. É possível identificar uma grande falta de infraestrutura nessas áreas, as pequenas praças que fazem parte da malha urbana do bairro consistem em “espaços residuais” gerados pela expansão desse traçado, onde pequenas áreas

predominantemente em formato triangular são designadas para o uso público por entre as quadras residenciais. Bem como, podemos identificar a falta de um planejamento adequado destinado à implantação desses espaços, pois essas praças, em sua maioria, possuem apenas uma pequena área destinada a alguns brinquedos infantis e pequenas áreas de permanência (na sua maioria em condições precárias), problemas de iluminação e acessibilidade também são frequentes. Todos esses aspectos serão destrinchados neste capítulo diante da necessidade de melhoria dos espaços públicos num bairro onde boa parte dos moradores reside há décadas e possuem relações estreitas com a sua vizinhança.

### 4.3 Análise quantitativa sobre a área de estudo

Assim como descrito na metodologia acima, essa primeira parte da análise será destinada para os cálculos com base nos três indicadores. O primeiro é o **Espaço Público Total por Habitante (EPT / hab.)**, a área do espaço público total foi obtida através da soma do Espaço Público Efetivo e do Espaço Público Não Efetivo dividido pelo total de habitantes da área (figura 20).

O Espaço Público Efetivo: Caracterizado basicamente pelas praças e campos de futebol, já que existe uma ausência de parques urbanos na área, totalizou 45.784,72 m<sup>2</sup>. O Espaço Público Não Efetivo: Vias carroçáveis (296.363,95 m<sup>2</sup>), passeios (167.990,58 m<sup>2</sup>), zonas verdes de proteção (760.827,43 m<sup>2</sup>), sendo essas, Zona Especial de Proteção Cultural 4, Zona de Proteção Ambiental Recreativa 2, Zona de Proteção Ambiental Recreativa 6 e Zona de Proteção Ambiental Recreativa 9 e os canais fluviais que perpassam o bairro, totalizou 1.225.181,96 m<sup>2</sup>. Quando somamos o Espaço Público Efetivo com o Não Efetivo obtemos o Espaço Público Total, que resultou em 1.270.966,68 m<sup>2</sup>, e quando dividido pela população total de 30.644 habitantes obtemos o EPT/hab. de **41,47 m<sup>2</sup>/hab.**

Os dados do estudo realizado em Bogotá (2013) apontam que a média do EPT/hab da cidade é de 16,90 m<sup>2</sup>, e entre as 19 regiões que compõem a cidade sete apresentam valores abaixo de 15 m<sup>2</sup>/hab, onze possuem entre 15,10 e 40 m<sup>2</sup>/hab e apenas uma apresenta mais de 40 m<sup>2</sup>/hab. Também é válido ressaltar que o Documento *Visión Colombia 2019*, determinou como uma meta para o país um quantitativo padrão de 10 m<sup>2</sup>/hab de EPT.

Mesmo com uma densidade demográfica maior do que a capital colombiana, o bairro de Ouro Preto apresenta um EPT acima dos relatados em Bogotá, visto que apenas uma região da cidade colombiana possui um EPT mais elevado do que 40 m<sup>2</sup>/hab em comparação com as outras, bem como, também está além do padrão adotado de 10 m<sup>2</sup>/hab, com seus 41,47 m<sup>2</sup>/hab.

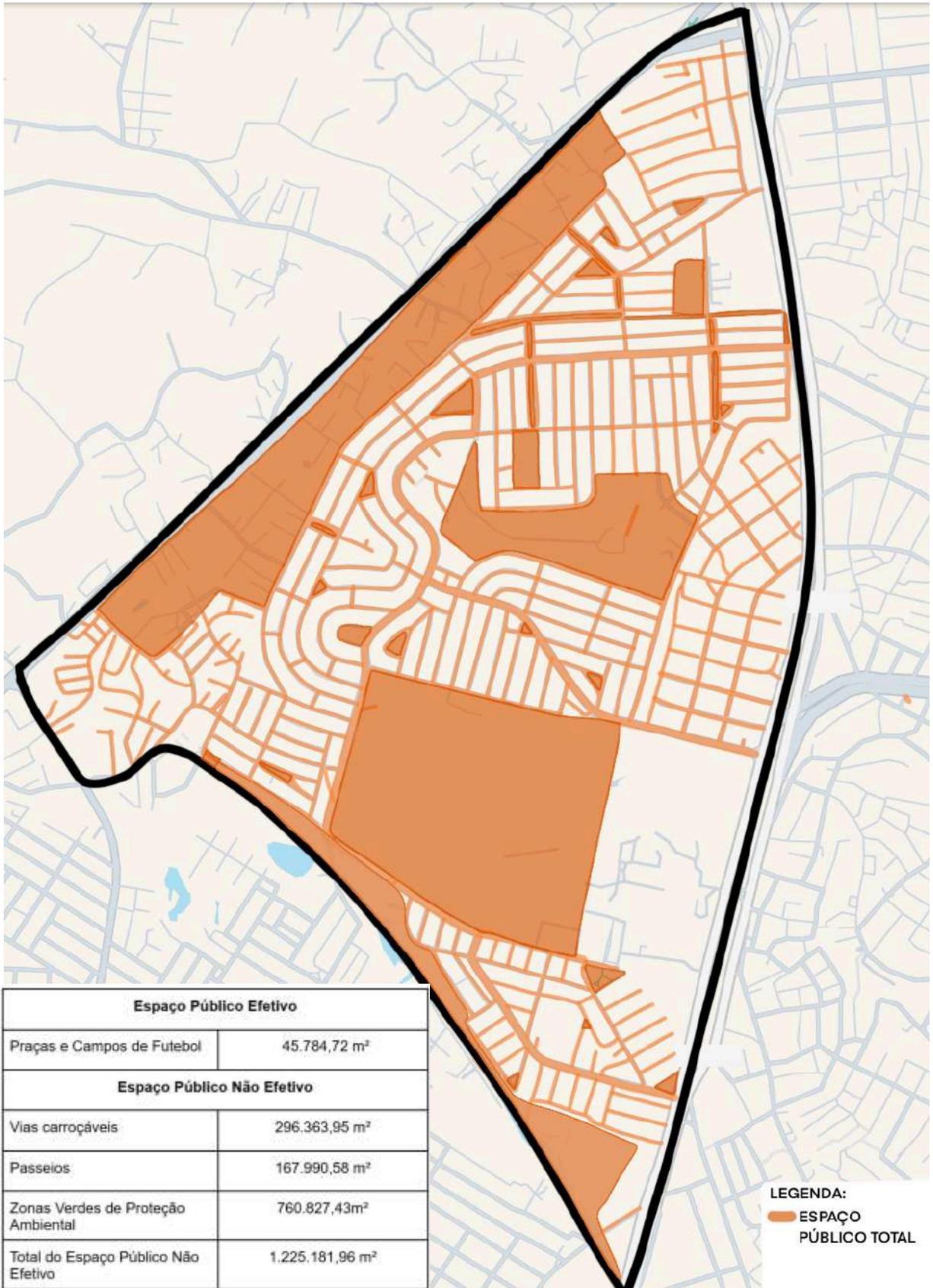


Figura 20: Espaço Público Total por Habitante  
 Fonte: Própria, 2025

Para obter o **Espaço Público Efetivo por Habitante (EPE / hab.)** é necessário dividir a área de Espaço Público Efetivo, praças e campos de futebol (45.784,72 m<sup>2</sup>), pelo número total de habitantes (30.644), resultando em **1,49 m<sup>2</sup>/hab** (figura 21). A brusca variação entre o Espaço Público Total por Habitante (41,47 m<sup>2</sup>/hab.) e o Espaço Público Efetivo por Habitante (1,49 m<sup>2</sup>/hab.) se dá principalmente pelo fato da inclusão das zonas verdes dentro do primeiro indicador, que mesmo exercendo funções ambientais importantes para o meio em que estão inseridas, não possuem livre acesso para a população, como é o caso da ZEPC 4 e ZPAR 2 que se situam dentro de áreas privadas muradas. Já no caso da ZPAR 6 e ZPAR 9, mesmo não estando inseridas dentro de áreas privadas, não podem ser utilizadas como espaços livres públicos, pois grande parte da sua área está ocupada por outros usos. Portanto, os espaços que estão destinados ao livre acesso pelos habitantes são pequenas praças distribuídas ao longo do traçado e três campos de futebol. Também é válido ressaltar que se tirarmos os três campos de futebol e considerarmos apenas as praças, por apresentarem mais arborização e espaços de permanência, bem como serem um atrativo para um público mais abrangente do que os campos de futebol, temos uma área de 24.281,72 m<sup>2</sup> e que dividido pelo número de habitantes resulta em um EPE de 0,79m<sup>2</sup>/hab.

A legislação da Colômbia determinou, pelo decreto nacional 1504 de 1998, 15 m<sup>2</sup>/hab. como o índice mínimo de EPE, porém o Espaço Público Efetivo por Habitante da cidade de Bogotá é menor do que esse valor estabelecido, sendo 3,93 m<sup>2</sup>/hab. Cinco zonas apresentam EPE inferior a 3 m<sup>2</sup>/hab.; onze com valores entre 3,2 a 6 m<sup>2</sup>/hab.; e três com mais de 6 m<sup>2</sup>/hab. (Bogotá, 2013 *apud* Martins e Andrade, 2023).

Podemos observar que o resultado do indicador obtido na cidade de Bogotá não chegou ao valor estabelecido como o mínimo ideal pelo Governo da Colômbia, de 15 m<sup>2</sup>/hab, com apenas 3 zonas apresentando um EPE acima de 6 m<sup>2</sup>/hab. Contudo, ainda obteve um resultado mais satisfatório do que o bairro olindense, que conta com apenas 1,49 m<sup>2</sup>/hab., um valor extremamente baixo para um bairro populoso e bem distante do valor mínimo estabelecido. Se levarmos em conta apenas as áreas das praças existentes no bairro de Ouro Preto, sem os 3 campos de futebol, o valor cai para 0,79 m<sup>2</sup>/hab., quase 5 vezes menor do que a média da capital colombiana.

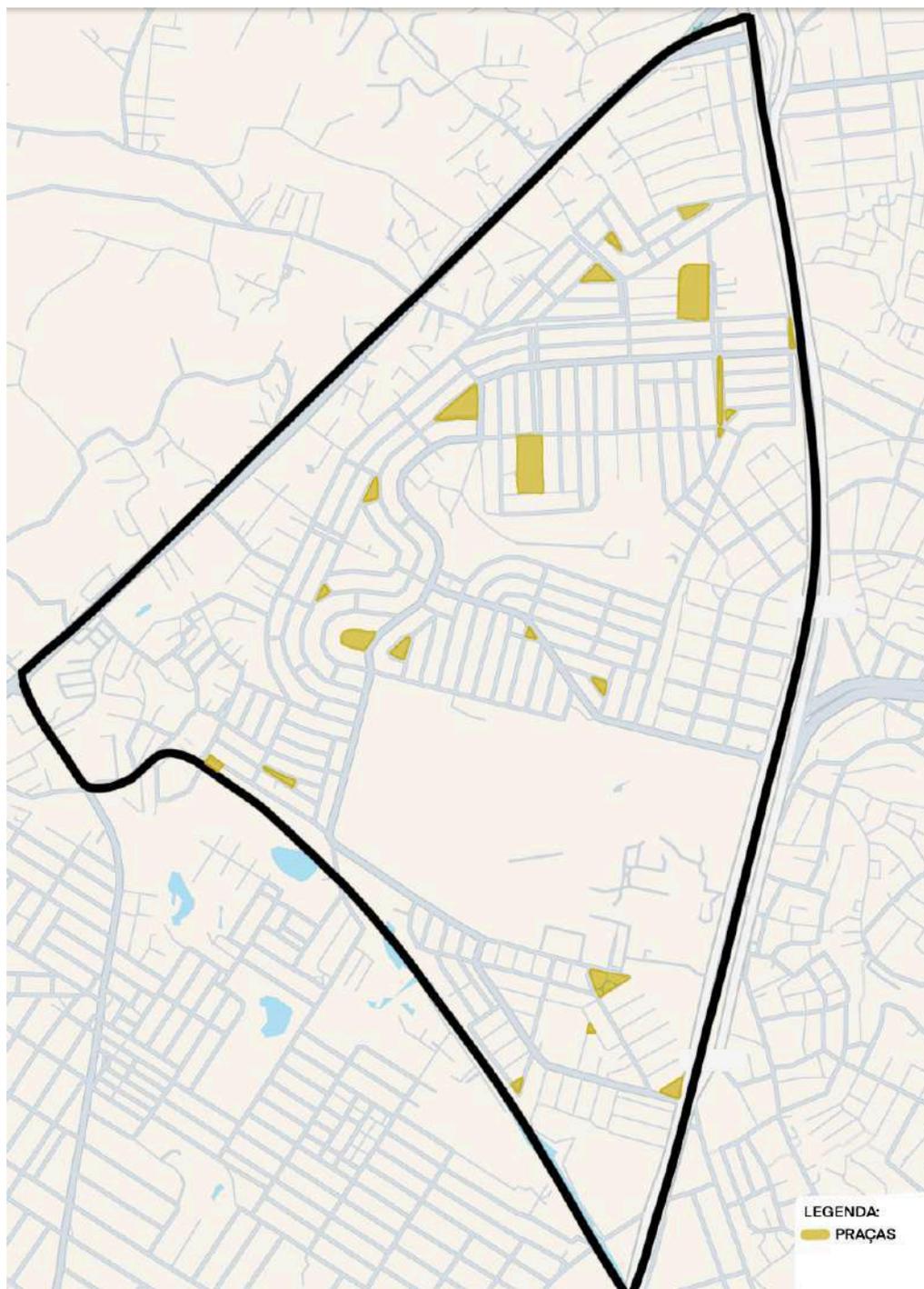


Figura 21: Espaço Efetivo por Habitante (praças e campos de futebol)  
 Fonte: Própria, 2025

O indicador do **Espaço Público Verde por Habitante (EPV / hab.)** obtemos através da divisão entre a soma das praças, zonas verdes de proteção ambiental, canais hídricos e a ZEPC2 (onde está localizada a antiga sede da Rede Globo nordeste), que somadas totalizam (806.612,15m<sup>2</sup>), e divididas pelo número de habitantes dentro da área de estudo (30.644), resultando em **26,32m<sup>2</sup>/hab** (figura 22). Assim como o Espaço Público Total, o valor do Espaço Público Verde é bem acima do que foi obtido no Espaço Público Efetivo, justamente pela inclusão de áreas verdes que estão sob posse de instituições que não garantem acesso aos moradores.

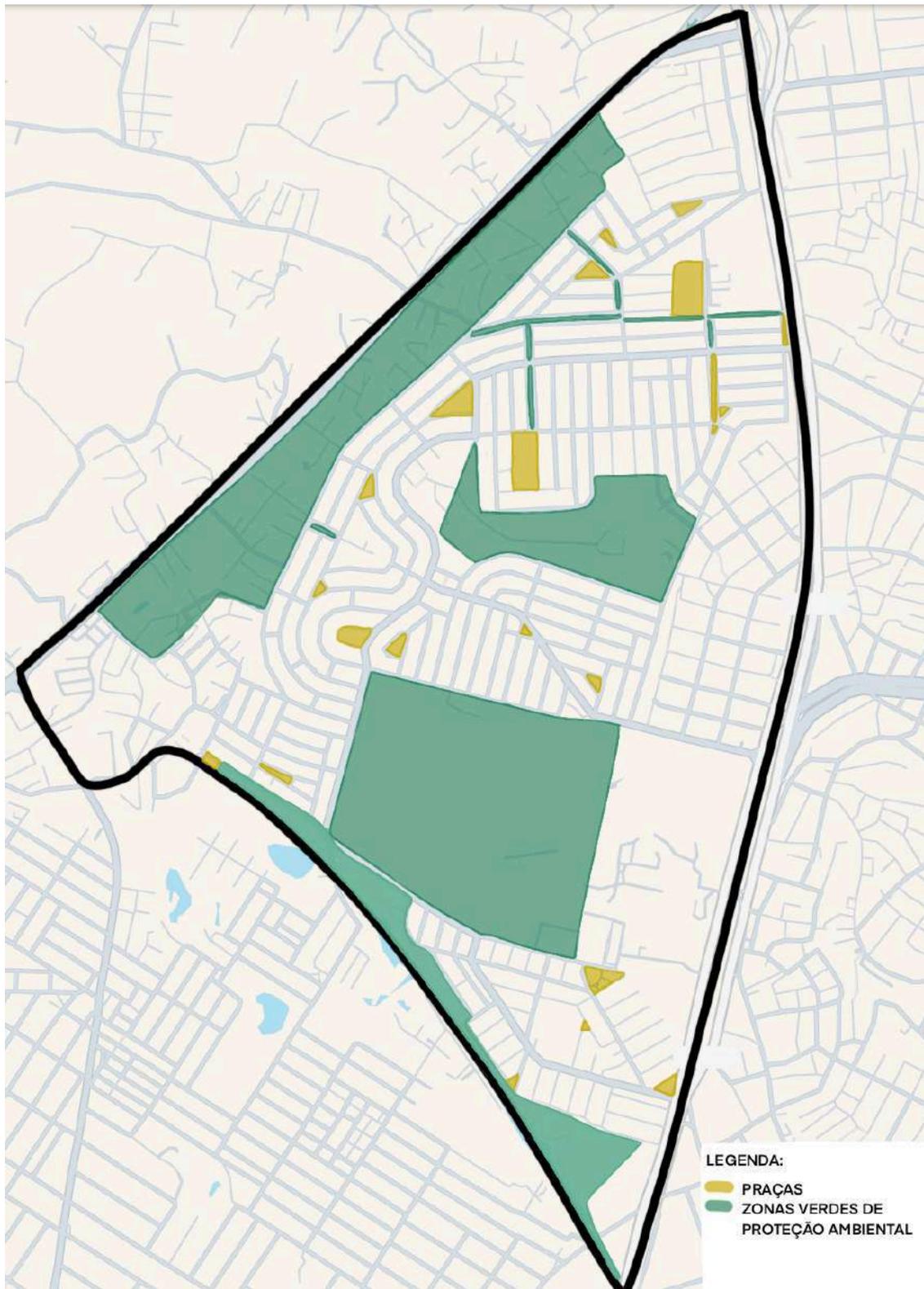


Figura 22: Espaço Público Verde por Habitante  
 Fonte: Própria, 2025

O bairro de Ouro Preto possui uma grande densidade habitacional, com cerca de 10 mil habitantes por km<sup>2</sup>, mesmo sem uma grande presença de verticalização, e podemos observar que existe uma grande falta de arborização nas vias (figuras 23 e 24), fazendo com que o contato com o verde seja uma carência do bairro, já que, para além das grandes áreas verdes que são inacessíveis, elas estão

presentes apenas de forma mínima nas praças distribuídas pela malha urbana e dentro das áreas residenciais, que por sua vez também são privadas. Portanto, esse índice obtido bem acima da média não retrata a real situação que os moradores vivenciam.



Figura 23: Bairro de Ouro Preto  
Fonte: Própria, 2025



Figura 24: Bairro de Ouro Preto  
Fonte: Própria, 2025

A média de EPV obtida na cidade de Bogotá é de 6,30 m<sup>2</sup>/hab., com oito localidades apresentando valores abaixo de 5 m<sup>2</sup>/hab. e onze que estavam entre 5,1 e 15 m<sup>2</sup>/hab. O resultado obtido no bairro de Ouro Preto foi maior do que o da capital colombiana, com seus 26,32 m<sup>2</sup>/hab. Porém, mesmo que esteja bem acima da média da cidade de Bogotá, as áreas verdes que possuem potencial para o desenvolvimento de um espaço desse porte e viés não foram aproveitadas para essa finalidade. Quando comparamos com o parâmetro de área verde por habitante em áreas urbanas estabelecido pela Organização Mundial de Saúde, que é de 12m<sup>2</sup>/hab, podemos ver que o resultado obtido no bairro está bem acima desse valor estipulado, apresentando 26,32m<sup>2</sup>/hab.

A elaboração do quadro abaixo (figura 25) ajuda a compreender melhor o cenário quantitativo apresentado nas duas localidades, bem como entender como se encontram em relação aos parâmetros mínimos estabelecidos. O bairro de Ouro Preto se mostra com valores satisfatórios em relação ao EPT e EPV, estando acima dos parâmetros e dos valores obtidos na cidade de Bogotá. Contudo, o EPE apresenta-se bem abaixo do mínimo, bem como, demonstra através dos números uma realidade pior do que a da capital colombiana no quantitativo das áreas de praças e parques.

	<b>Bogotá</b>	<b>Ouro Preto</b>	<b>Parâmetro (valor mínimo)</b>
<b>Espaço Público Total por Habitante (EPT / hab.)</b>	16,90 m <sup>2</sup> /hab.	41,47 m <sup>2</sup> /hab	10 m <sup>2</sup> /hab
<b>Espaço Público Efetivo por Habitante (EPE / hab.)</b>	3,93 m <sup>2</sup> /hab	1,49 m <sup>2</sup> /hab	15 m <sup>2</sup> /hab
<b>Espaço Público Verde por Habitante (EPV / hab.)</b>	6,30 m <sup>2</sup> /hab.	26,32 m <sup>2</sup> /hab.	12 m <sup>2</sup> /hab

Figura 25: Quadro comparativo para análise  
Fonte: Própria, 2025

Diante disso, podemos compreender que os três indicadores desenvolvidos são grandes aliados nas análises quantitativas de estudo de caso através das suas aplicações. É extremamente importante obter esses valores em m<sup>2</sup> dos diferentes tipos de espaços públicos, pois torna a situação da área mais palpável e facilita a compreensão de quais são as principais necessidades que ela apresenta.

No caso de Ouro Preto foi identificada uma grande problemática no Espaço Efetivo por Habitante, que apresenta um valor muito baixo, revelando que os espaços não estão cumprindo com a sua função social de atender com plenitude os moradores do bairro, já que o valor obtido de 1,49 m<sup>2</sup>/hab. se encontra muito distante do valor mínimo ideal de 15 m<sup>2</sup>/hab. O resultado dos outros dois indicadores, Espaço Público Total por Habitante e Espaço Público Verde por Habitante, se mostram satisfatórios por estarem bem acima do valor estabelecido nos parâmetros.

Contudo, essa metodologia apresenta uma questão que afeta diretamente dois indicadores: O Espaço Total por Habitante e o Espaço Público Verde por Habitante. Ambos aderem aos seus cálculos os espaços verdes de proteção ambiental, que podem ou não ser acessíveis pelo público. Porém, quando pensamos em espaços públicos, seria interessante contabilizar os que realmente possibilitam o livre acesso, já que, mesmo realizando funções ambientais na área, os espaços restritos não podem de fato ser usufruídos pelos moradores, como é o caso da ZPAR 2 e a ZEPC 4. É importante levar em conta que essas áreas geralmente são de grande porte, o que ocasiona um aumento no resultado dos indicadores, dando a entender que a área de estudo oferece um alto quantitativo desses espaços, mas a realidade é que eles estão sob domínio privado e os habitantes continuam confinados às pequenas áreas públicas que de fato podem usufruir.

#### **4.4 Análise qualitativa sobre a área de estudo**

A segunda parte será destinada para a análise qualitativa do Espaço Público Efetivo, ou seja, as praças e campos de futebol inseridos na área de estudo. Esse recorte foi estabelecido pensando na importância que essas áreas têm para a formação do senso de comunidade dentro do bairro, através da criação e do fortalecimento das relações entre os moradores.

Os espaços foram enumerados de 1-22 para facilitar a identificação de cada um deles (figura 26), e a partir disso foram desenvolvidos os mapas de sensações de conforto térmico, que foram realizados após visitas de campo na parte da manhã (10:00) e na parte da tarde (15:00), bem como os mapas de sensação de conforto lumínico, que foram elaborados após visitas à noite (19:00). É válido ressaltar que as coletas dos dados qualitativos foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2025. Além disso, foi incluído nesta análise a situação das calçadas e dos mobiliários que compõem esses espaços, e a rota dos ônibus dentro do bairro, para identificar se atendem todos esses locais com plenitude. Ainda vale ressaltar que em alguns espaços foi necessária a utilização de imagens do Google Earth para uma melhor compreensão da área, visto que o campo de visão é mais abrangente.

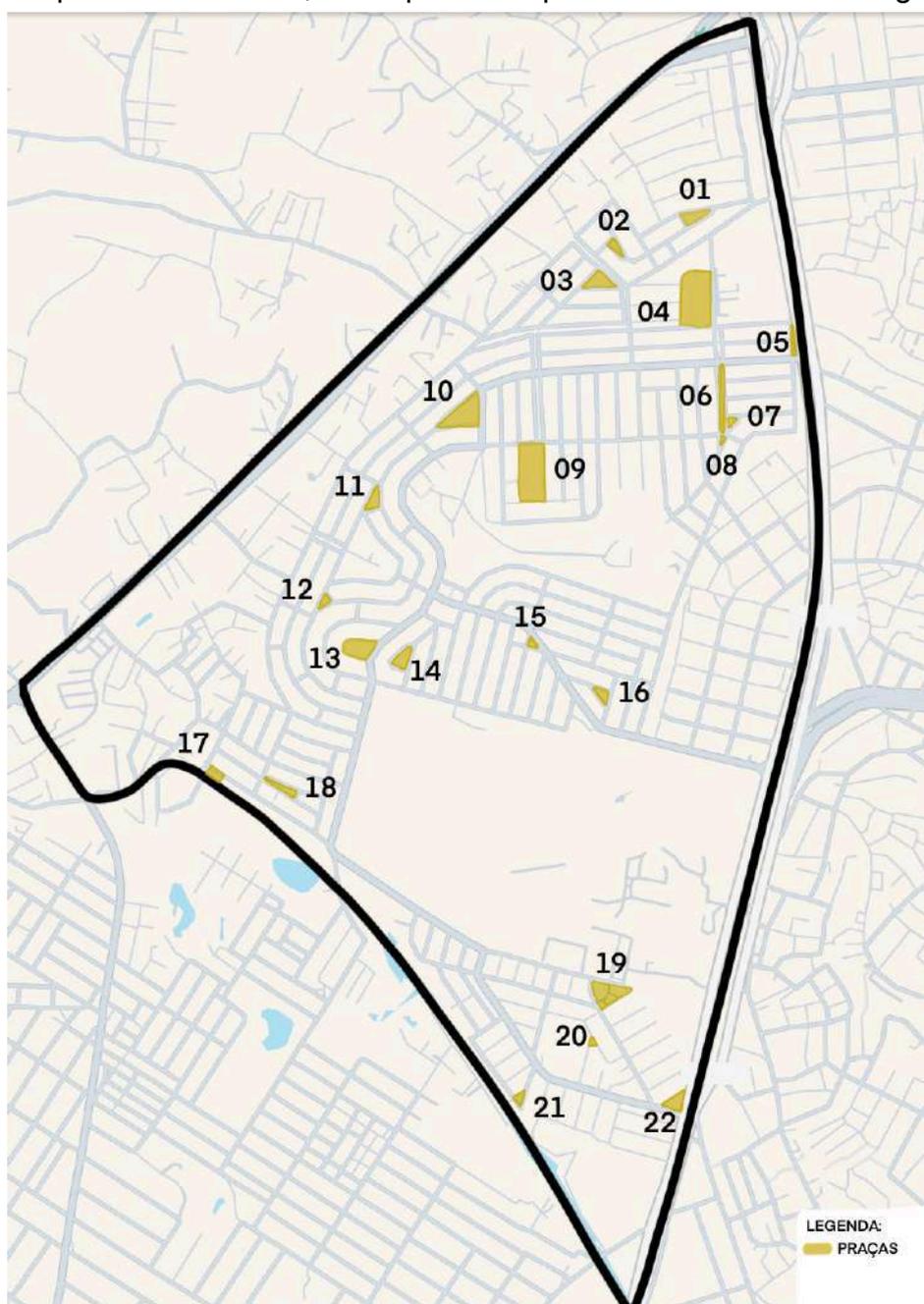


Figura 26: Identificação dos Espaços Públicos Analisados  
Fonte: Própria, 2025

O espaço 01 (figuras 28 e 29) se encontra localizado no encontro da Rua Ema com a Rua Faisão, estando a primeira num nível mais elevado do que a segunda, ocasionando um grande desnível no terreno (figura 30). Se configura como uma praça triangular que possui em sua parte nivelada uma pequena área de convivência, que também apresenta mobiliários para exercícios físicos (figura 31), uma quadra de basquete (figura 32) e alguns mobiliários para crianças (figura 33 e 34). Na parte mais baixa, voltada para a Rua Faisão, também existe uma pequena área de convivência e uma escadaria (figura 29).



Figura 27: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figuras 28 e 29: Espaço 01  
Fonte: Google Earth, 2024



Figura 30: Espaço 01  
Fonte: Google Earth, 2024



Figura 31: Espaço 01 - Área de convivência e equipamentos para exercícios (Rua Ema)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 32: Espaço 01 - Quadra de basquete (Rua Ema)  
Fonte: Própria, 2025



Figuras 33 e 34: Espaço 01 - Parquinho infantil (Rua Ema)  
Fonte: Própria, 2025



Do ponto de vista térmico o local apresenta desconforto no período da manhã pelo fato da maior parte da sua vegetação arbórea se encontrar na parte do desnível da praça, restando apenas algumas árvores, que não sombreiam de maneira uniforme e eficaz, por não apresentarem copas frondosas, na área de convivência superior, na quadra de basquete e no parquinho para crianças (figuras 31, 32, 33 e 34). Na parte da tarde, há um maior desconforto nessas áreas pelos mesmos motivos citados, se estendendo ainda para o meio do desnível por apresentar árvores menores. Porém, a parte do desnível ainda é a mais confortável pelas próprias condições do terreno, fazendo com que o espaço de convivência na parte mais baixa (figura 28) esteja sempre sombreado e confortável.

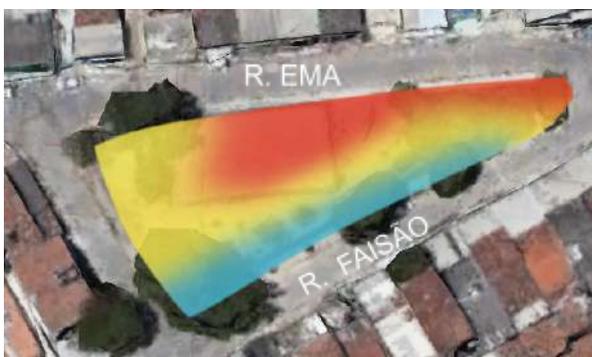


Figura 35: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025

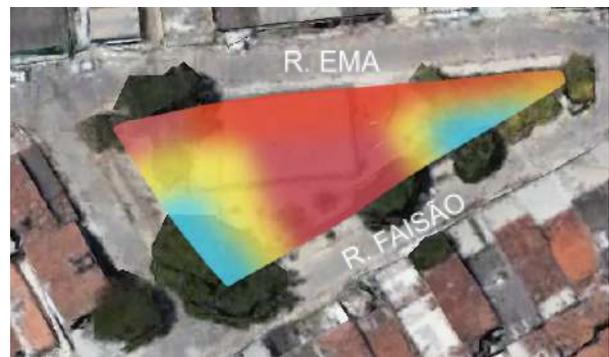


Figura 36: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 37: Espaço 01 - Desnível da praça  
 Fonte: Google Earth, 2024

Do ponto de vista lumínico, o local apresenta um grande desconforto durante a noite, pois a iluminação é pouca e não eficaz. A parte do desnível (figura 37) não possui postes de iluminação, fazendo com que a área de convivência superior se encontre parcialmente escura (figura 39) e os equipamentos de exercício estejam em uma situação ainda pior. A área de convivência que fica na parte mais baixa se encontra completamente no escuro, além das próprias vias do entorno também serem mal iluminadas. A pouca iluminação existente se faz presente no parquinho para crianças (figura 40) e na quadra de basquete, onde não se encontram árvores com grandes copas.

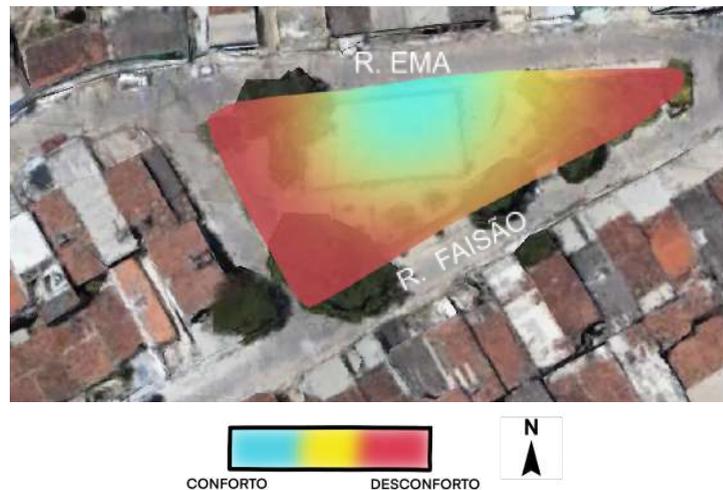


Figura 38: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 39: Espaço 01 - Área de convivência e equipamentos para exercícios  
Fonte: Própria, 2025



Figura 40: Espaço 01 - Parquinho infantil  
Fonte: Própria, 2025

Acessibilidade ao local não é funcional como deveria, o acesso para a área nivelada, onde de fato a praça está localizada, é feito através de uma escadaria ou vencendo a ladeira através das calçadas, que por sua vez não se enquadram na largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m e não possuem sinalização como piso tátil ou rebaixamento de guias, e em alguns pontos apresentam bloqueios como árvores e entulhos. Também não possui rampas e corrimão para facilitar a mobilidade, assim como as vias ao redor também não apresentam faixa de pedestres. Os mobiliários do parquinho se encontram parcialmente quebrados (figura 34) e com os balanços em situação inutilizável, bem como os bancos e mesas na área de convivência superior (figura 39), que se encontram num estado degradado.

O espaço 02 está localizado na bifurcação da Rua Faisão e se apresenta no formato triangular. Esse espaço não se configura como uma praça pois sua área não apresenta nenhum mobiliário ou infraestrutura desse viés. Contudo, foi incluído nessa categoria pois é utilizado como espaço de convivência pelos moradores (como podemos ver na figura 42). A área está localizada na frente de uma escola municipal, sendo um grande potencial para se tornar um espaço de lazer e convívio para os moradores, contudo não é aproveitada.



Figura 41: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 42: Espaço 02  
Fonte: Google Earth, 2024

Com as visitas na área foi possível identificar, do ponto de vista da sensação de conforto térmico, que não há grandes alterações entre o período da manhã e à tarde. No local existem algumas árvores que se concentram em uma das extremidades da área (figura 45), fazendo com que ela permaneça sombreada durante todo o dia por conta das suas grandes copas que se sobrepõem, tornando apenas esse ponto um local agradável de permanecer.



Figura 43: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 44: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 45: Espaço 02  
Fonte: Própria, 2025



Figura 46: Espaço 02  
Fonte: Google Earth, 2024

No que diz respeito ao mapa de sensação lumínica, foi identificada uma falta de iluminação na parte onde se encontra o adensamento de árvores, já a parte que apresenta apenas vegetação arbustiva se encontra bem iluminada. Não existe poste de iluminação dentro do espaço, os que se encontram nas calçadas ao redor é que fazem o papel de iluminar toda essa área (figura 48).



Figura 47: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 48: Espaço 02 - Iluminação à noite  
Fonte: Própria, 2025



Figura 49: Espaço 02 - Calçada  
Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade ao redor do local é nula, além do fato de não ter infraestrutura alguma na área do espaço 02. As calçadas são estreitas (figura 49), pois não se enquadram na largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, desniveladas e sem qualquer tipo de implantação para facilitar a acessibilidade, como rebaixamento de guias ou sinalização tátil. Também foi notada a ausência de corrimões e rampas no espaço. As calçadas que existem ao redor se encontram degradadas e em certos pontos é inexistente, além de não apresentar faixa de pedestres nas vias.

O espaço 03 é uma praça em formato triangular, localizada entre as ruas Narceja, Esquilo e Dra. Karina Lígia da Cruz. Nesse espaço é encontrado um parquinho para crianças (figuras 51 e 52), uma quadra de futebol, uma área destinada a um pequeno terminal de ônibus e espaços de convivência (figura 53) que acabam servindo de apoio para o terminal.



Figura 50: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 51: Espaço 03 - Parquinho para crianças durante o dia  
Fonte: Própria, 2025



Figura 52: Espaço 03 - Parquinho para crianças à noite  
Fonte: Própria, 2025



Figura 53: Espaço 03 - Área de convivência ao lado do terminal  
Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista da sensação de conforto térmico, podemos notar que há uma grande faixa que proporciona conforto para os usuários por conta da vegetação arbórea presente, que forma uma grande sombra nas áreas de convivência e no terminal de ônibus durante os dois turnos. A parte mais desconfortável durante todo o dia é a área destinada ao parquinho para crianças (figura 51) e a quadra de futebol, que por não haver árvores com copas densas nesses pontos, acabam recebendo bastante irradiação solar.



Figura 54: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 55: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

Durante a visita de campo à noite, pode ser observada a situação da iluminação do espaço, que se apresenta satisfatória na área do parquinho e da quadra de futebol (figura 57 e 58), mas nas áreas de convivência e no terminal de

ônibus (figura 59) a falta de iluminação causa um desconforto e uma sensação de insegurança no local, que é ainda mais reforçada com as árvores densas presentes.

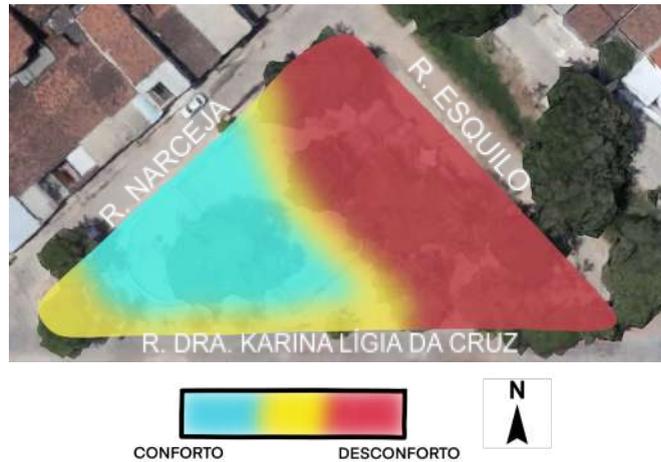


Figura 56: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 57: Espaço 03 - Quadra de futebol  
Fonte: Própria, 2025



Figura 58: Espaço 03 - Parquinho para crianças  
Fonte: Própria, 2025



Figura 59: Espaço 03 - Terminal de ônibus  
Fonte: Própria, 2025

Quando partimos para a acessibilidade no local o cenário é o mesmo que se repete nas outras praças, calçadas deterioradas e estreitas, que não se enquadram na largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, e sem qualquer sinalização ou rebaixamento de guias. A ausência de rampas e corrimão também é notada, assim como a falta de faixa de pedestres nas vias do entorno. Os mobiliários do parque se encontram parcialmente quebrados, como por exemplo os balanços (figura 58), e a quadra se encontra com as redes rasgadas em diversos pontos além de estar alagada por conta das chuvas (figura 57), tornando o espaço inutilizável durante esse período. As áreas de convivência, mesmo que pequenas,

estão com as mesas e bancos conservados, podendo ser utilizados pelos moradores.

O espaço 04 é um campo de futebol localizado na Rua Tainha (figuras 61 e 62). No espaço pode ser identificado apenas duas redes para auxiliar nas atividades esportivas.

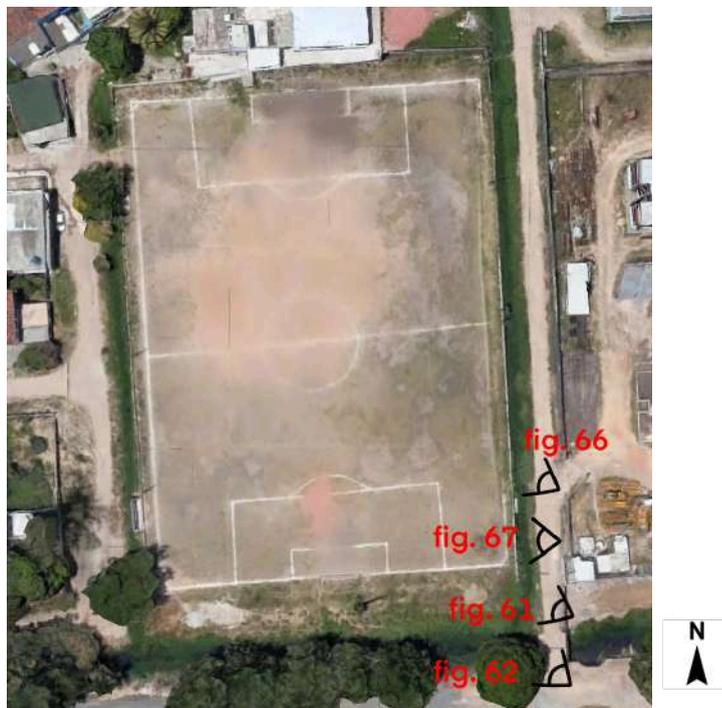


Figura 60: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figuras 61 e 62: Espaço 04 - Campo de futebol  
Fonte: Própria, 2025

A análise de sensações de conforto térmico foram iguais nos dois turnos de visitação. O ambiente é bem desconfortável do ponto de vista térmico pelo fato de não ter nenhuma área ao redor que possui vegeta o arbórea densa. O espaço também é utilizado pela popula o para realiza o de caminhadas no período da noite ou por volta das 5-6 horas da manhã, quando o local não se apresenta tão quente e desconfortável. O  nico local que ainda apresenta um certo nível de conforto é a parte próxima ao canal, pois pode ser notada a presença de árvores.

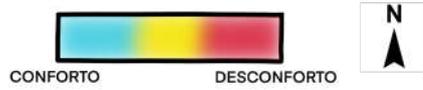


Figura 63: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 64: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Quando partimos para o mapa de sensação de conforto lumínico, foi observada uma iluminação satisfatória no local, com a presença de vários refletores para auxiliar nos exercícios realizados à noite (figuras 66 e 67).



Figura 65: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 66 e 67: Espaço 04 - Campo de futebol  
Fonte: Própria, 2025

Já a acessibilidade no local não é satisfatória, com calçadas estreitas, que não se enquadram na largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, sem rebaixamento de guias ou sinalizações, além das vias no entorno que não possuem faixa de pedestres. No local não há presença de arquibancadas ou áreas de convivência, portanto quem assiste aos treinos, ou até mesmo os próprios jogadores, não têm nenhum apoio para descanso e repouso. Vale ressaltar que o local também não conta com banheiros públicos ou qualquer outro tipo de infraestrutura para os usuários.

O espaço 05 se configura como uma praça localizada na Rua Acapurana, em uma das entradas do bairro. No presente momento da construção deste trabalho, esse espaço se encontra em obras (figura 69), portanto não foi possível realizar a análise seguindo a metodologia. Contudo, as figuras 70 e 71 retratam a situação do local anterior à reforma, se tratando de uma praça com pouca infraestrutura, que contava apenas com um pequeno espaço para convivência e uma área destinada a um parquinho, que por sua vez foi completamente deteriorado. O espaço recebia insolação durante todo o período da manhã e da tarde, além disso não possuía vegetação para amenizar o desconforto térmico nessas áreas citadas.

As calçadas eram largas, mas não apresentavam rebaixamento de guias ou sinalização para garantir a acessibilidade ao local, assim como se apresentavam deterioradas em certos pontos. Vale ressaltar que apenas uma das vias do entorno (a PE-15) apresenta faixa de pedestres.



Figura 68: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 69: Espaço 05 - Atualmente  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 70 e 71: Espaço 05 - Praça antes da reforma  
 Fonte: Google Earth, 2024

Os espaços 06, 07 e 08 serão analisados em grupo por estarem muito próximos, formando um conjunto de 3 praças. Estão localizados entre a Rua Abrolhos e a Rua Taínha, o espaço 06 (figuras 73, 74 e 75) é a praça de maior dimensão se estendendo por todo comprimento da rua, o espaço 07 (figuras 76 e 77) se encontra à direita e o 08 (figuras 78 e 79) abaixo do espaço 06. O espaço 06

conta com espaços de convivência (figura 73), uma área destinada a equipamentos de exercícios físicos (figura 74) e um parquinho para crianças (figura 75), já os espaços 07 e 08 são destinados apenas para parquinhos.

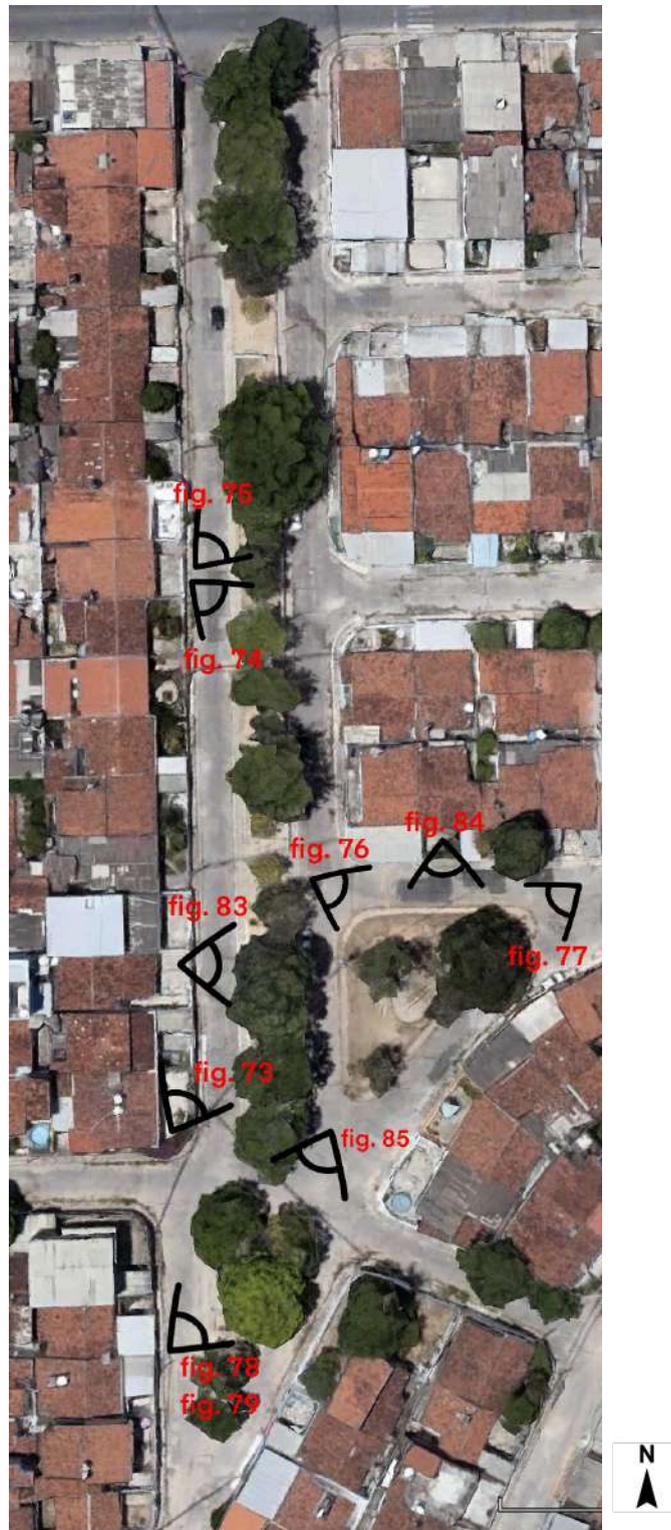


Figura 72: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 73: Espaço 06  
Fonte: Própria, 2025



Figura 74: Espaço 06 - Equipamentos de exercício físico  
Fonte: Própria, 2025



Figura 75: Espaço 06 - Área de convivência e parquinho  
Fonte: Própria, 2025



Figura 76 e 77: Espaço 07  
Fonte: Própria, 2025



Figura 78 e 79: Espaço 08  
Fonte: Própria, 2025



Do ponto de vista térmico, os espaços 06 e 08 se apresentam satisfatórios e equilibrados, já o 07 apresenta um desconforto maior durante todo o dia. O espaço

06 apresenta uma grande quantidade de árvores, fazendo com que sempre uma parte da sua área esteja sombreada durante o dia, porém em alguns espaços, a insolação é contínua pela falta de árvores, como é o caso da área destinada para exercícios físicos. Os espaços 07 e 08 também apresentam vegetação arbórea, que diminui o desconforto no local na parte da manhã, porém a ausência de vegetação para o poente acarreta numa insolação maior na parte da tarde, principalmente no espaço 07.

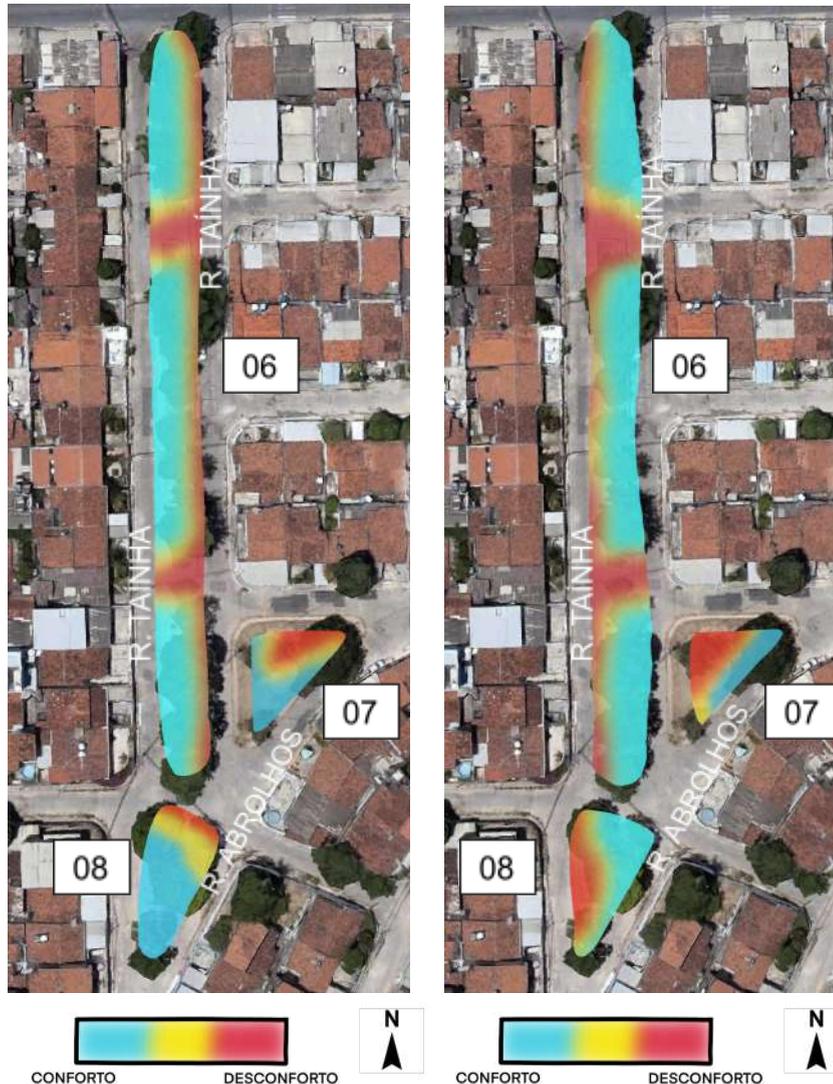


Figura 80: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 81: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista da sensação de conforto lumínico, o resultado não é o ideal pois os três apresentam partes de sua área sem iluminação adequada (figuras 83, 84 e 85), causando espaços de penumbra e desconforto para quem utiliza. Pode ser notado que esses espaços mal iluminados estão ligados a maior presença de vegetação, portanto mesmo havendo postes de iluminação, a luz não chega com toda intensidade por conta do seu posicionamento acima das copas.



Figura 82: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

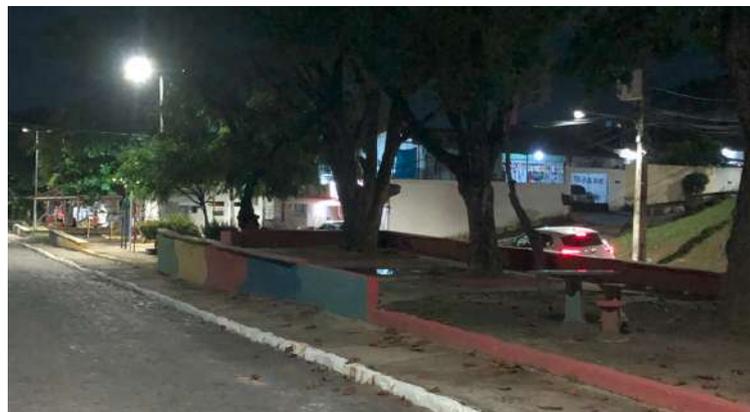


Figura 83: Espaço 06 à noite  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 84: Espaço 07 à noite  
Fonte: Própria, 2025



Figura 85: Espaço 08 à noite  
Fonte: Própria, 2025

As calçadas estreitas, pois não se enquadram na largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, se apresentam deterioradas em certos pontos e não apresentam rebaixamento de guias ou sinalização para garantir que sejam acessíveis. O espaço 07, especificamente, se encontra em uma ladeira, fazendo com que boa parte da sua área seja em desnível, a praça em si fica na parte mais elevada do terreno. As calçadas ao redor não possuem implantação de rampas e de corrimão para que a praça seja acessada de forma segura por todos. Os equipamentos estão conservados de modo geral nos três espaços, exceto alguns balanços dos espaços 07 e 08 que se encontram quebrados. Os equipamentos de exercício físico no espaço 06 (figura 74) foram implantados recentemente, assim como o parquinho e a coberta da área de convivência (figura 75). As vias ao redor também não possuem faixa de pedestres, sendo esse um cenário recorrente no bairro.

O espaço 09 é outro campo de futebol (figura 87) que pode ser encontrado no bairro, com características semelhantes ao citado anteriormente. Se encontra localizado na Rua Salmão e possui apenas duas redes para dar suporte às atividades físicas realizadas.



Figura 86: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 87: Espaço 09  
Fonte: Própria, 2025

O local recebe insolação durante todo o dia, se tornando um ambiente desconfortável principalmente nos horários mais quentes. A vegetação presente compreende apenas algumas árvores ao redor, que os usuários do espaço utilizam para descanso.



Figura 88: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025

Figura 89: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista lumínico, o local se apresenta desconfortável pela falta de iluminação eficaz (figura 90), atrapalhando o desempenho das atividades físicas e também trazendo uma sensação de insegurança na área.



Figura 90: Espaço 09 à noite  
Fonte: Própria, 2025



Figura 91: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Os mesmos problemas do espaço 04 foram encontrados nesse campo. Não há arquibancadas ou espaços de convivência e descanso adequados para quem usufrui do local, bem como é notória a ausência de banheiros. A rua não possui pavimentação uniforme em toda sua extensão nem calçadas adequadas (figura 92) para garantir acessibilidade, pois não possuem a largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, são desniveladas, sem sinalização e rebaixamento de guias. As vias que cercam o espaço também não possuem faixa de pedestres.



Figura 92: Calçada no entorno do espaço 09  
 Fonte: Própria, 2025

O espaço 10 é uma praça localizada no encontro das ruas Puma, Camomila e Cardeal, e possui uma dimensão maior do que as citadas anteriormente. Na área foram identificados dois parquinhos para crianças (figuras 94 e 95), uma quadra de basquete (figura 96) e espaços de convivência distribuídos por sua extensão (figura 97), bem como também se faz presente um posto policial. Por estar em uma ladeira ela apresenta espaços em diversos níveis. Vale ressaltar que assim como as demais praças do bairro, esse espaço também é apropriado pelos moradores, como podemos ver na figura 94 a instalação de tendas para a comemoração do São João.



Figura 93: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 94: Espaço 10 - Parquinho na parte inferior durante o dia  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 95: Espaço 10 - Parquinho na parte superior durante o dia  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 96: Espaço 10 - Quadra de basquete  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 97: Espaço 10 Durante o dia  
 Fonte: Google Earth, 2024

Pela presença de diversas árvores na sua composição, o local se torna agradável do ponto de vista da sensação de conforto térmico. Alguns espaços de convivência, a quadra de basquete e o parquinho inferior (figura 94) recebem insolação apenas na parte da tarde. Já o parquinho superior (figura 95), que está na parte mais elevada, recebe pouca insolação durante a manhã, e a área mais desconfortável durante esse período é a do posto policial. A presença da vegetação faz com que sempre exista um espaço sombreado dentro da praça que proporciona conforto aos usuários.

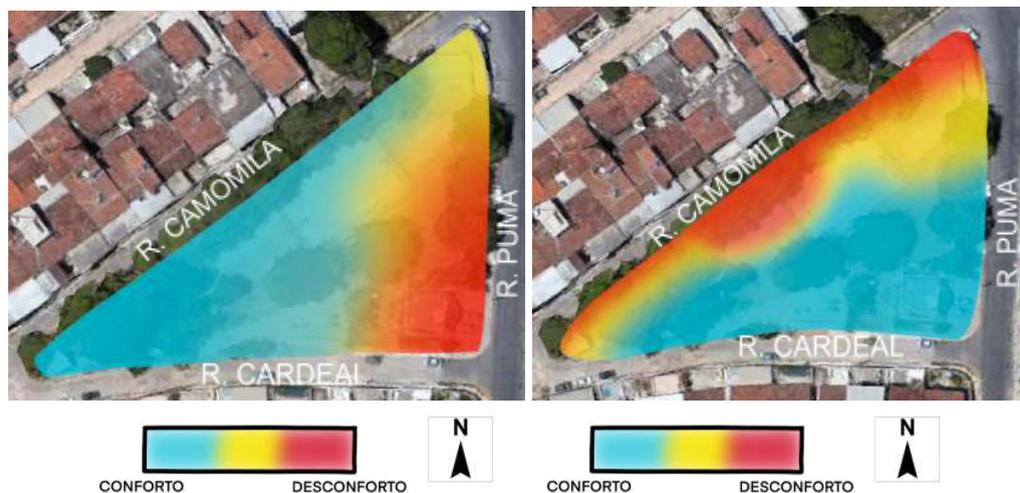


Figura 98: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 99: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

No período da noite, a praça se encontra bem iluminada (figuras 101 e 102), facilitando a apropriação do espaço e proporcionando uma sensação de segurança e conforto, fazendo com que o local também seja bastante utilizado durante esse horário. Os locais que apresentam uma iluminação insuficiente são uma das extremidades da praça, onde há apenas vegetação, e ao redor do posto policial.

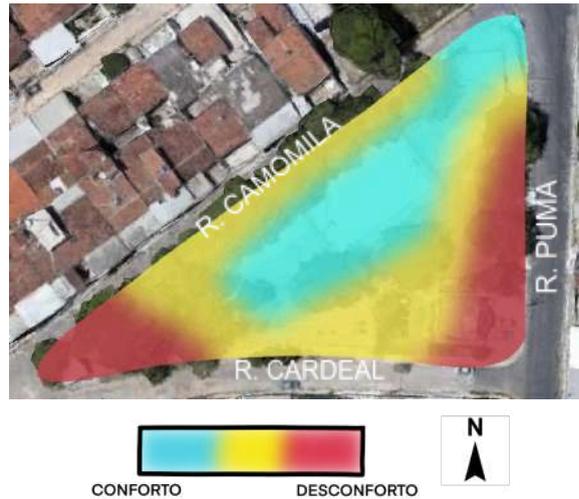


Figura 100: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 101: Espaço 10 - Parquinho na parte inferior à noite  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 102: Espaço 10 - Parquinho na parte superior à noite  
 Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade ao local não é satisfatória, as calçadas não possuem a largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m e não apresentam rebaixamento de guia nem sinalização, além de serem estreitas e desniveladas. Pode ser notada a existência de apenas uma rampa com corrimão (figura 97) no local para vencer o desnível entre a calçada e a área onde fica a quadra, o parquinho inferior e os espaços de convivência, porém para acessar o parquinho superior é necessário utilizar a escadaria. As vias ao redor não possuem faixa de pedestres. Essa é a única praça no bairro que disponibiliza banheiros químicos para a utilização do público, porém eles se encontravam em situação precária. É notório que os mobiliários não recebem manutenção adequada, mas ainda se encontram em situação utilizável.

O espaço 11 é mais uma praça de formato triangular (figuras 104 e 105) que compõem a malha urbana do bairro. Se encontra localizada entre a Rua Cardeal e a Rua Camomila, na área é encontrado apenas uma quadra de futebol (figura 106) e uma área de convivência.

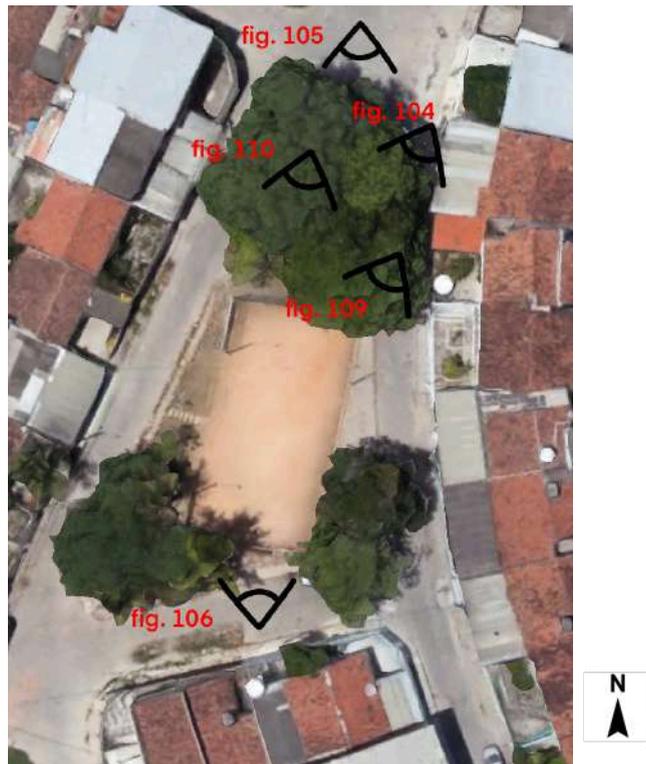


Figura 103: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 104 e 105: Espaço 11  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 106: Espaço 11 - Campo de futebol  
 Fonte: Google Earth, 2024

Diante da presença de poucas árvores com grandes copas, e que estão concentradas apenas nas extremidades da praça, o espaço apresenta mais espaços desconfortáveis do que confortáveis. A quadra (figura 106) e área de convivência

acabam apresentando insolação durante todo o período do dia, reservando as pontuais áreas sombreadas para os espaços que ficam bem debaixo das copas.

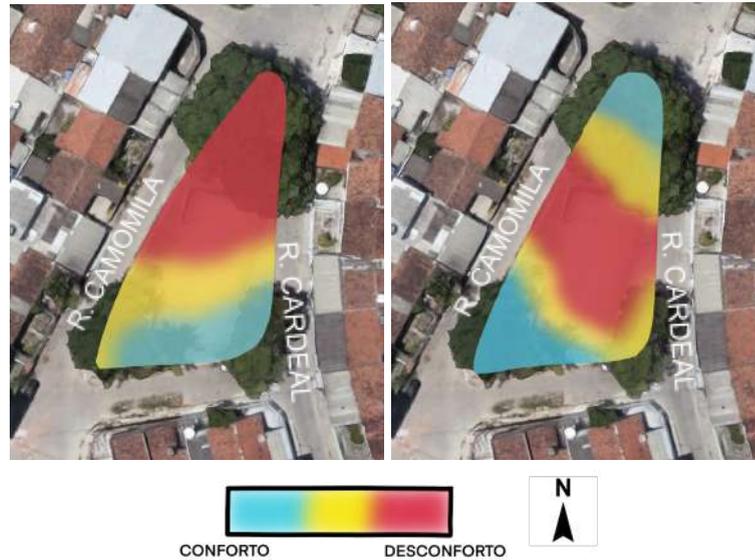


Figura 107: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)

Fonte: Própria, 2025

Figura 108: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)

Fonte: Própria, 2025

Já do ponto de vista da sensação de conforto lumínico, a praça possui uma boa iluminação na parte da quadra (figura 109), mas o seu entorno não é iluminado de modo eficaz, causando penumbra no espaço de convivência (figura 110).



Figura 109: Espaço 11 - Campo de futebol  
Fonte: Própria, 2025



Figura 110: Espaço 11 - Área de convivência  
Fonte: Própria, 2025

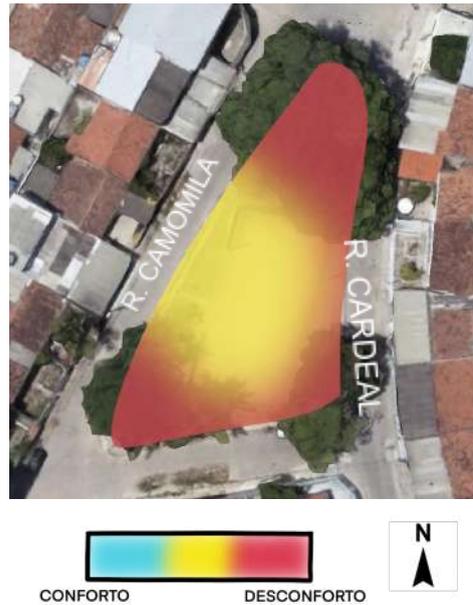


Figura 111: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade no espaço é insatisfatória, boa parte da sua área não possui calçada, mas a parte que possui, apresenta calçadas estreitas, que não possuem a largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m, sem rebaixamento de guias e sinalização, sendo a situação atual de desnivelamento e deterioração assim como nos outros espaços. Nas vias do entorno não há faixa de pedestres, bem como não há mobiliários na praça, além de dois bancos na área de convivência, que por sua vez possui o piso de terra e as raízes das árvores como obstáculos, se tornando mais um espaço mal aproveitado e sem acessibilidade ideal. Também vale ressaltar que mesmo se encontrando em um terreno desnivelado não há presença de rampas ou corrimão para garantir mobilidade a todos os usuários.

O espaço 12 (figura 113) está localizado entre a Rua Camomila e a Rua Cardeal. A praça em formato triangular apresenta alguns mobiliários infantis e uma área de convivência com poucas mesas (figura 114).



Figura 112: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 113: Espaço 12  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 114: Espaço 12  
 Fonte: Google Earth, 2024

Do ponto de vista da análise de sensação de conforto térmico, o local é bem agradável de se estar. A presença de diversas árvores funciona como uma proteção contra uma insolação contínua e desconfortável, que se faz mais presente na parte

da tarde. Nesse ponto, o fato do piso não possuir revestimento, também contribui para amenizar o calor na praça.

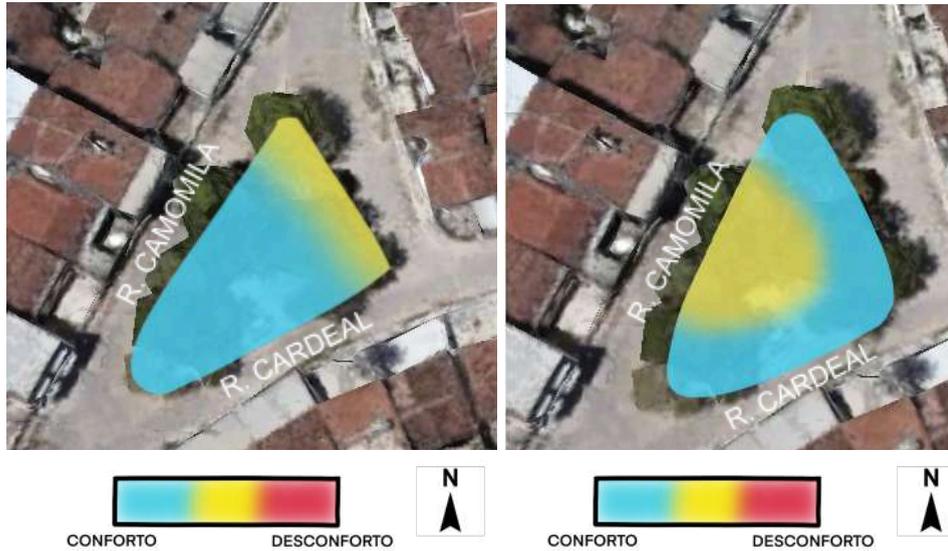


Figura 115: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025

Figura 116: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

A pouca iluminação dentro do perímetro da praça prejudica a sensação de conforto lumínico no local (figura 117). Os postes localizados nas calçadas ao redor auxiliam no papel de iluminar o espaço, fazendo com que a parte onde há maior presença de árvores com grandes copas acabe mais prejudicado em relação a iluminação. O parquinho se torna a parte mais confortável de se estar no período da noite, justamente por apresentar uma vegetação de menor porte.



Figura 117: Espaço 12 - Iluminação à noite  
Fonte: Própria, 2025

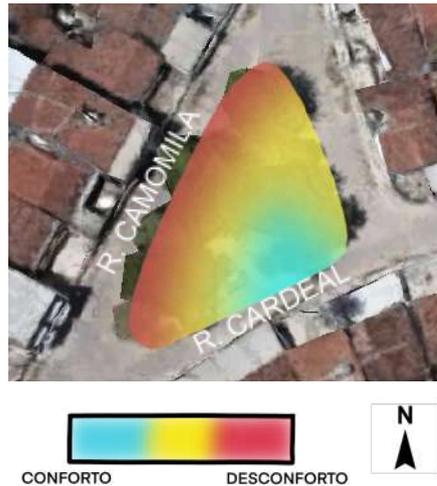


Figura 118: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade no local foi caracterizada como o maior problema encontrado. A praça não possui calçada ao seu redor, o meio fio é o único componente que separa o espaço da via, e por se encontrar em um terreno íngreme, assim como outras praças citadas anteriormente, dificulta ainda mais a acessibilidade plena, por não haver rebaixamento de guia, sinalização, rampa e corrimão. O piso de terra também se torna um empecilho nesse ponto, por não apresentar uniformidade e haver raízes de árvores pelo caminho. Também foi notada a ausência de faixa de pedestres nas vias. Os mobiliários são simples e poucos, mas se encontram em bom estado para uso.

O espaço 13 é uma praça localizada na Rua Baobá que abriga o Núcleo de Fisioterapia de Ouro Preto em seu terreno (figura 120). Além disso, o local apresenta uma vegetação arbustiva alta, indicativo de que não há uma manutenção frequente, e acaba se tornando um espaço que não é convidativo para ser utilizado (figura 121 e 122). O único mobiliário encontrado é um balanço infantil (figura 123) e um ponto de ônibus (figura 127).



Figura 119: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 120: Espaço 13 - Núcleo de fisioterapia de Ouro Preto  
 Fonte: Google Earth, 2024



Figuras 121 e 122: Espaço 13  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 123: Espaço 13 - Balanço infantil

Fonte: Própria, 2025

Pelo fato de apresentar muita vegetação, o local é bem confortável do ponto de vista da sensação de conforto térmico, as árvores presentes possuem grandes copas e blindam a praça contra a insolação nos períodos mais quentes do dia. Contudo, mesmo o espaço sendo agradável, não está em condições de ser utilizado pelos moradores.

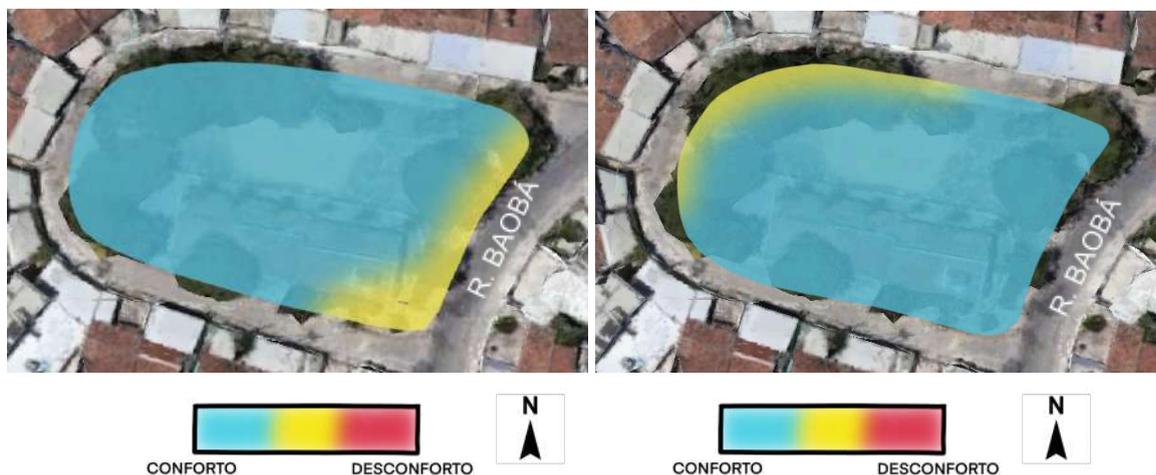


Figura 124: Mapa de Sensação de Conforto

Térmico (manhã, 10:00)

Fonte: Própria, 2025

Figura 125: Mapa de Sensação de Conforto

Térmico (tarde, 15:00)

Fonte: Própria, 2025

De acordo com o mapa de sensação de conforto lumínico, o local é muito desconfortável no período da noite, a pouca iluminação está longe de ser o suficiente para dar conta das árvores que deixam o local ainda mais escuro com suas grandes copas. A sensação de insegurança pela pouca iluminação é ainda mais agravada com a falta de manutenção da vegetação no local, causando um estado de alerta constante para quem precisa utilizar o ponto de ônibus no período da noite (figura 127).

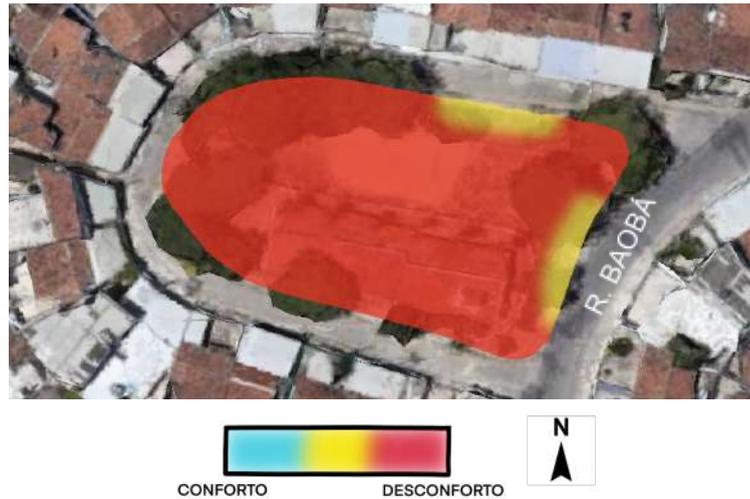


Figura 126: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 127: Espaço 13 - Ponto de ônibus à noite  
 Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade é nula, grande parte do perímetro da praça não possui calçada para separar sua área da via, e por se encontrar em um terreno desnívelado, dificulta ainda mais o acesso. A parte que apresenta calçada não possui a largura mínima de passeio livre determinada pela NBR 9050 de 1,20m. Não há rebaixamento de guias, sinalização ou faixa de pedestres na área, muito menos rampa e corrimão para garantir acessibilidade a todos os usuários. A vegetação também é um problema nesse quesito, até para pessoas que não possuem mobilidade reduzida, a circulação dentro do espaço é difícil. O único mobiliário que existe no local é um balanço (figura 123) que está em bom estado de conservação, mas não é convidativo para o uso por conta do meio em que se encontra. O espaço apresenta muito potencial pelo conforto que a vegetação arbustiva proporciona, porém no cenário atual se enquadra como mais um espaço público inutilizável.

O espaço 14, está localizado entre a Rua Amor Perfeito e a Rua Verdes Mares, e se trata de uma praça com um espaço dedicado a um parquinho infantil (figuras 129 e 130) e outro a um espaço de convivência (figura 131).

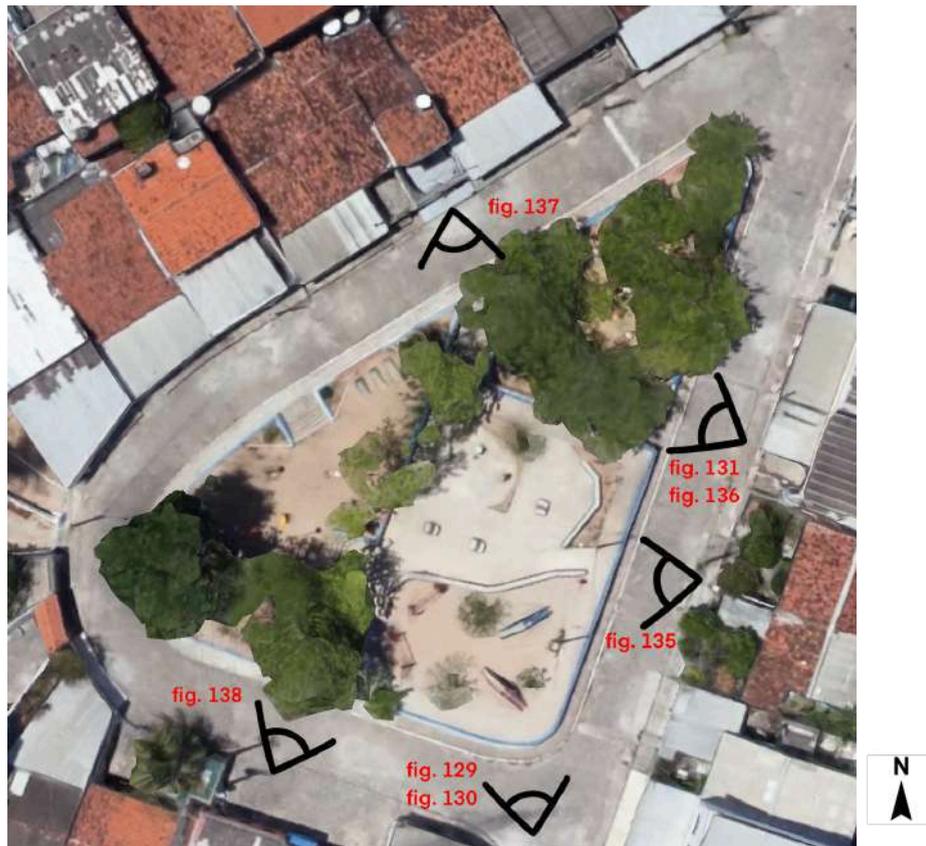


Figura 128: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 129 e 130: Espaço 14 - Parquinho infantil  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 131: Espaço 14 - Área de convivência  
 Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista do mapa de sensação de conforto térmico, o local é mais confortável durante o período da tarde do que no da manhã, justamente por apresentar uma vegetação arbustiva mais concentrada voltada para o poente. Nesse horário o parquinho fica completamente sombreado (figura 130) e a área de convivência recebe pouca insolação (figura 131).

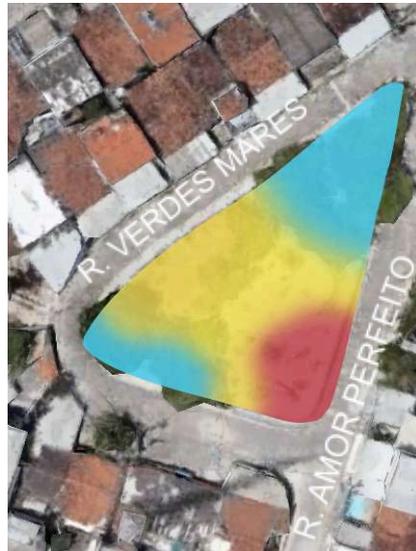


Figura 132: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025

Figura 133: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista da sensação de conforto lumínico, as áreas que possuem mais vegetação apresentam um certo desconforto, localizadas nas extremidades da praça. Mas o parquinho (figura 135) e a área de convivência (figura 136) possuem uma iluminação satisfatória no período noturno. Vale ressaltar que as vias que cercam o espaço se encontram mal iluminadas e passam uma sensação de desconforto.



Figura 134: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 135: Espaço 14 - Parquinho infantil  
Fonte: Própria, 2025



Figura 136: Espaço 14 - Área de convivência  
Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade no local não é o cenário ideal, porém, diferentemente das outras praças, possui rebaixos de guias para a via (figuras 137 e 138). Contudo, esses elementos se encontram danificados e não foram implantados de acordo com a NBR 9050 pois diminui a faixa de livre circulação, bem como as calçadas não apresentam a largura mínima de 1,20m estabelecida pela norma. A ausência de sinalização e a irregularidade do pavimento das vias também acabam dificultando o acesso. A ausência de faixa de pedestres foi outra característica observada, e mesmo que o local apresente uma implantação para tornar o local acessível, ela não funciona estando isolada em meio a irregularidades. O mobiliário do parquinho se encontra em bom estado de utilização, mas a área de convivência possui mesas e bancos danificados.



Figuras 137 e 138: Espaço 14 - Rampas  
Fonte: Própria, 2025

O espaço 15 (figura 140) é uma pequena praça localizada na Av. Argentina Castelo Branco que possui uma área de convivência (figura 141) no centro e um ponto de ônibus voltado para a avenida (figura 142).



Figura 139: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 140: Espaço 15  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 141: Espaço 15 - Área de convivência  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 142: Espaço 15 - Ponto de ônibus durante o dia  
 Fonte: Google Earth, 2025

Essa praça é um local extremamente confortável no período da manhã, com pouca insolação por conta das casas com mais de um pavimento que se encontram à sua frente, formando uma espécie de barreira. Já na parte da tarde o local recebe uma quantidade significativa de insolação no espaço de convivência, se tornando um empecilho para o uso do local.

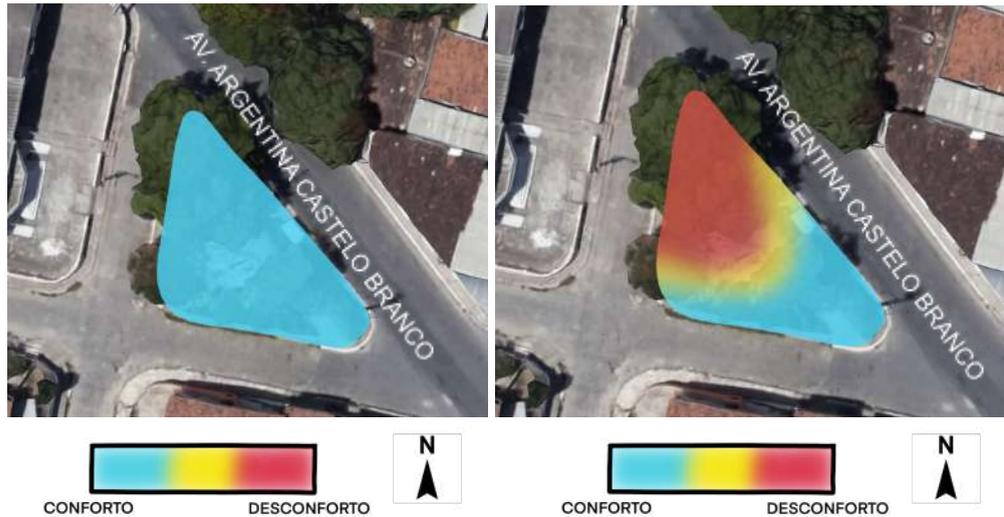


Figura 143: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 144: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A iluminação durante a noite é insatisfatória, os postes não iluminam com eficiência e uniformidade o local, gerando pontos de escuridão. A única parte que permanece iluminada é o ponto de ônibus (figura 145) e uma parte da área de convivência.



Figura 145: Espaço 15 - Ponto de ônibus à noite  
 Fonte: Própria, 2025

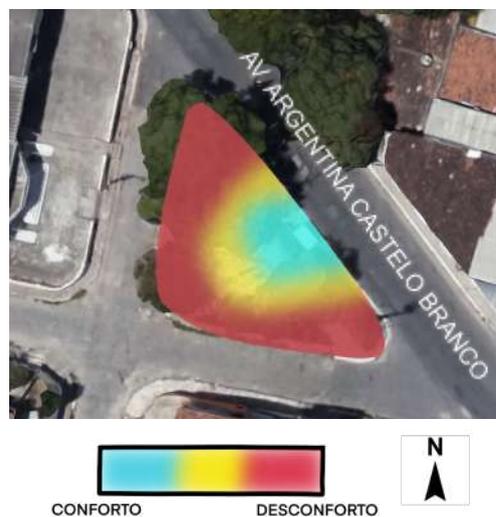


Figura 146: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A falta de acessibilidade se repete mais uma vez, calçadas com largura menor do que 1,20m (valor mínimo estabelecido pela NBR 9050) e sem rebaixamento de guias ou sinalização é um cenário típico do bairro, além de não haver faixa de pedestres no local. O único elemento de acessibilidade é uma rampa, que se encontra desgastada, com um corrimão que liga a calçada à área de convivência (figura 147), que por sua vez se encontra um pouco acima do nível da calçada. O mobiliário consiste em poucos bancos que apresentam um bom estado de conservação.



Figura 147: Espaço 15 - Corrimão e rampa  
Fonte: Própria, 2025

O espaço 16 (figura 149) está localizado entre a Rua Mulungu e a Rua Carmela, uma praça triangular que serve como um espaço de convivência e lazer para os moradores, com um parquinho e uma área de convivência. É notório como o local realmente é utilizado pela população, apresentando decorações instaladas para as festividades do São João (figuras 150 e 151).



Figura 148: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 149: Espaço 16  
Fonte: Google Earth, 2024



Figura 150: Espaço 16 - Parquinho  
Fonte: Própria, 2025



Figura 151: Espaço 16 - Visão geral do espaço  
Fonte: Própria, 2025

Durante o período da visita de campo na parte da manhã (10h), o local se encontrava com bastante insolação na parte do parquinho, tornando o espaço desconfortável para o uso. Já na parte da tarde, apenas uma das extremidades da praça recebe insolação direta (figura 151), fazendo com que o meio e a parte do parquinho estejam protegidos pelas copas das árvores (figura 150).



Figura 152: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 153: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

Durante a noite o local possui uma iluminação satisfatória pela presença de postes dentro da área da praça, iluminando bem as áreas de convivência e o parquinho (figuras 155 e 156). Deixando apenas as extremidades, que possuem uma vegetação mais adensada, com penumbra.

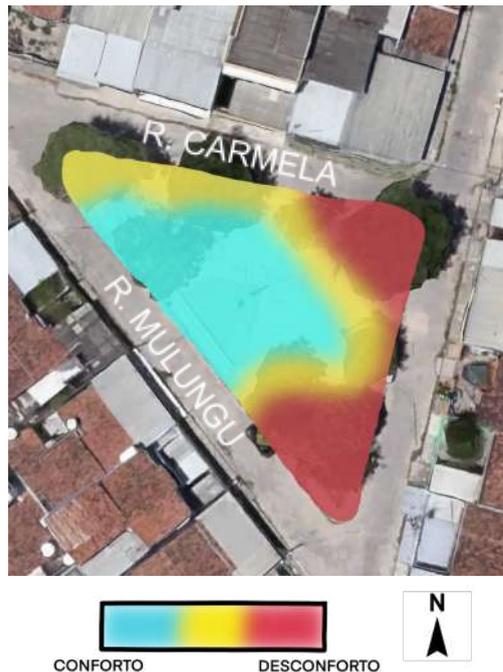


Figura 154: Mapa de Sensação de Conforto Luminico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 155 e 156: Espaço 16 - Iluminação à noite  
 Fonte: Própria, 2025

O local se encontra em um terreno plano, mas a acessibilidade ainda não se faz presente. Calçadas estreitas, com menos de 1,20m de largura, sem sinalização, rampas e corrimão, apenas com a presença de rebaixamento de guias irregulares (figuras 157, 158 e 159) são encontradas. Os rebaixamentos de guias comprometem a faixa livre de circulação, além de uma faixa branca como espécie de meio-fio (figura 157) se tornar mais um empecilho para a circulação no local. O piso dentro da praça se encontra deteriorado em diversos pontos, inclusive o que tem ligação direta com os rebaixamentos de guias. Os mobiliários do parquinho se encontram em bom estado, assim como os mobiliários da área de convivência.



Figuras 157, 158 e 159: Espaço 16 - Rebaixamento de guias  
 Fonte: Própria, 2025

O espaço 17 (figuras 161 e 162) é uma quadra de futebol localizada na Rua Bogari, ao lado da Unidade Básica de Saúde Vila Manchete. Além da quadra, o local possui um espaço de convivência e uma área em que é realizado o descarte de lixo de forma inadequada.



Figura 160: Mapa de figuras  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 161 e 162: Espaço 17 - Quadra de futebol  
 Fonte: Própria, 2025

O local recebe insolação durante todo o período do dia, se tornando um espaço desconfortável sem nenhum sombreamento ou vegetação ao redor.



Figura 163: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
Fonte: Própria, 2025

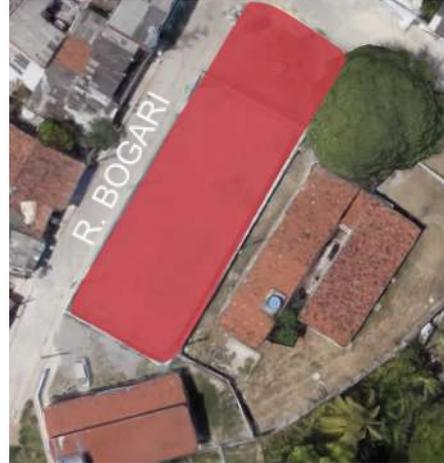


Figura 164: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
Fonte: Própria, 2025

No período da noite o local recebe uma iluminação eficiente pela presença de refletores no local e pela ausência de árvores com grandes copas (figura 166), iluminado uniformemente e possibilitando o uso nesse horário. Já que somente a pouca iluminação presente na rua não seria o suficiente para iluminar o local.



Figura 165: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
Fonte: Própria, 2025



Figura 166: Espaço 17 - Iluminação da quadra de futebol durante a noite

Fonte: Própria, 2025



Figura 167: Espaço 17 - Descarte de lixo de maneira incorreta

Fonte: Própria, 2025

As calçadas estreitas, assim como a área de convivência, se encontram deterioradas. A acessibilidade no local é nula, sem rebaixamento de guias, rampa, corrimão e sinalização, elementos que tornam o espaço inclusivo para todos de acordo com a NBR 9050. As vias ao redor não apresentam faixa de pedestre e o fato da pavimentação ser irregular também dificulta a mobilidade. O lixo descartado de maneira inadequada a céu aberto também é um problema identificado no local (figura 167).

O espaço 18 é uma praça localizada entre a Rua Cacaueiro e a Rua Begônia que também serve como terminal de ônibus improvisado para uma das linhas que circulam pelo bairro. Nela é encontrado um parquinho infantil (figura 169) e dois espaços de convivência, sendo um deles coberto (figuras 170 e 171).



Figura 168: Mapa de figuras

Fonte: Própria, 2025



Figura 169: Espaço 18 - Parquinho  
Fonte: Google Earth, 2024



Figuras 170 e 171: Espaço 18 - Áreas de convivência  
Fonte: Própria, 2025

Por ser uma praça com um formato muito estreito e não possuir barreiras ao redor, como altos edifícios, a incidência solar na parte da manhã é predominante no local e as árvores só fazem sombra em poucos pontos. Já na parte da tarde o posicionamento do sol e das árvores faz com que ela permaneça mais sombreada, principalmente com o auxílio da cobertura na área de convivência (figura 170).

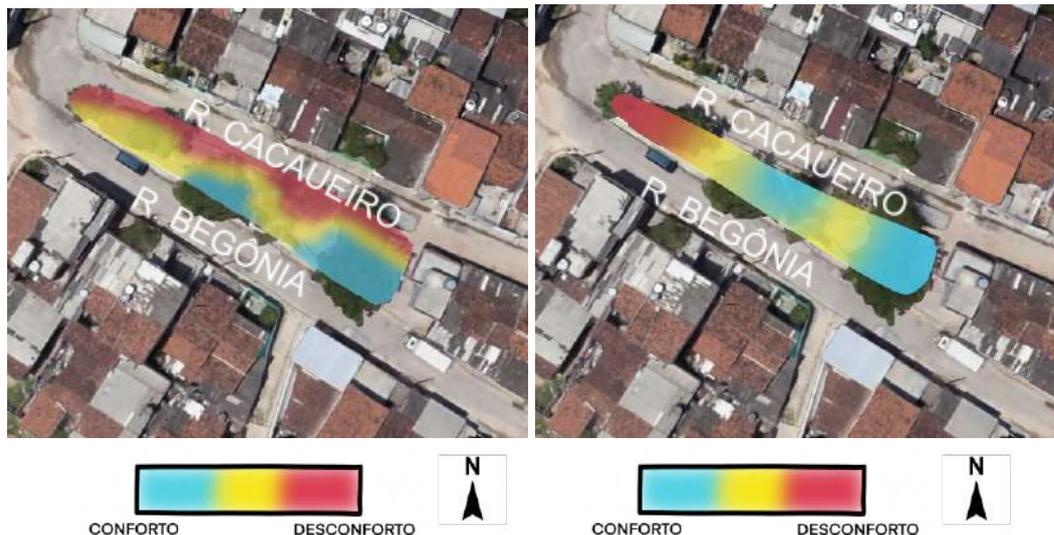


Figura 172: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 173: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Durante a noite a praça se mantém bem iluminada, sua pequena dimensão auxilia nesse aspecto, juntamente com a presença de postes de iluminação dentro do espaço (figura 174). Neste caso, a presença das árvores não funciona como um empecilho, pois suas copas não são densas e os postes estão abaixo delas.



Figura 174: Espaço 18 - Iluminação da praça à noite  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 175: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A praça encontra-se bem acima do nível da calçada e apresenta escadaria (figura 176), rampa e rebaixamento de guias em seu perímetro. A calçada é estreita, não possui o valor mínimo de 1,20m de largura (estabelecido pela NBR 9050) e apresenta desgaste em vários pontos, além de não ter nenhum tipo de sinalização, gerando dificuldades para o seu uso pleno. A rampa e o rebaixamento de guias estão danificados (figuras 177 e 178) e obstruem o espaço de circulação livre da calçada. Também é válido ressaltar que as vias ao redor não possuem faixa de pedestres e a irregularidade da pavimentação dificulta ainda mais essa questão.



Figura 176: Espaço 18 - Escadaria  
 Fonte: Própria, 2025

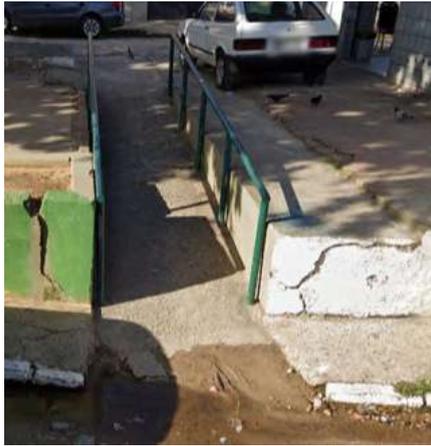


Figura 177: Espaço 18 - Rampa  
Fonte: Própria, 2025



Figura 178: Espaço 18 - Rebaixamento de guia  
Fonte: Própria, 2025

O espaço 19 é uma praça de maiores dimensões do bairro, localizada na Rua Lucilo Varejão. Além de uma quadra de futebol (figura 180), é possível encontrar mobiliários para exercício físico (figura 181) e espaços de convivência (figura 182).



Figura 179: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 180: Espaço 19 - Quadra de futebol  
Fonte: Própria, 2025



Figura 181: Espaço 19 - Mobiliário para exercícios físicos  
Fonte: Google Earth, 2024



Figura 182: Espaço 19 - Área de convivência  
Fonte: Própria, 2025

A escassez de vegetação na praça é um aspecto notório. O local recebe insolação o dia todo, se tornando muito desconfortável para o uso. A quadra é o local mais afetado, já que o parquinho, a área de convivência e os mobiliários para exercícios físicos ainda possuem alguma vegetação ao redor, mesmo que pouca e sem copas densas, fazendo com que em alguns momentos do dia permaneçam sombreados.

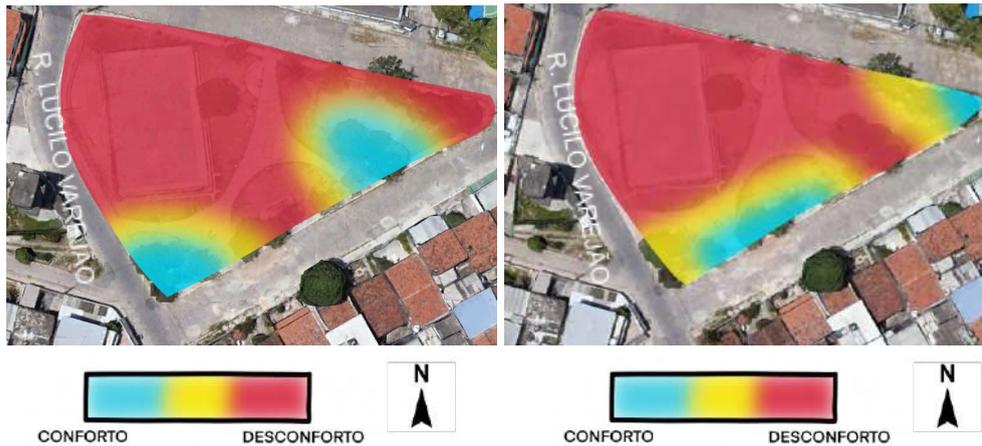


Figura 183: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 184: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

No período da noite o local apresenta uma iluminação satisfatória, principalmente a quadra de futebol (figuras 186 e 187), que mesmo não possuindo refletores, ainda conta com a presença de diversos postes ao seu redor iluminando com eficiência, principalmente pela ausência de uma vegetação densa nesse espaço. O desconforto só é notado com intensidade em uma das extremidades da praça, onde a combinação de pouca iluminação com uma quantidade maior de árvores acaba gerando esse desconforto.

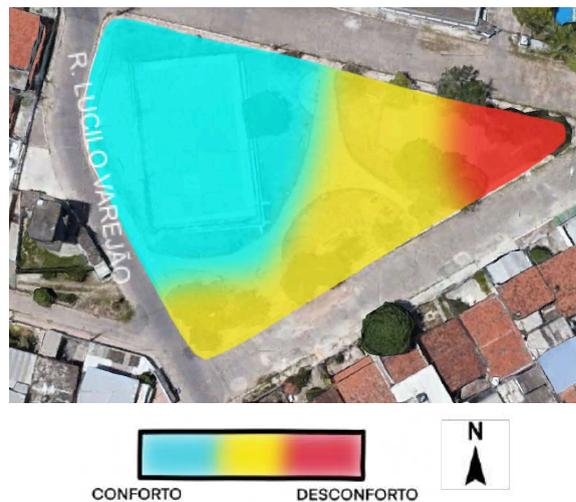


Figura 185: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figuras 186 e 187: Espaço 19 - Iluminação da praça à noite  
 Fonte: Própria, 2025

A acessibilidade no local é uma questão latente pois a praça se encontra em um terreno com desnível, mesmo que pequeno. A quadra possui bancos (figura 188), que servem como apoio para quem assiste aos jogos, sem qualquer tipo de intervenção para tornar o local acessível. Em todo perímetro da praça é encontrada apenas uma rampa com piso tátil (figura 189), a única sinalização existente no local e que atrapalha a circulação livre da calçada, em desacordo com a NBR 9050, além de não possuir rampas e corrimão. Os mobiliários se apresentam um pouco deteriorados, mas ainda estão aptos para uso (figura 182). Também foi notada a ausência de faixa de pedestres nas vias ao redor.



Figura 188: Espaço 19 - Bancos  
Fonte: Própria, 2025



Figura 189: Espaço 19 - Rebaixamento de guia  
Fonte: Própria, 2025

O espaço 20 (figura 191 e 192) não é uma praça, mas foi incluído pois se trata de um espaço de convivência, criado e mantido pelos próprios moradores que vivem ao redor. Se encontra entre a Rua Manoel Bezerra Cavalcanti e a Rua F Dois e possui bancos e vegetação dentro do espaço.

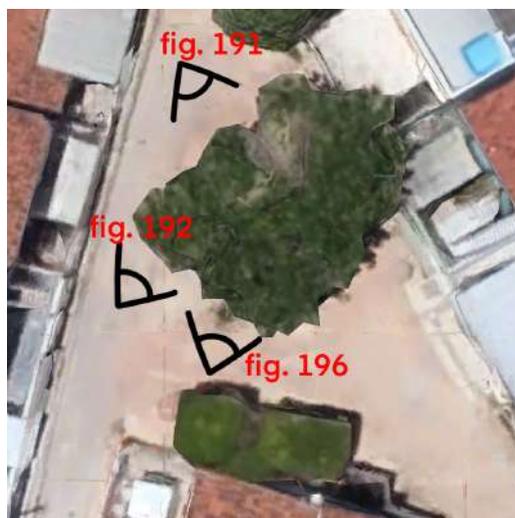


Figura 190: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figuras 191 e 192: Espaço 20 - Área de convivência  
 Fonte: Própria, 2025

O espaço se apresenta confortável no período da manhã, pois a única árvore presente no local faz sombra sobre os bancos existentes, já na parte da tarde a insolação é direta no espaço, fazendo com que a permanência seja desconfortável.

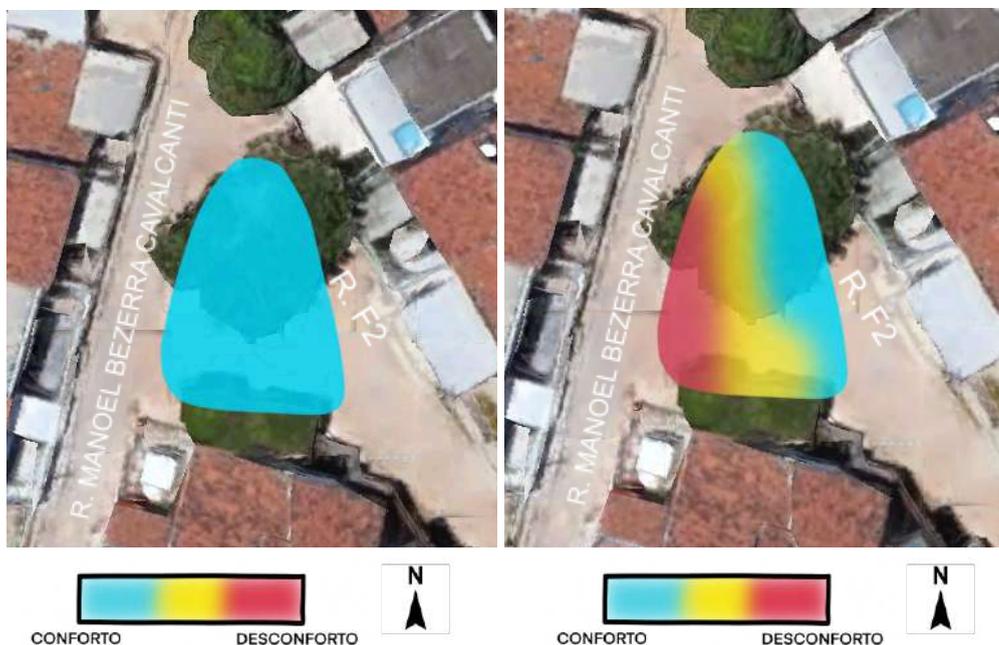


Figura 193: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Figura 194: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Já do ponto de vista lumínico, foi notado um grande desconforto na área. A ausência de postes de iluminação dentro do espaço e nas calçadas ao redor faz com que o local seja desconfortável e apresente uma sensação de insegurança nesse período (figura 196).

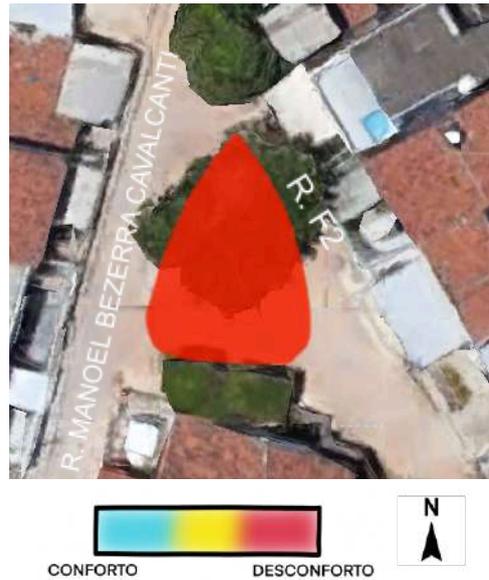


Figura 195: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 196: Espaço 20 - Iluminação à noite  
 Fonte: Própria, 2025

O mobiliário do local, que compreende apenas dois bancos, se encontra em bom estado de uso. O local não possui calçada e muito menos alguma implantação acessível, o meio-fio atua como o único elemento divisor entre o espaço e a via. Os próprios vasos de plantas e balizadores servem como empecilhos para a circulação e apropriação adequada do local.

O local 21 (figura 198) possui uma configuração espacial semelhante às praças do bairro mas não possui mobiliários, os únicos elementos encontrados são algumas vegetações arbustivas. Está localizada entre as ruas A 10 e Raimundo Diniz.



Figura 197: Mapa de figuras  
Fonte: Própria, 2025



Figura 198: Espaço 21  
Fonte: Própria, 2025

O local é bem desconfortável durante todo o dia do ponto de vista térmico, pelo fato de receber insolação durante todo esse período e não possuir nenhuma vegetação arbórea que sombreie o espaço.



Figura 199: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 200: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Devido a configuração do local não apresentar árvores de grande porte, o único poste existente dentro dele consegue iluminar o espaço, juntamente com a iluminação presente nas calçadas ao redor (figura 202).



Figura 201: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 202: Espaço 21 - Iluminação à noite

Fonte: Própria, 2025

No local também não há calçadas acessíveis, pois são estreitas (sem respeitar os parâmetros da NBR 9050) e não possuem rebaixamento de guias, rampa, corrimão e sinalização. Em muitos pontos se encontram degradadas e inexistentes, apresentando apenas o meio-fio como elemento divisor entre a via e o espaço.

O espaço 22 (figura 204) se encontra em uma das entradas do bairro e está localizado na Rua Manuel Clementino Marques. A praça triangular possui áreas de convivência (figura 205), um parquinho infantil (figuras 206 e 207) e também abriga dois pontos de ônibus.



Figura 203: Mapa de figuras

Fonte: Própria, 2025



Figura 204: Espaço 22  
Fonte: Google Earth, 2024



Figura 205: Espaço 22 - Área de convivência  
Fonte: Google Earth, 2024



Figuras 206 e 207: Espaço 22 - Parquinho infantil  
Fonte: Própria, 2025

A praça apresenta vegetação arbórea dispersa em sua área, porém apenas em uma de suas bordas é possível encontrar árvores de forma adensada que produzem uma sombra eficaz. O parquinho e as áreas de convivência recebem insolação durante todo o dia, já que possuem pouca vegetação que produz sombra, e apenas uma área de convivência possui cobertura (figura 205). O local mais confortável é no período da manhã sob a vegetação adensada, onde fica localizado um dos pontos de ônibus.

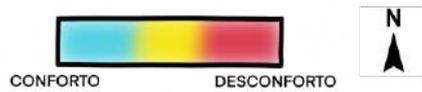


Figura 208: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (manhã, 10:00)  
 Fonte: Própria, 2025

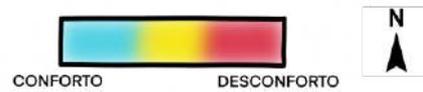


Figura 209: Mapa de Sensação de Conforto Térmico (tarde, 15:00)  
 Fonte: Própria, 2025

Do ponto de vista da sensação de conforto lumínico, a praça possui uma boa iluminação na área do parquinho infantil e em alguns espaços de convivência próximos a ele (figura 210). Alguns postes de iluminação são encontrados dentro do local mas não em toda sua extensão, fazendo com que as áreas perto da vegetação mais adensada se encontrem mal iluminadas, causando um desconforto em quem utiliza o espaço.



Figura 210: Espaço 22 - Iluminação à noite  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 211: Mapa de Sensação de Conforto Lumínico (noite, 19:00)  
 Fonte: Própria, 2025

A praça possui calçadas estreitas com a largura menor do que 1,20m (Valor mínimo estabelecido pela NBR 9050), não apresenta rebaixamento de guias, rampa, corrimão ou sinalização apropriada, a única que pode ser encontrada é na frente de uma das paradas de ônibus (figura 204). Mesmo se encontrando em um terreno sem grandes desníveis, o local não é acessível, além de apresentar lixos e entulhos nas calçadas (figura 212) que atuam como obstáculos na passagem. A única intervenção feita recentemente foi a modificação da calçada que fica na PE-15, deixando o resto da calçada da praça na mesma condição precária, e que mesmo assim ainda não foi implementada com elementos para garantir acessibilidade (figura 213). A única via ao redor que possui faixa de pedestres é a PE-15.



Figura 212: Espaço 22 - Lixo descartado de maneira imprópria  
 Fonte: Própria, 2025



Figura 213: Espaço 22 - Calçada na PE-15  
Fonte: Própria, 2025

Após a análise qualitativa das praças, também foi identificada a necessidade de observar como se dá a acessibilidade a nível de transporte público dentro do bairro. Pois, como foi visto anteriormente, a superfície da área não é completamente plana, possuindo diversas ladeiras dentro do seu perímetro e calçadas que não são acessíveis. Portanto, pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida necessitam desse meio para se locomover.

Em Ouro Preto, é possível identificar quatro linhas de ônibus que circulam dentro dos seus limites. Duas delas transitam dentro da cidade de Olinda, sendo elas Ouro Preto/Rio Doce e Ouro Preto/T.I. PE-15, possibilitando a circulação dos moradores para outros bairros dentro da cidade. As outras duas circulam entre Olinda e Recife, sendo elas Ouro Preto/Joana Bezerra e Ouro Preto/Jatobá 2, permitindo que os moradores se desloquem até o centro de Recife.

De acordo com o mapa abaixo (figura 214), é possível identificar por onde essas quatro linhas transitam dentro do bairro, representado pela marcação em vermelho. A circulação é satisfatória, pois os ônibus trafegam próximo a todas elas, possibilitando o acesso de forma fácil aos moradores, já que o ponto mais distante das vias de circulação de transporte público se encontra num raio de 500m. Contudo, um problema foi identificado durante a análise, que se refere aos intervalos de espera no ponto de ônibus entre um veículo e outro.

A única linha que tem o tempo de espera menor é a Ouro Preto/T.I. PE-15, que gira em torno de 20-25 minutos, já as outras três apresentam intervalos de 40-50 minutos. Esse cenário se torna mais agravado durante o final de semana, quando a frota é reduzida, fazendo com que o tempo de espera chegue a 1 hora e meia.

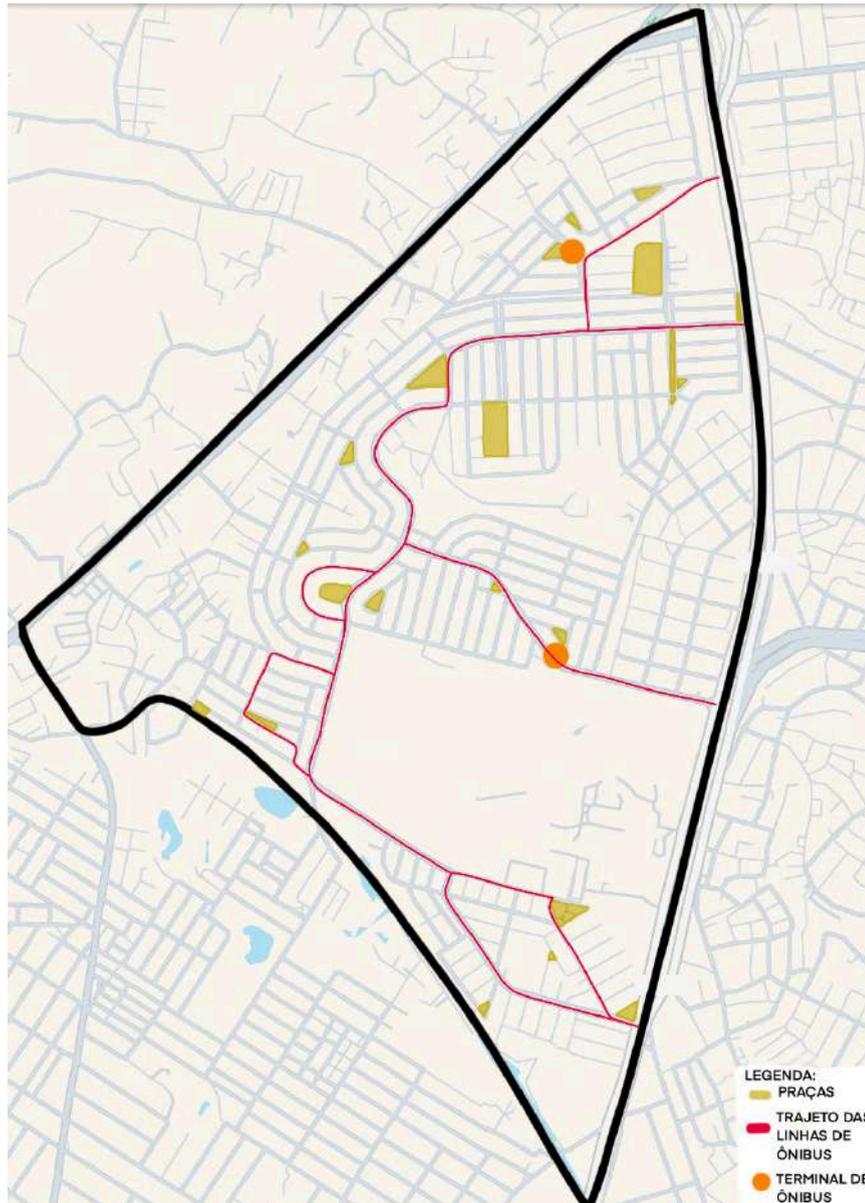


Figura 214: Mapa de circulação do transporte público  
 Fonte: Própria, 2025

Diante de toda essa análise qualitativa foi possível observar que a população de fato se apropria desses espaços no cotidiano, contudo diversas características identificadas impedem que o uso seja realizado de forma adequada por todos. A falta de acessibilidade é um problema que se repete em todos os espaços analisados. A presença de calçadas estreitas, que medem em torno de 1,10m de largura sem respeitar o valor mínimo de 1,20m de passeio livre indicado na NBR 9050, e com falta de rebaixamento de guias, rampas, corrimão e de sinalizações como piso tátil de forma apropriada, juntamente com a ausência das faixas de pedestre, são problemas recorrentes que dificultam a acessibilidade de forma plena nesses locais. Ainda vale ressaltar que o revestimento utilizado nesses espaços de circulação não é adequado, e em muitos casos se apresentam incompletos e/ou quebrados.

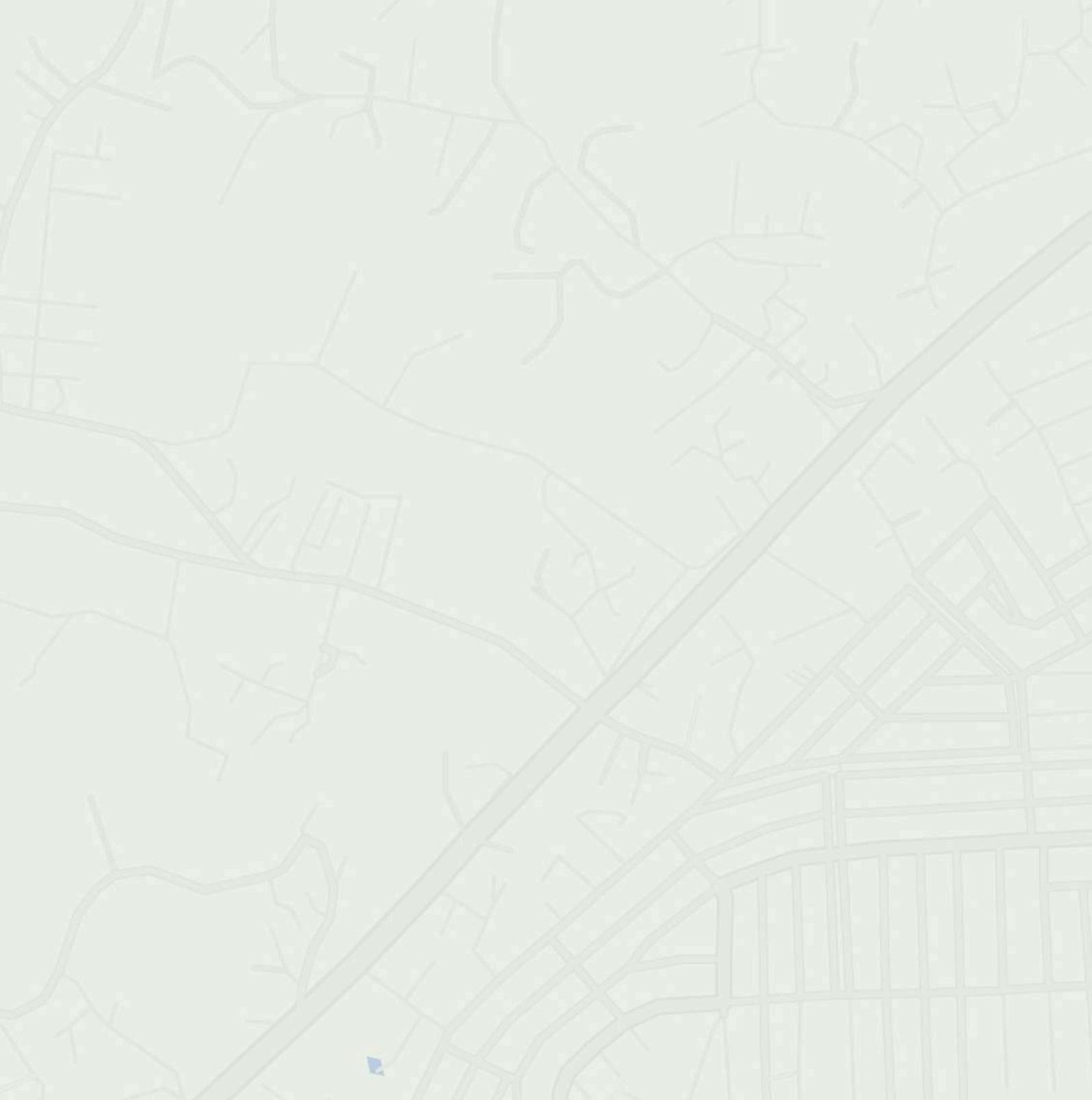
Ainda assim, mesmo havendo praças que possuem rebaixamento de guias ou rampas com corrimão, esses elementos se apresentam danificados e/ou obstruindo a faixa livre de circulação, não se comportando de acordo com os

parâmetros da NBR 9050, bem como, não apresentam outros componentes que precisam agir em conjunto para fazê-las serem de fato acessíveis a todos os usuários. As vias desniveladas também foram apresentadas como um fator que compromete a mobilidade, pois dificultam a travessia.

A ausência de infraestrutura nos campos de futebol, como arquibancadas e banheiros, é outra questão que dificulta a utilização desses espaços, fazendo com que os moradores precisem desenvolver alternativas próprias para sanar essas necessidades. Assim como, falta de manutenção nos mobiliários, principalmente em alguns parquinhos infantis, também foram identificadas.

A precariedade da iluminação em diversos espaços acarreta na formação de locais que não são confortáveis e convidativos de se estar durante a noite, possibilitando o uso apenas nos períodos da manhã e tarde. Também foi notado que boa parte desses locais que sofrem sem iluminação coincidem com as áreas com mais vegetação arbustiva, justamente pela falta de compatibilidade entre os postes de iluminação, com alturas inadequadas para o local, e a vegetação, deixando esses elementos acima das copas das árvores. Na questão das sensações de conforto térmico, foi possível observar que a falta de distribuição da vegetação arbórea de maneira uniforme é o principal motivo para o desconforto nessas áreas, causando a presença de espaços muito confortáveis e espaços muito desconfortáveis dentro de uma mesma praça.

A cobertura do trajeto das linhas de ônibus dentro do bairro é satisfatória, fazendo com que os moradores possam transitar e acessar diversos espaços com facilidade, o único problema apresentado é o grande tempo de espera entre um veículo e outro, que pode chegar até uma hora e trinta minutos nos finais de semana.



## 5. DIRETRIZES

## 5 - Diretrizes

Diante das análises quantitativas e qualitativas, juntamente com as discussões realizadas a partir dos resultados obtidos, foi possível traçar diretrizes para a área de estudo, visando a melhoria dos espaços e possibilitando que a população usufrua de maneira mais acessível e sustentável. As diretrizes apresentadas neste capítulo visam a requalificação dos espaços livres públicos do bairro, buscando atender às defasagens identificadas na escala macro, relativa a configuração dos espaços públicos como um todo, bem como a escala micro, referente às necessidades apresentadas dentro das praças e campos de futebol analisados.

Assim, as diretrizes apontadas foram divididas em dois grupos de intervenção que agem em conjunto para promover um maior bem-estar para os habitantes do bairro através de espaços livres públicos de qualidade. A primeira, classificada como diretrizes para o sistema de espaços públicos, visa apontar melhorias para a requalificação dessas áreas inseridas no bairro de Ouro Preto, de acordo com os resultados obtidos na análise quantitativa. Já a segunda, denominada diretrizes para os espaços públicos efetivos, tem como objetivo apontar recomendações para o aperfeiçoamento da configuração interna desses espaços levando em consideração os resultados advindos da análise qualitativa.

### 1- Diretrizes para o sistema de espaços públicos do bairro de Ouro Preto:

De acordo com as análises quantitativas, podemos observar que a maior defasagem do bairro está relacionada com a quantidade de Espaço Público Efetivo, ou seja, as praças e campos de futebol existentes no bairro. A quantidade em m<sup>2</sup> desses espaços somados (1,49m<sup>2</sup>/hab) não se configura como suficiente para proporcionar o lazer e uma boa qualidade de vida para a população existente, que conta com cerca de 30.644 habitantes segundo o último censo disponível pelo IBGE. O baixo valor apresentado aciona um estado de alerta para pensarmos nas condições em que os bairros do subúrbio se encontram atualmente. Logo, é necessário adotar mecanismos que aumentem essa taxa de Espaço Público Efetivo (EPV) para proporcionar mais áreas livres para os habitantes.

Ademais, outra questão levantada na discussão sobre o resultado das análises quantitativas foi a alta taxa de Espaço de Área Verde dentro do bairro, que não corresponde com a realidade vivida pela população. Já que, as maiores massas de vegetação que fazem esse índice alavancar estão sob domínio privado ou não permitem o acesso, por se tratar de áreas de preservação, fazendo com que as áreas arborizadas que estão livres para acesso do público se restrinjam às praças, pois, como foi citado anteriormente, a arborização nas vias é bem precária.

1.1 Diretrizes quanto às áreas livres públicas: Portanto, mesmo com a ocupação informal estando consolidada em quase toda a extensão das Zonas de Proteção Ambiental Recreativa 6 e 9, se faz necessário recuperar as manchas verdes restantes que estão subutilizadas dentro dessas zonas (identificadas na cor laranja no mapa de diretrizes a seguir) para que sejam destinadas à preservação e à criação de espaços públicos de lazer voltados para a própria comunidade, de acordo com a sua finalidade prevista pelo Plano Diretor da Cidade de Olinda de 2019. Além de apresentarem potencialidade para se tornarem pontos que promovem a interação social e a vida em comunidade, também são possíveis pontos de respiro dentro da configuração urbana adensada do bairro de Ouro Preto. A incorporação dessas

novas áreas como Espaço Público Efetivo, contribui para o aumento do valor total de EPE/hab. na área, que ao invés do 1,49 m<sup>2</sup>/hab. obtido na situação atual, passaria para 3,58 m<sup>2</sup>/hab. O número está longe do parâmetro mínimo de 15 m<sup>2</sup>/hab, mas ainda se configura como mais do dobro da situação atual, o que ainda representa uma mudança significativa para a população local.



Figura 215: Zona de Proteção Ambiental 6  
Fonte: Google Earth, 2025



Figura 216: Zona de Proteção Ambiental 9  
Fonte: Google Earth, 2025

1.2 Diretrizes quanto à vegetação: Bem como, planejar um sistema verde através da implantação de vegetação arbórea ao longo das vias públicas se faz necessário, visando amenizar a sensação de desconforto ao caminhar pelo bairro, principalmente nos horários mais quentes do dia.

1.3 Diretrizes quanto à iluminação pública: Propor um projeto de iluminação para o bairro como todo é algo de extrema urgência. Visto que o mesmo cenário identificado no Espaço Público Efetivo, onde a falta de iluminação adequada cria espaços de penumbra que traz a sensação de desconforto e insegurança, também foi notado ao longo das vias do bairro.

1.4 Diretrizes quanto à acessibilidade: Adequar as calçadas presentes no bairro para garantir a acessibilidade e possibilitar a mobilidade plena de todos os habitantes, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela NBR 9050. Esse tópico foi melhor trabalhado dentro das análises qualitativas, onde foi relatado a precariedade das calçadas presentes nas praças e nos campos de futebol, contudo esse mesmo cenário se repete por todo o bairro, pois também não apresenta sinalização, como faixa de pedestres ou piso tátil, nem implantações, como

rebaixamento de guia, rampas e corrimão, para garantir mobilidade e acessibilidade a todos.

1.5 Diretrizes quanto ao transporte público: No que diz respeito à cobertura do sistema viário, o único ponto de defasagem notado foi em relação ao intervalo entre um veículo e outro, que atualmente gira em torno de 20-25 minutos em algumas linhas e 40-50 minutos em outras, precisando assim, prever um novo cronograma de circulação dos veículos de transporte público para uma espera de 10 minutos, em média, sendo o tempo ideal de acordo com estudos realizados pelo Instituto de Políticas de Transporte & Desenvolvimento da cidade de Nova York.

## 2- Diretrizes para os Espaços Públicos Efetivos

As análises qualitativas e as discussões sobre os seus resultados nos mostraram as defasagens que os espaços existentes possuem dentro do seu perímetro, referentes a iluminação, arborização, acessibilidade e mobiliário.

2.1 Diretrizes quanto à iluminação pública: Portanto, é necessário planejar e implantar uma iluminação pública eficiente, trazendo postes de iluminação com alturas previstas para que iluminem uniformemente as praças e campos de futebol, sendo implantados abaixo da vegetação arbórea existente para que cumpra seu papel com eficiência, abolindo os espaços de penumbra que causam insegurança a quem utiliza essas áreas.

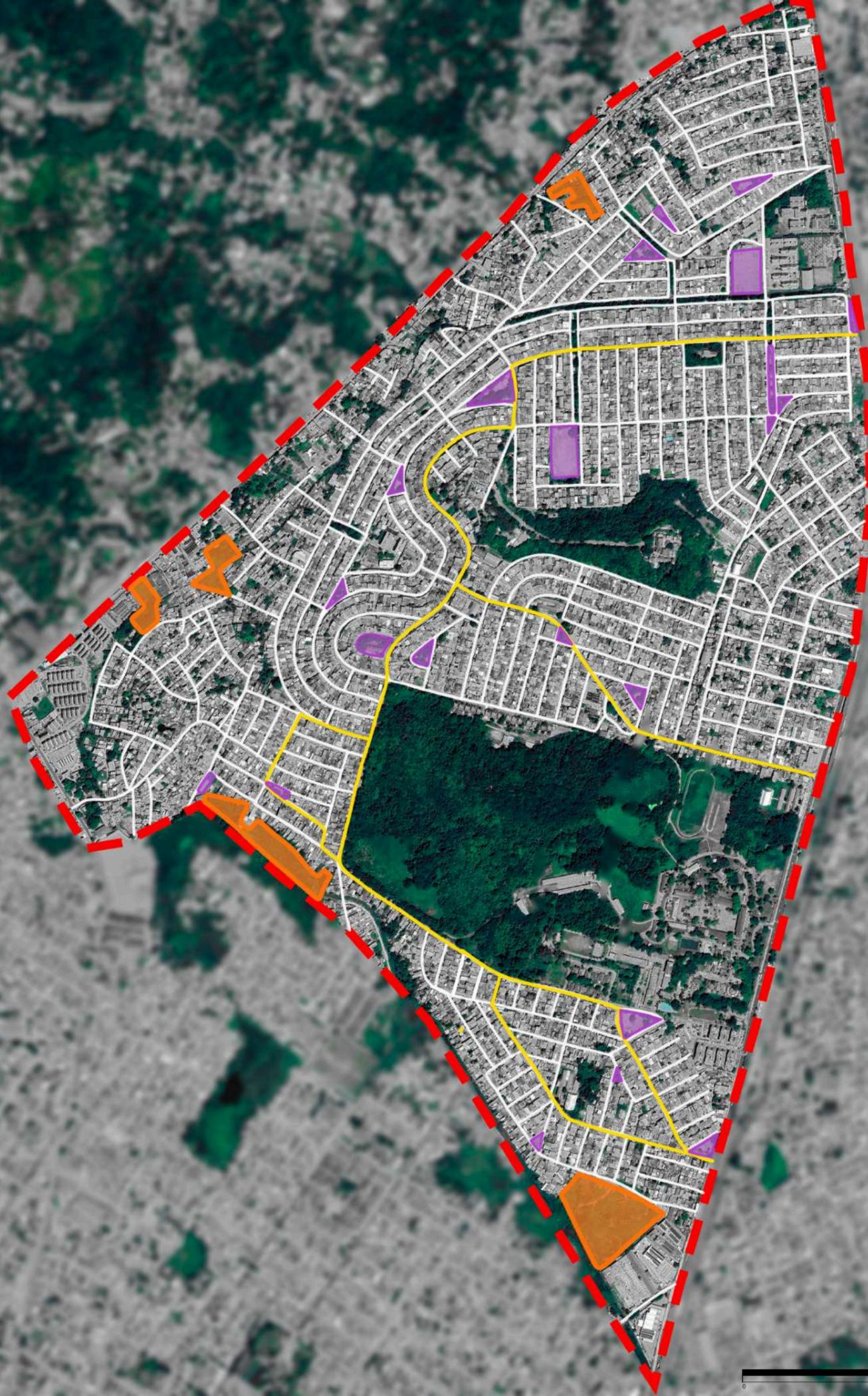
2.2 Diretrizes quanto à vegetação: A falta de arborização foi sentida em alguns espaços, bem como a má distribuição dessa vegetação, que acarreta em espaços com sensações de desconforto térmico em diversos momentos do dia, portanto criar um projeto de paisagismo visando uma melhor arborização para esses espaços é de extrema importância para garantir o conforto dos usuários, fazendo com que esses locais sejam convidativos e ocupados pelos moradores de maneira mais intensificada.

2.3 Diretrizes quanto à acessibilidade: Outro ponto observado e que demonstrou diversos problemas foi em relação a acessibilidade, assim como foi citado anteriormente, é um problema enfrentado em todo o bairro, por isso, propor uma reestruturação das calçadas com soluções que possibilitem a acessibilidade para todos e que sigam os parâmetros estabelecidos pela NBR 9050 é algo de extrema necessidade. Os rebaixamentos de guias, sinalizações verticais e horizontais (como faixa de pedestre, piso tátil, faixa de pedestre elevada, entre outros), rampas e corrimão, bem como a normatização das escadas, são algumas das soluções que garantem a mobilidade de todos os públicos e tornam esses espaços de fato acessíveis.

2.4 Diretrizes quanto aos mobiliários: Também é indispensável a manutenção e troca dos mobiliários danificados dentro das praças, os que são referentes às áreas de convivência (como os bancos e mesas), os que fazem parte dos espaços de recreação e os que são voltados para realização de exercícios físicos. Ademais, estabelecer mobiliários para os campos de futebol, como arquibancadas e bancos, e elementos de infraestrutura, como os banheiros públicos, para o uso dos espectadores e jogadores é fundamental para o funcionamento adequado desses espaços.

Todas as diretrizes propostas neste trabalho estão agrupadas e representadas de forma gráfica no mapa de diretrizes (figura x). Ademais, atuando em conjunto, visam transformar o bairro de Ouro Preto em um local mais confortável

e que garanta cada vez mais o bem-estar dos seus habitantes, promovendo o lazer e as atividades ao ar livre em comunidade.



## MAPA DE DIRETRIZES - LEGENDA:

### DENTRO DO PERÍMETRO DEMARCADO EM VERMELHO, IMPLANTAR AS DIRETRIZES REFERENTES AO 1º GRUPO:



- Recuperar as manchas verdes restantes e subutilizadas para que sejam destinadas à preservação e à criação de espaços públicos de lazer. (EM LARANJA)
- Planejar um sistema de arborização ao longo das vias;
- Propor um projeto de iluminação para as vias do bairro;
- Adequar as calçadas presentes no bairro para garantir a acessibilidade e possibilitar a mobilidade plena de todos os habitantes, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela NBR 9050;
- Prever um novo cronograma de circulação dos veículos de transporte público para uma espera de 10 minutos, em média;

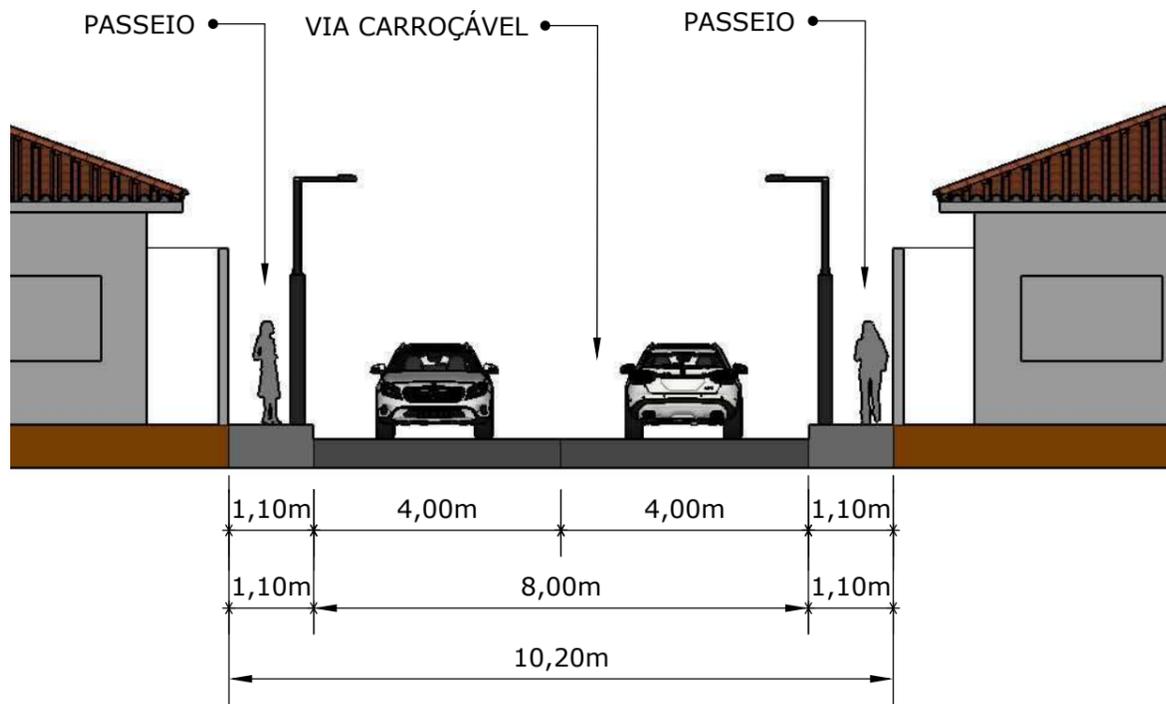
OBS: Observar perfis e vistas superiores que apresentam a requalificação para as vias locais (na cor branca) e coletoras (na cor amarela) do bairro.

### DENTRO DAS ÁREAS DEMARCADAS EM ROXO, IMPLANTAR AS DIRETRIZES REFERENTES AO 2º GRUPO:

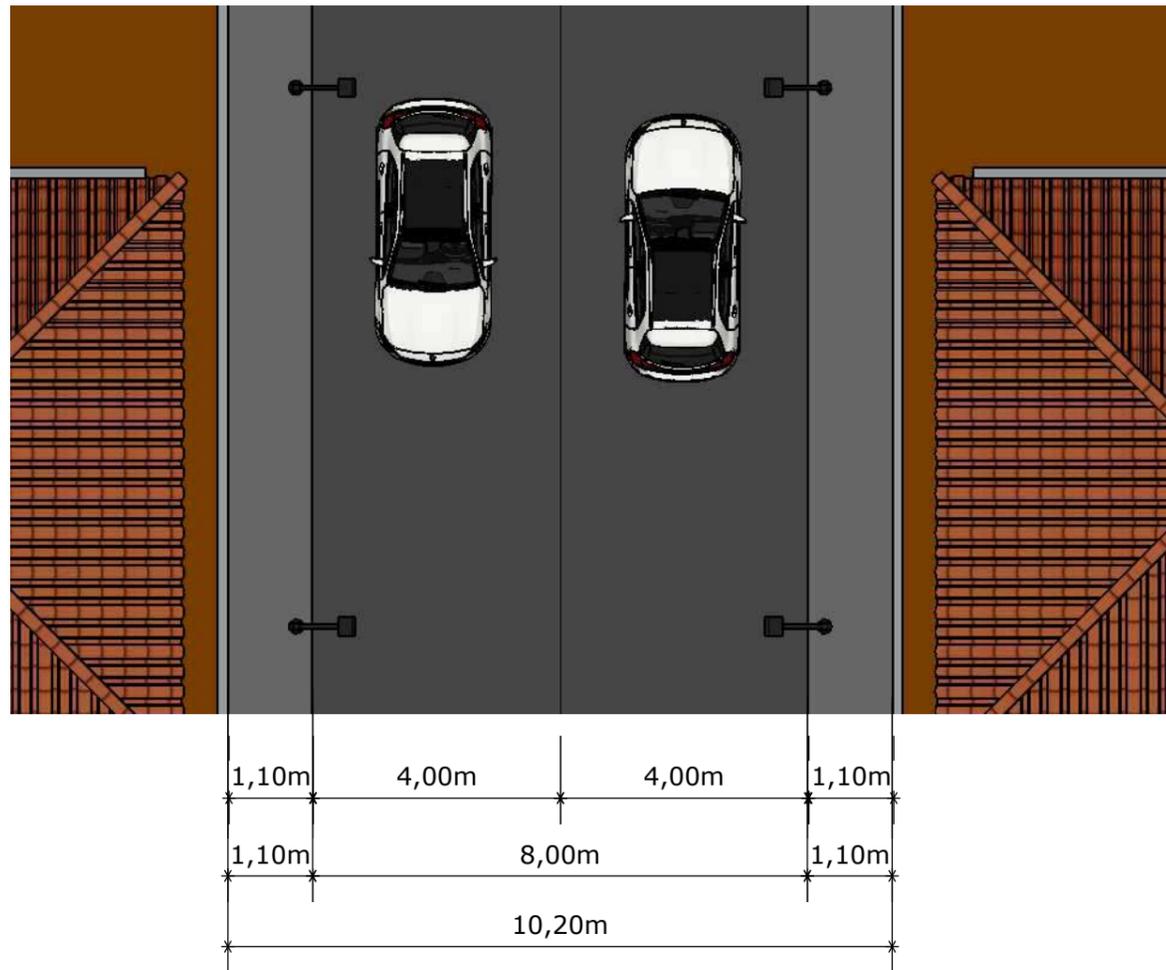


- Planejar e implantar uma iluminação pública eficiente;
- Criar um projeto de paisagismo visando uma melhor arborização para esses espaços;
- Propor uma reestruturação das calçadas com soluções que garantam a acessibilidade para todos, seguindo os parâmetros estabelecidos pela NBR 9050;
- Manutenção e troca dos mobiliários danificados presentes dentro das praças.

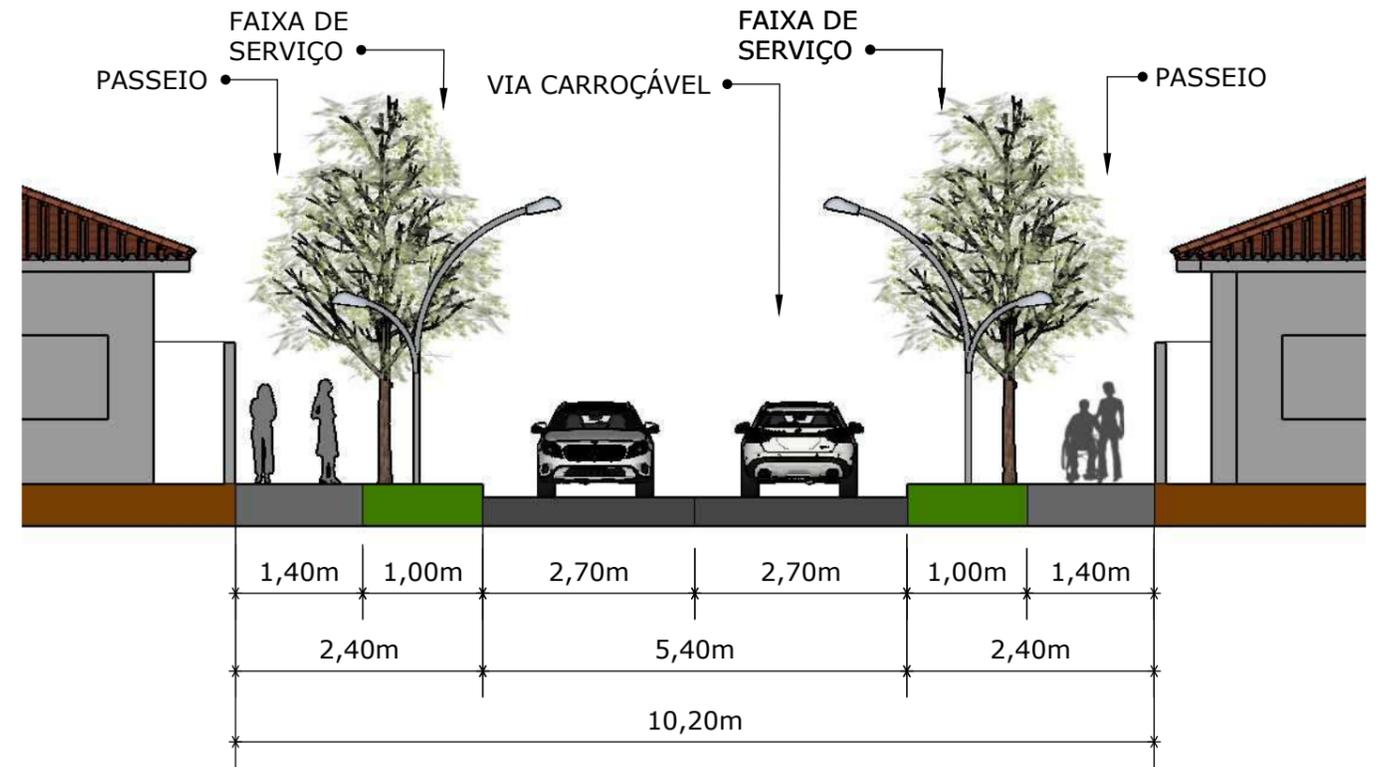




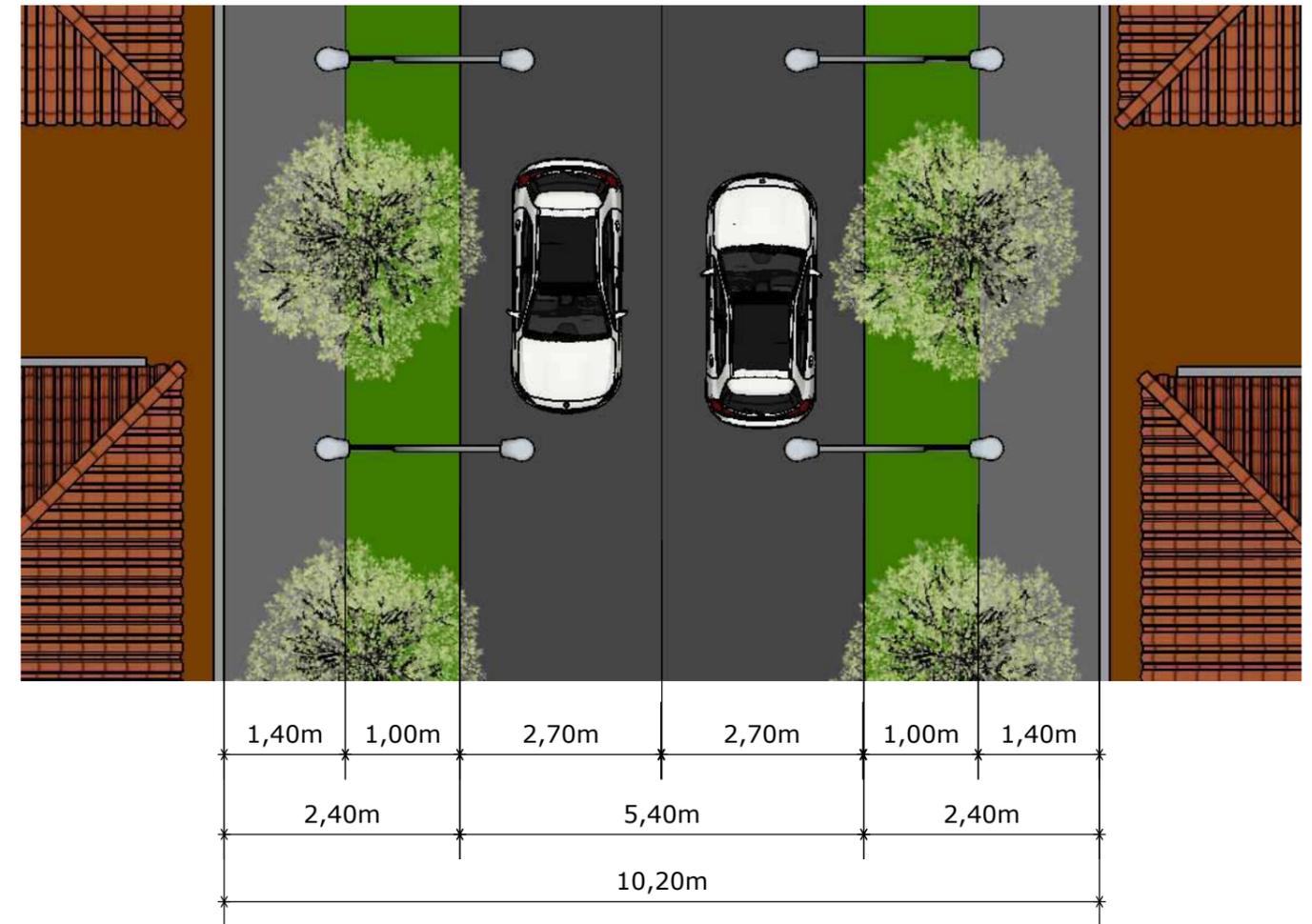
1 PERFIL VIA LOCAL - ATUALMENTE  
ESC: 1/100



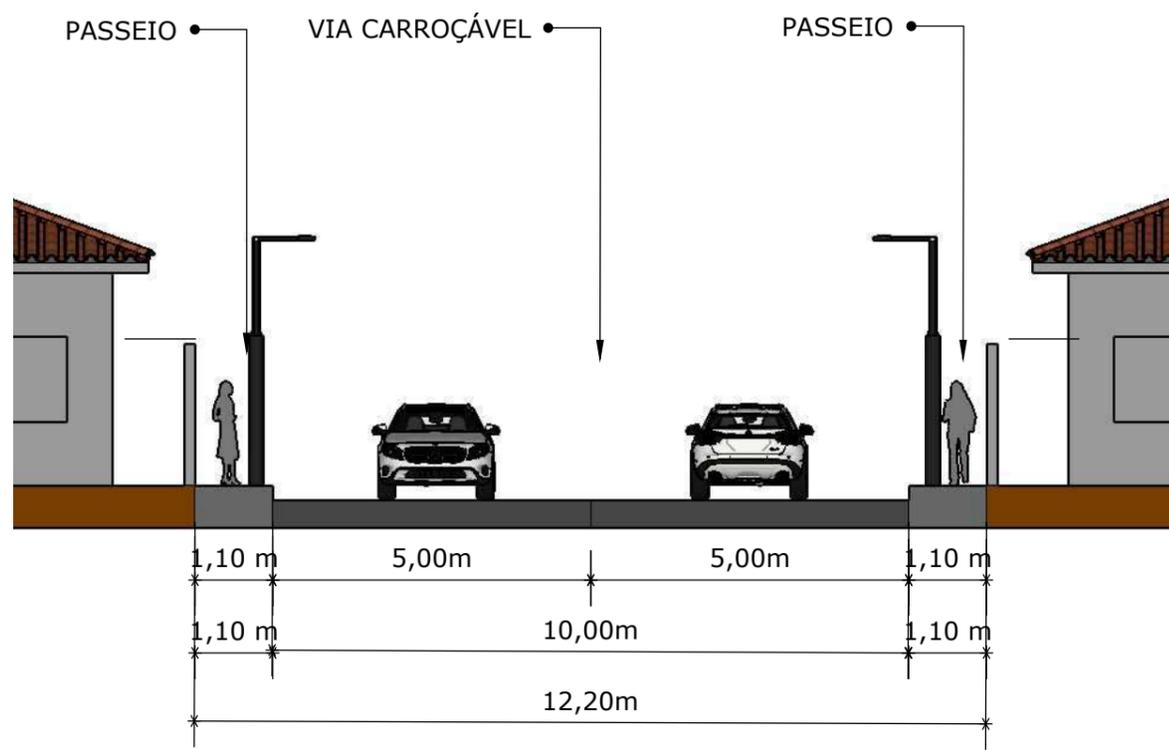
3 VISTA SUPERIOR VIA LOCAL - ATUALMENTE  
ESC: 1/100



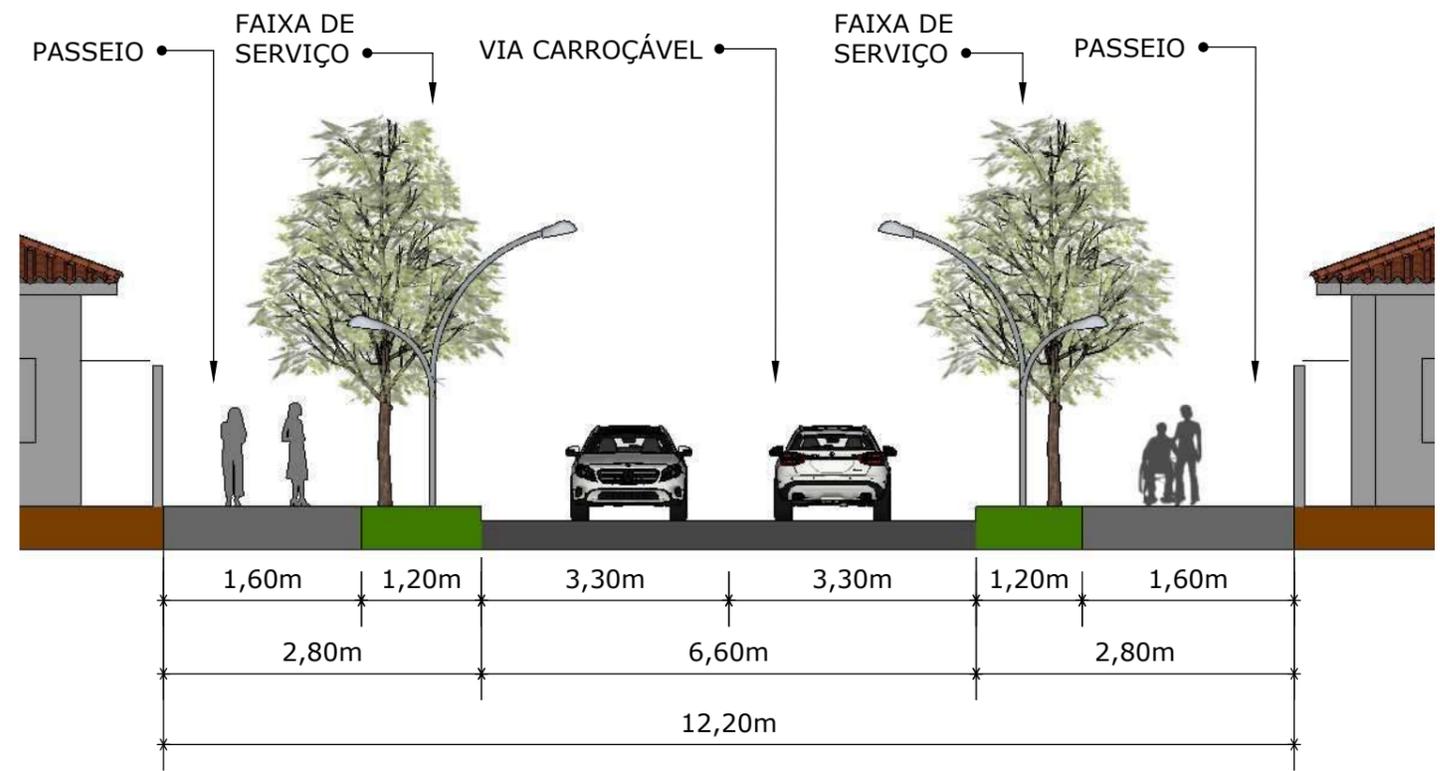
2 PERFIL VIA LOCAL - REQUALIFICAÇÃO  
ESC: 1/100



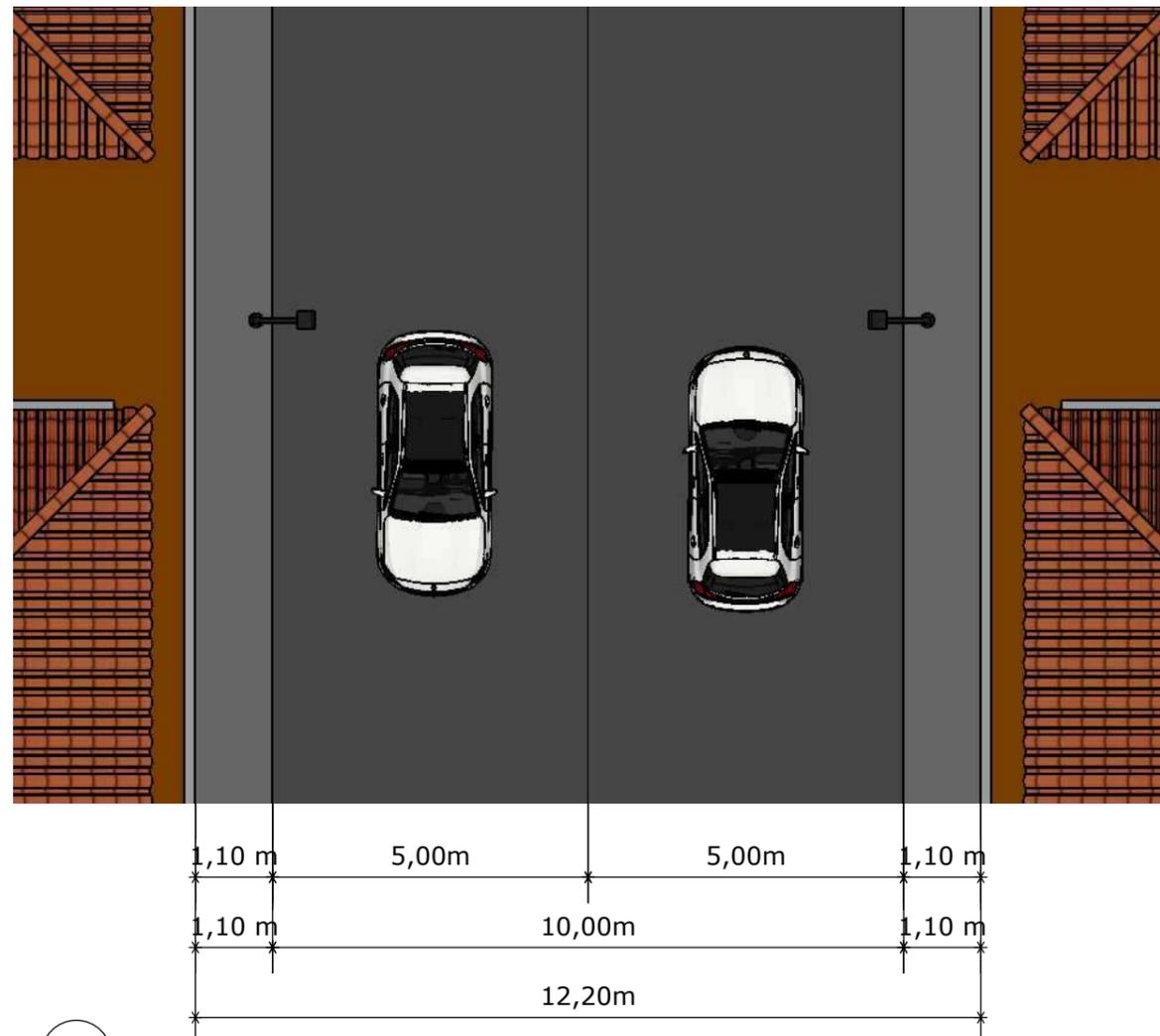
4 VISTA SUPERIOR VIA LOCAL - REQUALIFICAÇÃO  
ESC: 1/100



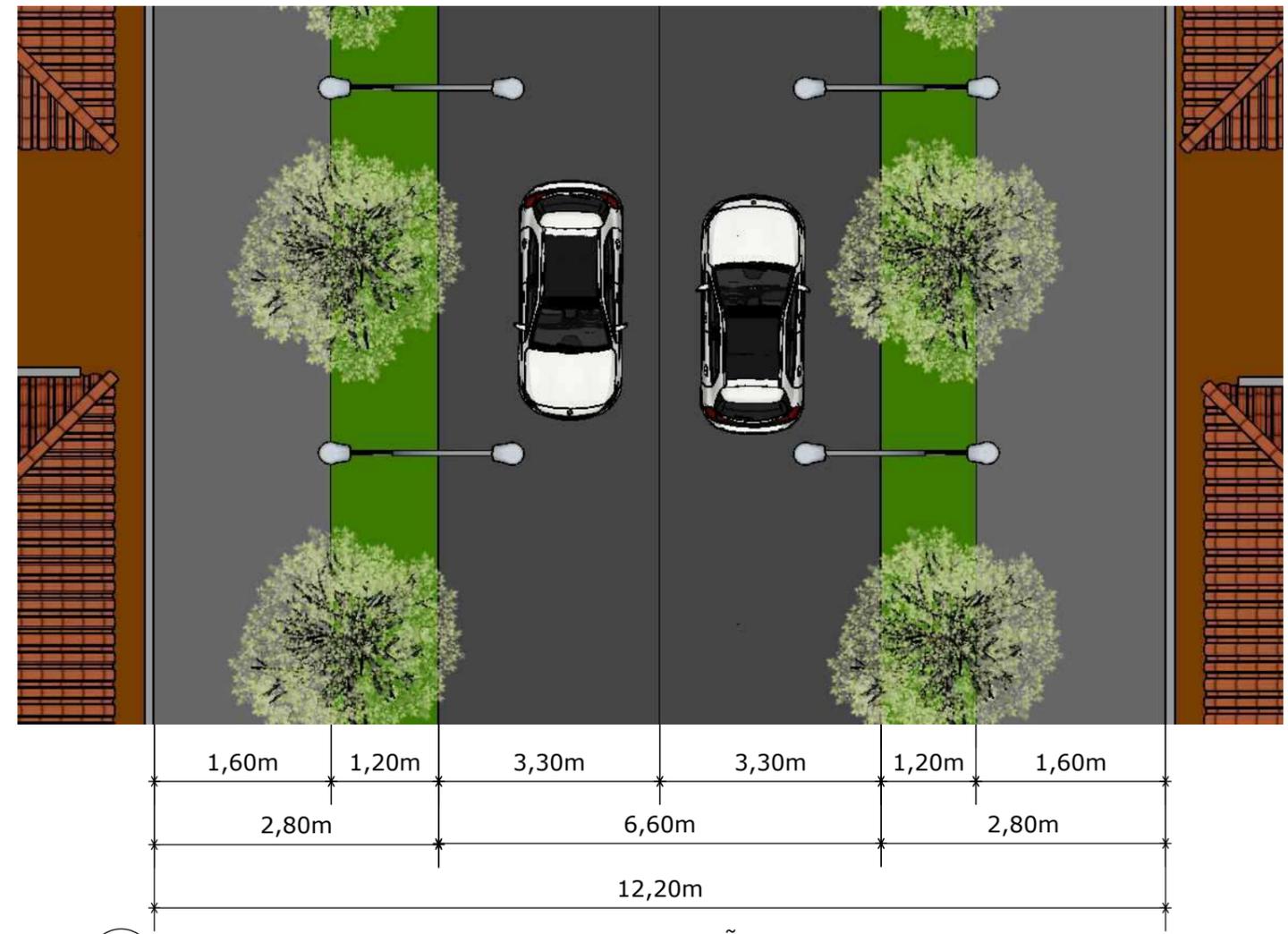
1 PERFIL VIA COLETORA - ATUALMENTE  
ESC: 1/100



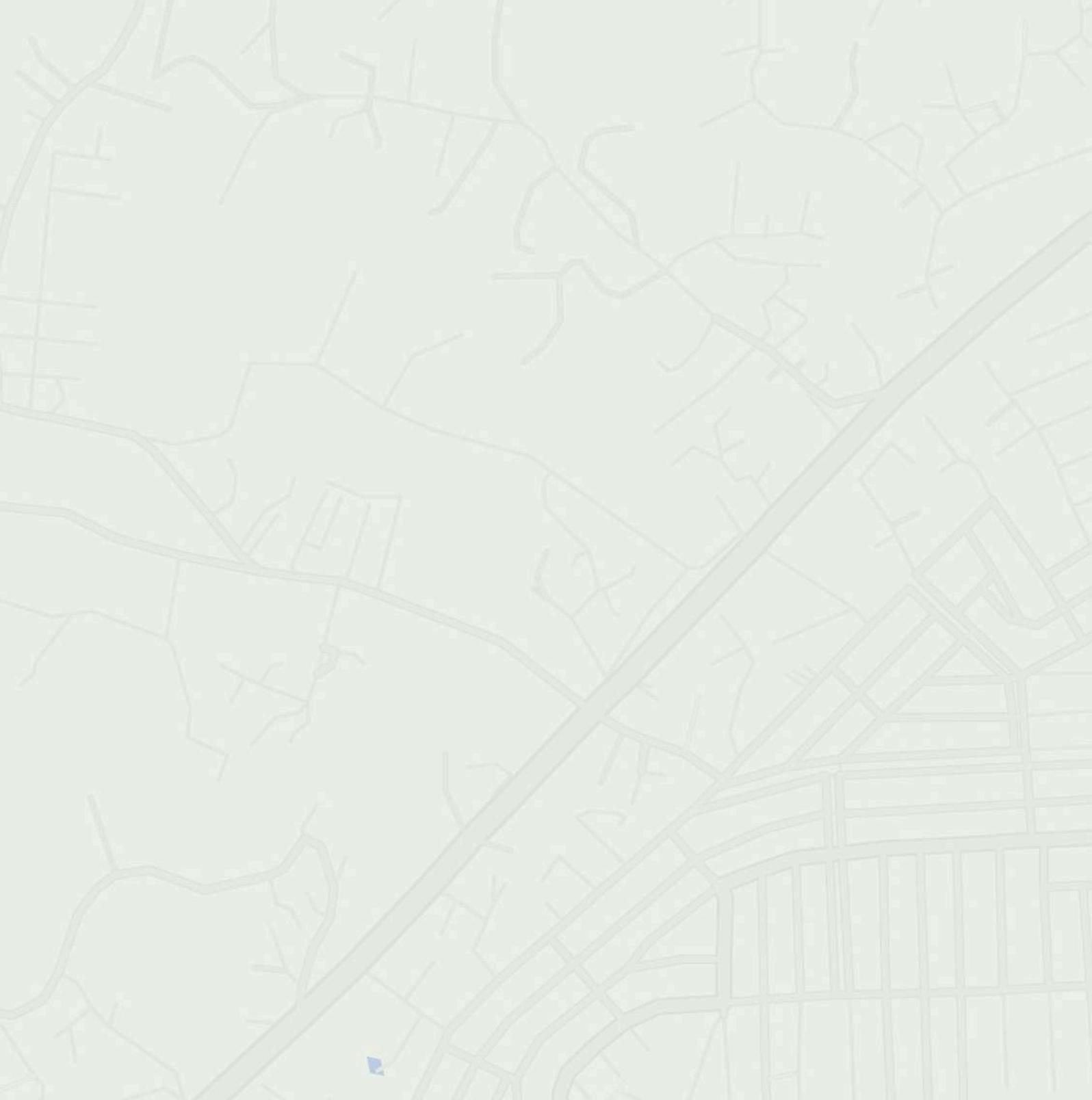
2 PERFIL VIA COLETORA - REQUALIFICAÇÃO  
ESC: 1/100



3 VISTA SUPERIOR VIA COLETORA - ATUALMENTE  
ESC: 1/100



4 VISTA SUPERIOR VIA COLETORA - REQUALIFICAÇÃO  
ESC: 1/100



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 6 - Considerações Finais

Em suma, pudemos compreender as diversas transformações que incidiram sobre o espaço público através do tempo, para que chegasse na conformação atual, caracterizado como espaço livre e feito para todos, sem distinções, e ainda dotado de diversas facetas que permeiam todas as áreas de estudo. Bem como, foi enfatizada a importância que esses espaços carregam como parte da urbe, servindo como um respiro em meio ao caos existente nos centros urbanos que afetam o cotidiano da população.

Foi possível observar que a presença de áreas que promovem a vida em comunidade e possibilitam a criação e estreitamento de laços entre os habitantes é imprescindível para o funcionamento da nossa sociedade. O presente trabalho trouxe em evidência a importância de olhar para esses espaços presentes nos bairros suburbanos, que na maioria das vezes são despercebidos pelo poder público e até mesmo pela própria população, através de uma análise dos diferentes tipos de espaços públicos presentes na área de estudo.

As praças e campos de futebol do bairro de Ouro Preto são bastante utilizados pela população, mesmo apresentando problemas de infraestrutura. Por isso, o trabalho teve como principal premissa lançar luz sobre as questões que permanecem latentes e impedem que esse uso seja ainda mais abrangente e confortável para todos os usuários. Portanto, o desenvolvimento em conjunto de análises quantitativas e qualitativas possibilitaram a identificação das necessidades que os espaços apresentam, além de perceber a carência de implantar novos espaços para suprir a demanda local.

Entretanto, algumas dificuldades foram encontradas durante o processo de construção do trabalho. A unibase do bairro se encontrava desatualizada em algumas partes, sendo fundamental a compatibilização desses dados para a continuação das análises. No que diz respeito às visitas de campo, a sensação de insegurança, principalmente no período da noite pela falta de iluminação adequada, dificultou a otimização da coleta de dados, sendo necessário mais tempo do que o previsto para a realização dessa etapa. A falta de informações mais detalhadas sobre os bairros dentro do site da Prefeitura de Olinda também foi um empecilho para a obtenção de alguns dados.

Olinda vai além do nosso prezado e valioso Sítio Histórico, ela também abrange todos os bairros suburbanos e periféricos que compõem a sua malha urbana e carregam a história de uma população consolidada há décadas no seu território. Por isso, vale questionar o porquê dessas áreas não receberem a atenção e o cuidado que precisam para se tornarem bairros referência em qualidade de vida? Visto que a apropriação do espaço já é algo tão característico em meio às defasagens urbanísticas.

Assim, a elaboração e proposição das diretrizes vai além do resultado de um estudo de caso, são meios de trazer avanços para o bairro e para os seus habitantes. É planejar a possibilidade de um cotidiano melhor através de espaços que permitam atividades ao ar livre, tornando o corpo social cada vez mais vivo. Portanto, espera-se que o estudo elaborado aqui incentive outros como esse, pois o cenário de Ouro Preto se replica em diversos outros bairros invisibilizados, como por exemplo Jardim Brasil, Peixinhos, Jardim Fragoso, Jardim Atlântico, Tabajara, Aguazinha, entre outros. Ademais, que as ideias ultrapassem a dimensão da escrita

e se concretizem através dos gestores e órgãos públicos incumbidos de promover essa mudança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana : memórias, rugosidades e metamorfoses: estudo dos parques urbanos 13 de Maio, Recife-Brasil e do Tiergarten, Berlim-Alemanha**. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

ALMEIDA, Érika Audet. **A articulação dos espaços públicos no Recife do século XIX**. MDU/UFPE, Recife: 2001, Dissertação de Mestrado.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. **O conceito de cidades-jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis**. Arquitextos, São Paulo, ano 04, n. 042.02, nov. 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>. Acesso em: 23 maio 2025.

AMORIM, N.C. R. **O sistema de espaços livres na forma urbana de Patos de Minas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2020.

BARDET, Gaston. **O urbanismo**. Campinas, Papirus, 1990.

BRASIL. Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979. Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1979. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6766.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm) . Acesso em: 13 abr. 2025.

CAMPOS, Rodrigo José de. **Importância e uso dos espaços públicos antes, durante e pós-pandemia**. Revista Thêma et Scientia, v. 12, n. 2E, Edição Especial Arquitetura e Urbanismo, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/1595/1471>. Acesso em: 22 abr. 2025.

CARNEIRO, Ana Rita Sá e MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/UFPE, 2000. 139p. [http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/12/ANAIS-XIII-COLO%CC%81QUIO-QUAPASEL\\_parte1c.pdf](http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/12/ANAIS-XIII-COLO%CC%81QUIO-QUAPASEL_parte1c.pdf)

CAVALHEIRO, F., DEL PICCHIA, P C. D. **Áreas verdes: conceitos, objetivos, diretrizes para o planejamento**. In: Encontro nacional sobre arborização urbana, 4, 1992.

CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; GUZZO, P.; ROCHA, Y. T. **Proposição de terminologia para o verde urbano**. Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 7-7, 1999.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Eliane Lisboa. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LLARDENT, L. R. A. **Zonas verdes y espacios libres en la ciudad**. Madrid: Closas Orcoyen, 1982.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. *Ambiência*, Guarapuava - Paraná, v. 1, n. 1, p. 125-139, set. 2005.

MAIOLI, Ricardo Nacari; SILVA, Douglas Eduardo Gomes da; RICARTE, Pietro Martinuzzo; SILVA, Fabiana Trindade da. **Análise da influência da vegetação em praças na mitigação de ilhas de calor urbano**. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO E EUROPEU SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 5., 2023. Anais [...]. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/euroelecs/article/view/3500>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MARTINS, Dayse Luckwü; ANDRADE, Patrícia Alonso de. **Indicadores urbanísticos para espaços públicos livres: estudo de caso com aplicação no bairro do Castelo Branco, João Pessoa, PB**. In: NEGRÃO, Ana Gomes; CANOVA, César Renato; CASTOR, Dimitri Costa; SILVEIRA, José Augusto Ribeiro da (org.). **Lugares e suas interfaces intraurbanas: qualidade de sistemas urbanos e edificados**. João Pessoa: LAURBE/UFPB, 2023. p. 203–222.

MARÓSTICA, Juliana Rodrigues; CORTESE, Tatiana Tucunduva Philippi; LOCOSSELLI, Giuliano Maselli; KNISS, Cláudia Terezinha. Sustentabilidade urbana e indicadores de área verde no município de São Paulo. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Taubaté, v. 17, n. 1, p. 450-463, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://www.rbgdr.net>. Acesso em: 10 mai. 2025.

NOGUERA, Juli Esteban. **La Ordenation Urbanística: conceptos, herramientas y prácticas**. Barcelona: Electa, 2003.

OLINDA (PE). Secretaria Municipal de Saúde. **Plano Municipal de Saúde de Olinda 2018–2021**. Olinda, 2018. Disponível em: [https://olinda.govbr.cloud/pronimtb/upload/Financeira/PMS%202018\\_2021%20FINAL\\_SA%C3%9ADE.pdf](https://olinda.govbr.cloud/pronimtb/upload/Financeira/PMS%202018_2021%20FINAL_SA%C3%9ADE.pdf). Acesso em: 19 abr. 2025.

ONU-HABITAT; SARAIVA, Alexia. **ONU-Habitat: população mundial será 68 % urbana até 2050**. As Nações Unidas no Brasil, Brasília, 1 jul. 2022.

Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-ser%C3%A1-68-urbana-at%C3%A9-2050>. Acesso em: 10 abr. 2025.

QUEIROGA, E. F., & BENFATTI, D. M. **Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico**. Paisagem e Ambiente, 2007.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras**. *Resgate*, Campinas, v. 19, n. 21, p. 25–35, jan./jun. 2011.

SANTOS, Luisa Acioli dos; SÁ CARNEIRO, Ana Rita. **O projeto de sistema de espaços livres públicos como estruturador da paisagem do Recife Parque Capibaribe e Jardim do Baobá**. In: QUAPASEL – XIII Colóquio de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, Anais, São Paulo, 2018.

Disponível em:

[http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/12/ANAIS-XIII-COLO%CC%81QUIO-QUAPASEL\\_parte1c.pdf](http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/12/ANAIS-XIII-COLO%CC%81QUIO-QUAPASEL_parte1c.pdf). Acesso em: 13 abr. 2025.

SEGAWA, Hugo Massaki. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SILVA, Lucas Pessoa da. **O poder terapêutico do verde: espaços livres públicos arborizados e a qualidade de vida urbana**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

TONETTI, E. L.; NUCCI, J.C; VALASKI, S. **Espaços Livres na Área Urbana de Paranaguá (Paraná, Brasil)**. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização urbana, Piracicaba, v. 7, n. 2, p. 37-50, 2012.